

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES



LÍVIA DOTTO MARTUCCI



**GRUDA! PROCESSOS EDUCATIVOS CARTOGRÁFICOS
EM ARTES VISUAIS**

UBERLÂNDIA - MG
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

LÍVIA DOTTO MARTUCCI



**GRUDA! PROCESSOS EDUCATIVOS CARTOGRÁFICOS
EM ARTES VISUAIS**

Artigo com produção prática apresentado ao curso Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes), na Universidade Federal de Uberlândia, como exigência para obtenção de título de Mestra em Artes.

Área de concentração: Processos de ensino, aprendizagem e criação em Artes.

Orientador: Prof. Dr. João Henrique Lodi Agreli.

UBERLÂNDIA - MG

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

M387g Martucci, Lívia Dotto, 1975-
2024 *GRUDA! Processos educativos cartográficos em artes visuais* [recurso eletrônico] / Lívia Dotto Martucci. - 2024.

Orientador: João Henrique Lodi Agrela.
Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Artes, Programa de Pós-graduação em Artes (PROFARTES).

Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/tufu.di.2025.5556>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Arte. 2. Cartografia. 3. Arte na educação - Curadoria. 4. Material didático. I. Agrela, João Henrique Lodi, 1980-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Artes. Programa de Pós-graduação em Artes (PROFARTES). III. Título.

CDU: 7

Rejane Maria da Silva
Bibliotecária-Documentalista – CRB6/1925



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Mestrado Profissional PROFARTES		
Defesa de: Dissertação de Mestrado Mestrado Profissional PROFARTES			
Data:	29/07/2024	Hora de início: 13: 30	Hora de encerramento: 15: 00
Matrícula do Discente: 12212MPA008			
Nome do Discente: LIVIA DOTTO MARTUCCI			
Título do Trabalho: Gruda! Processos educativos cartográficos em artes visuais			
Área de concentração:	Ensino de Artes		
Linha de pesquisa:	Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes		
Projeto de Pesquisa de Vinculação:	Processos de criação em arte, mídia e tecnologia		

Reuniu-se via teleconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional PROFARTES, assim composta: Professora Dra. Elsieini Coelho da Silva; Prof. Dr. Luís Muller Posca e Prof. Dr. João Henrique Lodi Agrell, orientador da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, o Prof. Dr. João Henrique Lodi Agrell apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente

Ata de Defesa - Pós-Graduação 12 (5544176) SEI 23117.045991/2024-23 / pg. 1

ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **João Henrique Lodi Agrell, Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/07/2024, às 15:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elsiene Coelho da Silva, Membro de Comissão**, em 29/07/2024, às 15:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luís Müller Posca, Usuário Externo**, em 29/07/2024, às 17:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5544176** e o código CRC **58CC7977**.

Referência: Processo nº 23117.045991/2024-23

SEI nº 5544176

*Dedico este trabalho a todas as mulheres que vieram antes de mim e àquelas que
virão, em nome da minha filha Frida, que perpetua nossa linhagem.
À mulher que me deu a vida, Elisabeth, e ao homem que me fez ser, Ricardo.
Os dois sempre juntos para o que der e vier. Obrigada!
Aos meus irmãos Dotto Martucci, sempre prontos.
Aos círculos de mulheres que me acompanham, já me acompanharam e me
acompanharão em minhas jornadas! Ahow!*

RESUMO

Este artigo é a pesquisa-intervenção das cartografias poéticas da curadoria, das ações educativas e do material didático de Arte/Educação do *Gruda! Arte Pública*, como também a caracterização de processos de ensino/aprendizagem e criação em Artes Visuais a partir de seus *Mapas Poéticos Pedagógicos*. Para tal, elencamos três pistas, a fim de nos guiarem no trabalho da pesquisa: *Pista 01. Do Grude ao Gruda!* Pesquisas autônomas e intervenções sociais por meio das Artes Visuais da Educação, de culturas colaborativas, circuitos/redes e arte urbana; *Pista 2. Da curadoria à cartografia*: percurso vivencial de transmutação entre a produtora, educadora e curadora para a pesquisadora e vice-versa; *Pista 3. Processos educativos cartográficos em Artes Visuais*: a descoberta da curadora-cartógrafa. É uma pesquisa qualitativa, com análises e reflexões associadas ao pensamento pós-estruturalista, por meio da perspectiva metodológica cartográfica (Passos; Kastrup; Escóssia, 2020), com procedimentos técnicos bibliográficos e exploratórios.

Palavras-chave: Cartografia; Curadoria; Artes Visuais; Material Didático; Arte/Educação; Coletivos.

ABSTRACT

This article is a research-intervention into the poetic cartographies of the curatorship, educational actions and art/education teaching materials of Gruda! Arte Pública, as well as the characterisation of teaching/learning and creation processes in Visual Arts based on its Pedagogical Poetic Maps. To this end, we have listed three tracks to guide us through the research: Track 01. From Grude to Gruda! Autonomous research and social interventions through Visual Arts Education, collaborative cultures, circuits/networks and urban art; Track 2. From curating to cartography: an experiential journey of transmutation from producer, educator and curator to researcher and vice versa; Track 3. Cartographic educational processes in Visual Arts: the discovery of the curator-cartographer. This is qualitative research with analyses and reflections associated with post-structuralist thinking, through the cartographic methodological perspective (Passos; Kastrup; Escóssia, 2020), with bibliographic and exploratory technical procedures.

Keywords: Cartography; Curatorship; Visual Arts; Didactic Material; Art/Education; Collectives.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - Mapa da Rede Social de Arte e Cultura Colaborativa CORO - Coletivos em Rede e Organizações.....	18
FIGURA 02 - Cartaz <i>Festival Reverberações - Artes e Cultura Colaborativa – 3^a ed. – 2008</i>	19
FIGURA 03 - Arte gráfica produzida pelo Coletivo Chilela Amarela para divulgação do Projeto <i>Vídeos Bastardos</i>	21
FIGURA 04 - <i>Parangolé P15, Capa 11, Incorporo a Revolta</i> , 1967. Hélio Oiticica. Técnica mista. Reprodução fotográfica: Cláudio Oiticica.....	23
FIGURA 05 - <i>Circuito Grude São Carlos 2018</i> - muro particular, à Av. Dr. Carlos Botelho, 2.894.....	23
FIGURA 06 - <i>Circuito Grude São Carlos 2018</i> – muro da Associação Veracidade.....	24
FIGURA 07 - Logo do projeto <i>Gruda! Arte Pública</i>	26
FIGURA 08 - Ilustração dos artistas do <i>Gruda! Arte Pública</i> nas regiões e cidades brasileiras.....	29
FIGURA 09 - Divulgação da artista Moara Tupinambá no <i>Gruda! Arte Pública</i>	30
FIGURA 10 - Obra <i>Txucarramãe em Mairi</i> , de Moara Tupinambá.....	31
FIGURA 11 - Divulgação dos artistas do Coletivo Madeirista no <i>Gruda! Arte Pública</i> ..	32
FIGURA 12 - Obra <i>Arqueoiconografia de Rondônia</i> , do Coletivo Madeirista.....	33
FIGURA 13 - Divulgação dos artistas do Coletivo Laboratório Labirinto no <i>Gruda! Arte Pública</i>	34
FIGURA 14 - Obra <i>Necessário ser margem</i> , do Laboratório Labirinto - Milla Serejo e Tácio Russo.....	34
FIGURA 15 - Divulgação da artista Fernanda Magalhães no <i>Gruda! Arte Pública</i>	35
FIGURA 16 - Obra <i>A Natureza da Vida</i> , de Fernanda Magalhães.....	36
FIGURA 17 - Divulgação do artista João Agreli no <i>Gruda! Arte Pública</i>	37
FIGURA 18 - Obra <i>Totem</i> , de João Agreli.....	38
FIGURA 19 - Divulgação da artista Clara Cauchick para sua intervenção ao vivo no <i>Gruda! Arte Pública</i>	39
FIGURA 20 - Obra <i>Manhã de Sol</i> , de Clara Cauchick.....	39
FIGURA 21 - Divulgação do artista André Costa no <i>Gruda! Arte Pública</i>	40

FIGURA 22 - Obras: 1 - <i>PRBR 36</i> , 2. <i>PRBR 39</i> , 3. <i>PRBR 46</i> , 4. <i>PRBR 22</i> , de André Costa.....	41
FIGURA 23 - Divulgação da artista Atalie Alves no <i>Gruda! Arte Pública</i>	42
FIGURA 24 - Obra <i>Operário da Borracha nº 7</i> , de Atalie Alves.....	43
FIGURA 25 - Divulgação da artista Liz Under no <i>Gruda! Arte Pública</i>	44
FIGURA 26 - Obra <i>Sem título</i> , de Liz Under.....	44
FIGURA 27 - Divulgação do Coletivo Xilomóvel no <i>Gruda! Arte Pública</i>	45
FIGURA 28 - Obra <i>Praça</i> , do Coletivo Xilomóvel.....	46
FIGURA 29 – Aula-espetáculo com Clara Cauchick (09/12/2021)	49
FIGURA 30 - Imagem a partir do Google Maps que disponibiliza a organização das obras no espaço do muro da escola EMEF "Dercy Célia Seixas Ferrari".....	50
FIGURA 31 - Arte gráfica da ação educativa <i>Arte Urbana e Processos Educativos</i>	52
FIGURA 32 - Arte gráfica da ação educativa <i>Meios e Fins das Artes Visuais na Cidade</i> com participantes.....	53
FIGURA 33 - Arte gráfica da ação educativa <i>Meios e Fins das Artes Visuais na Cidade</i>	54
FIGURA 34 - Arte gráfica da ação educativa <i>Arte Pública e Paisagem Cultural</i> com participantes.....	55
FIGURA 35 - Apresentação <i>Recife Arte Pública</i> - exibida ao vivo por Lucia Padilha 18/11/2022.....	56
FIGURA 36 - Apresentação <i>Arte Pública Cabixaba</i> exibida ao vivo por Prof. Dr. Aparecido José Cirillo 18/11/2022.....	57
FIGURA 37 - Arte gráfica da ação educativa <i>Arte Pública e Paisagem Cultural</i>	58
FIGURA 38 - Arte gráfica da ação educativa <i>Circuitos e Redes Culturais com/para/de Arte Urbana</i> com participantes.....	59
FIGURA 39 - Arte gráfica da ação educativa <i>Circuitos e Redes Culturais com/para/de Arte Urbana</i>	60
FIGURA 40 - Ilustração da participação regional nas ações educativas do <i>Gruda! Arte Pública</i>	61
FIGURA 41 - Primeiro mapa mental do projeto, enviado no ato da inscrição em 2020.....	63

FIGURA 42 - Último mapa mental do projeto, de 2022.....	64
FIGURA 43 - Coleção <i>Mapas de Visitação</i> , da Sorver Versos.....	70
FIGURA 44 - Imagem do <i>kit</i> do material didático <i>Mapas Poéticos Pedagógicos</i>	71
FIGURA 45 - Parte interna do <i>Mapa Poético Pedagógico</i> de Moara Tupinambá - <i>Terra</i>	73
FIGURA 46 - Parte externa do <i>Mapa Poético Pedagógico</i> do Laboratório Labirinto - <i>Margem</i>	73
FIGURA 47 - TDC Rede Arte - SME/PMRP - turma matutina.....	74
FIGURA 48 - TDC Rede Arte -SME/PMRP - turma noturna.....	74
FIGURA 49 - Laboratório Labirinto: livro de artistas - caderno de processos com registros da intervenção utilizando derivas e produções cartográficas na cidade de Salvador.....	77
FIGURA 50 - Arte gráfica da convocação ao <i>Programa Derivas - Cartografias do Chão</i>	80
FIGURA 51 – Reunião de fotografias a partir da experiência de frotagem do chão do início do percurso da travessia, assim como a criação da capa do mapa.....	81
FIGURA 52 - Reunião de fotografias a partir de experiências com frotagem em alto relevo, colagem e registros autômatos do percurso.....	82
FIGURA 53 – Reunião de fotografias a partir de experiências com frotagem feita com carvão, colagem e registros autômatos do percurso.....	82
FIGURA 54 - Reunião de fotografias a partir de experiências com frotagem com carvão, paisagens e registros autômatos do percurso. Agradecimentos.....	83
FIGURA 55 – Reunião de fotografias a partir de experiências com frotagem com giz do percurso e criação do mapa do chão da escola.....	83
FIGURA 56 – Reunião de fotografias a partir de experiências com registros do mapeamento.....	85
FIGURA 57 - Primeira visita ao entorno da escola - 2021.....	88
FIGURA 58 - Muro com as intervenções realizadas - 2022.....	88
FIGURA 59 - Muro da entrada da escola com as intervenções - 2021.....	88
FIGURA 60 - Equipe escolar apreciando as obras - 2021.....	89

LISTA DE ABREVIASÕES E SIGLAS

CAASO -	Centro Acadêmico Armando Salles de Oliveira
CEEEF -	Centro de Educação Especial e Ensino Fundamental
CITAR -	Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes
CORO -	Coletivos em Rede e Organizações
EJA -	Educação de Jovens e Adultos
EMEF -	Escola Municipal de Ensino Fundamental
LAB -	Lei Aldir Blanc
MACACO -	Movimento Artístico e Cultural
MOVA -	Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos
PEB -	Professora da Educação Básica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 PISTA 1 - DO GRUDE AO GRUDA!.....	17
3 PISTA 2 - DA CURADORIA À CARTOGRAFIA.....	28
3.1 <i>Gruda! Arte Pública</i>	30
3.1.1 Norte, com a artista Moara Tupinambá, de Mairi/Pará.....	30
3.1.2 Norte, com o Coletivo Madeirista, de Porto Velho/Rondônia.....	32
3.1.3 Nordeste, com o Coletivo Laboratório Labirinto, de Recife/Pernambuco.....	33
3.1.4 Sul, com Fernanda Magalhães, de Londrina/Paraná.....	35
3.1.5 Sudeste, com João Agreli, de Uberlândia/Minas Gerais.....	37
3.1.6 Sudeste, com Clara Cauchick, de Ribeirão Preto/São Paulo.....	38
3.1.7 Sudeste, com André Costa, de Ribeirão Preto/São Paulo.....	40
3.1.8 Sudeste, com Atalie Alves, de Franca/São Paulo.....	42
3.1.9 Sudeste, com Liz Under, de Araraquara/São Paulo.....	43
3.1.10 Sudeste, com o Coletivo Xilomóvel, de Campinas/São Paulo.....	45
3.2 Curadoria e paisagem urbana.....	47
3.3 Ações educativas virtuais.....	51
3.4 Mapas mentais e cartografia.....	61
4 PISTA 3 - PROCESSOS EDUCATIVOS CARTOGRÁFICOS EM ARTES VISUAIS.....	66
4.1 Palavras geradoras.....	67
4.2 Material pedagógico de Arte/Educação.....	69
4.3 Formação de educadores e multiculturalidade.....	74
4.4 Experiências didáticas com o <i>Mapa Poético Pedagógico - Margem – Laboratório Labirinto</i>	76
4.4.1 Experiência 01 - Uberlândia/Minas Gerais.....	81
4.4.2 Experiência 02 - Ribeirão Preto/São Paulo.....	83
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	94
APÊNDICE A - <i>Mapa Gruda! Arte Pública</i> - Institucional.....	98
APÊNDICE B - <i>Mapa Poético Pedagógico – Trabalho - Atalie Alves Gruda! Arte Pública</i>.....	99

APÊNDICE C - <i>Mapa Poético Pedagógico - Vida</i> - Clara Cauchick – <i>Gruda! Arte Pública</i>	100
APÊNDICE D - <i>Mapa Poético Pedagógico - Resíduo</i> - André Costa – <i>Gruda! Arte Pública</i>	101
APÊNDICE E - <i>Mapa Poético Pedagógico - Fé</i> - João Agreli - <i>Gruda!</i> <i>Arte Pública</i>	102
APÊNDICE F - <i>Mapa Poético Pedagógico - Cultivo</i> - Liz Under - <i>Gruda!</i> <i>Arte Pública</i>	103
APÊNDICE G - <i>Mapa Poético Pedagógico - Corpo</i> - Fernanda Magalhães - <i>Gruda! Arte Pública</i>	104
APÊNDICE H - <i>Mapa Poético Pedagógico - Água</i> - Coletivo Madeirista <i>Gruda! Arte Pública</i>	105
APÊNDICE I - <i>Mapa Poético Pedagógico - Praça</i> - Coletivo Xilomóvel - <i>Gruda! Arte Pública</i>	106
APÊNDICE J - <i>Mapa Poético Pedagógico - Terra</i> - Moara Tupinambá - <i>Gruda! Arte Pública</i>	107
APÊNDICE K - <i>Mapa Poético Pedagógico – Margem</i> – Laboratório Labirinto - <i>Gruda! Arte Pública</i>	108

1 INTRODUÇÃO

É honroso, desafiante e gratificante poder apresentar, neste momento, percursos profissionais entrelaçados a conceitos e conexões em pesquisas acadêmicas, nos campos das Artes Visuais, Arte/Educação¹, culturas colaborativas, coletivismos, circuitos e redes artísticos e culturais, perpassando as políticas públicas culturais emergenciais que possibilitaram a realização das ações de pesquisa.

Também é a oportunidade de produzir um pequeno levantamento histórico e autobiográfico, no sentido de cartografar, com pequenos bordados, os caminhos percorridos até então, entrelaçados por referências de pesquisadoras e pesquisadores que alinhavam a costura, além de mediar processos educativos cartográficos nas Artes Visuais, a partir de um material didático de Arte/Educação, isto é, propiciar um *exercício cartográfico*. Segundo Mattar (2016),

[...] a possibilidade de exercitar a autoria do processo de planejamento de ensino, considerando tanto suas tendências poéticas quanto a realidade da escola em que atuam e as necessidades de seus alunos. Tal perspectiva envolve, substancialmente, a reflexão crítica e a imaginação criadora, que têm no exercício cartográfico um grande aliado (Mattar, 2016, p. 252).

O *Gruda! Arte Pública* é o resultado da premiação no Edital ProAC Expresso LAB Nº 51/2020 – Eixo Premiação Artes Visuais no Estado de São Paulo - Prêmio por Histórico de Realização em Artes Visuais², financiado pelo Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, sendo o 11º colocado na classificação geral do edital, o 3º na cota do interior e o 1º na cidade de Ribeirão Preto. Além disso, foi o 1º colocado no Exame Nacional de Acesso ao Mestrado Profissional em Artes - PROF-ARTES do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, na linha de pesquisa “Processos de ensino, aprendizagem e criação em Artes”, sob orientação do Prof. Dr. João Henrique Lodi Agreli.

A elaboração desta tese segue as seguintes abordagens:

- a valorização das Artes Visuais brasileiras, por meio da produção gráfica de cartazes lambe-lambe, como também arte mural/grafite, com curadoria de 10

¹ Barbosa (2010, p. 21) afirma que, em consulta à linguística, "[...] a barra, com base na linguagem de computador, é que significa 'pertencer a'.

² <https://proac.sp.gov.br/proac-editais/edital-proac-expresso-lab-no-512020-eixo-premiac%CC%A7a%CC%83o-artes-visuais-no-estado-de-sa%CC%83o-pf-inscric%CC%A7o%CC%83es-de-17-09-a-03-11/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

artistas, com diversidades poéticas, geográficas e de expressões culturais e que relacionam arte urbana conjuntamente a processos educativos;

- a interação do público da comunidade da Escola Municipal de Ensino Fundamental "Dercy Célia Seixas Ferrari", localizada no Jardim das Palmeiras, cidade de Ribeirão Preto/SP, a partir das intervenções artísticas em seus muros externos e processos educativos nas aulas de Artes;
- a produção de material pedagógico elaborado para educadores e educandos, distribuídos principalmente aos professores de Artes da Prefeitura do Município de Ribeirão Preto, aos artistas, à equipe e a algumas instituições;
- a reflexão da produção artística brasileira em relação aos eixos conceituais do projeto, como também à pesquisa e ao ensino, por meio de ações educativas.

Posto isto, o objetivo desta pesquisa é se colocar como autora docente e analisar e refletir as cartografias poéticas da curadoria, das ações educativas e do material didático de Arte/Educação do *Gruda! Arte Pública*, denominado *Mapas Poéticos Pedagógicos*, contextualizando-os no âmbito do campo acadêmico e caracterizando processos de ensino/aprendizagem e criação em Artes Visuais.

Para tanto, elencamos três pistas norteadoras no trabalho da pesquisa: Pista 01. Do Grude ao Gruda!: pesquisas autônomas e intervenções sociais por meio das Artes Visuais, da educação, de culturas colaborativas, circuitos/redes e arte urbana; Pista 2. Da curadoria à cartografia: percurso vivencial de transmutação entre a produtora, educadora e curadora, para a pesquisadora e vice-versa; Pista 3. Processos educativos cartográficos em Artes Visuais: a descoberta da curadora-cartógrafa. Conforme Passos, Kastrup, Escóssia,

[...] Apresentamos pistas para nos guiar no trabalho da pesquisa, sabendo que para acompanhar processos não podemos ter predeterminada de antemão a totalidade dos procedimentos metodológicos. As pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e da calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa [...] (Passos; Kastrup; Escóssia, 2020, p. 13).

É uma pesquisa-intervenção de caráter qualitativo, com análise e reflexões associadas ao pensamento pós-estruturalista por meio da perspectiva metodológica cartográfica, com procedimentos técnicos bibliográficos e exploratórios.

Segundo Passos e Barros (2020, p. 17), "[...] a diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto de pesquisa, o pesquisador e seus resultados".

Assim, entendemos que a cartografia, como método de pesquisa-intervenção, pressupõe uma orientação de trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo por regras já prontas, e nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método, sem renunciar à orientação do percurso da pesquisa.

Nesta linha, no primeiro momento denominado Pista 1, caracterizamos as origens e os conceitos dos processos de produções artísticas e culturais, nos quais a curadora-cartógrafa fez sua experiência para a criação e a execução dos objetivos traçados. Artistas como André Mesquita (2008), Claudia Paim (2009) e Rebecca Solnit (2016) cartografaram, respectivamente, a arte ativista e as ações coletivas, os coletivos e as iniciativas coletivas, e a história do caminhar das mulheres em espaços públicos. São tecidos e redes de conhecimentos e ações que se conectam, reverberam e se amplificam.

Neste sentido, Mesquita assim se expressa:

A cartografia – arte e técnica de confecção de mapas – é um método de trabalho com dupla função: percorrer e detectar a paisagem, seus acidentes, suas transformações e, ao mesmo tempo, apresentar as condições necessárias para seu conhecimento e assinalar as vias de acesso através dele. Ao contrário do que acontece com os mapas tradicionais, que delimitam as áreas tal como eram definidas pela geopolítica, a cartografia se constrói ao mesmo tempo que o território. Ou seja, ela relata, descreve uma experiência do olhar que descobre e registra simultaneamente, proporcionando, ao final da viagem, uma leitura que é, em si, o espaço de compreensão e superação do território (Mesquita, 1993, p. 03).

A experiência de habitar o território da pesquisa por meio da cartografia torna a paisagem e seus caminhos amplificados de redes, de simultaneidades e de referências que só acontecem com quem faz o percurso de mãos dadas com o objeto pesquisado. Seguindo para o segundo momento da pesquisa, designado como Pista 2, percorremos os traços e os pontos da curadoria ao encontro com a cartografia.

Para tanto, trouxemos pesquisadores como Ivair Reinaldim (2015), Cauê Alves (2010), Cristiana Tejo (2010), Lisette Lagnado (2008), Ivo Mesquita (1993) e Jens Hoffmann (2017), para dialogarmos sobre arte contemporânea e o papel da curadoria. Outros pesquisadores como Denise Milan (1998) e Flávio Motta (1977) pontuam-nos sobre a cidade e a arte pública; Tony Buzan (2009) mostra-nos mais sobre a eficiência dos mapas mentais e, Luciano Bedin da Costa (2014), Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2020) nos agraciam com as pistas do método da cartografia.

A curadora-cartógrafa assume-se, nesta pista, como pesquisadora do material didático de Arte/Educação do *Gruda!* e "artista-se" para os processos educativos cartográficos em Artes Visuais, por meio dos *Mapas Poéticos Pedagógicos*.

Ingressamos então no terceiro momento, na Pista 3, em que a cartografia se entrelaça ao método Paulo Freire (2005, 2016), à Educação Multicultural e às práticas do caminhar e suas pedagogias, focando as derivas. Os *Mapas Poéticos Pedagógicos* do *Gruda!* e suas reverberações auxiliam-nos, enquanto propostas para práticas pedagógicas, a caracterizar os processos de ensino/aprendizagem e criação em Artes Visuais, por meio de ações de formação de professores e de práticas no Ensino Fundamental e no Ensino Superior.

Para esse momento, utilizamos o apoio de Johnny Alvarez (2020), Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros (2020), a fim de nos adensarmos ainda mais na cartografia, como método de pesquisa-intervenção e como território existencial. Mesquita (1993) vem nos iluminar com a sua conceituação de curadora-cartógrafa, que nos coube perfeitamente na apropriação do papel de pesquisadora diante da pesquisa. Freire (2005, 2016) encanta-nos e nos traz as palavras geradoras.

Adentrando os caminhos da Arte/Educação, Rejane Coutinho (2011) nos guia na formação de professores e, Ivone Mendes Richter (2011), no campo da multiculturalidade. Por sua vez, Verônica Veloso (2021) embasa encantadoramente nossas práticas educativas, a partir dos *Mapas Poéticos Pedagógicos*.

Chegamos, então, às reflexões sobre o que o processo de pesquisa almeja responder: “Quais experiências foram concebidas em processos educativos cartográficos nas Artes Visuais, a partir da experiência do *Gruda!* e de seus *Mapas Poéticos Pedagógicos*?”.

2 PISTA 1 - DO GRUDE AO GRUDA!

"As práticas coletivas são políticas."

Claudia Paim
(*in memoriam*)

Durante anos, trabalhei em intersecções de pesquisas autônomas e intervenções sociais por meio das Artes Visuais, Educação, culturas colaborativas, circuitos/redes e arte urbana: chegou a oportunidade de refletir e contextualizar esses processos no âmbito da Academia.

Para que seja possível traçar fios condutores e tecer esta pesquisa, há a necessidade de um pequeno levantamento histórico e autobiográfico, a fim de cartografar, com pequenos bordados, os caminhos percorridos e entrelaçados por referências de pesquisadoras e pesquisadores que alinhavam a costura.

Iniciando o percurso, caminharemos primeiramente pelas culturas colaborativas, que me acompanharam através de experiências e participações – de 2006 a 2014 – na Rede Social de Arte e Cultura Colaborativa CORO³ - Coletivos em Rede e Organizações, focalizada por Flavia Vivacqua⁴ (2024). Segundo ela,

[...] foi uma organização em rede e comunidade de prática colaborativa, formada em 2003 por profissionais ativos no panorama cultural Brasileiro, com experiências em processos coletivos de trabalho e criação. A rede CORO, alcançava todo o território nacional e estabeleceu intercâmbios com EUA, Europa, América Latina e Ásia. Estava voltada para a produção, circulação e difusão da cultura colaborativa, bem como inovação em gestão e organização em rede; A comunicação direta entre os agentes das artes e ativistas, bem como instituições culturais e governamentais com a articulação e mobilização para ações sócio-culturais-ambientais conjuntas. Além de possibilitar a democratização das práticas artísticas atuais com a criação de arquivos e acervo histórico para disponibilização pública (Vivacqua, 2024).

Para que possamos ter uma breve ideia de o que foi essa incrível rede de comunicação, contato, sentidos, conexões, amizades, trabalhos e muitas reverberações, na Figura 01 apresentamos um mapa publicado pelo Coletivo Poro⁵

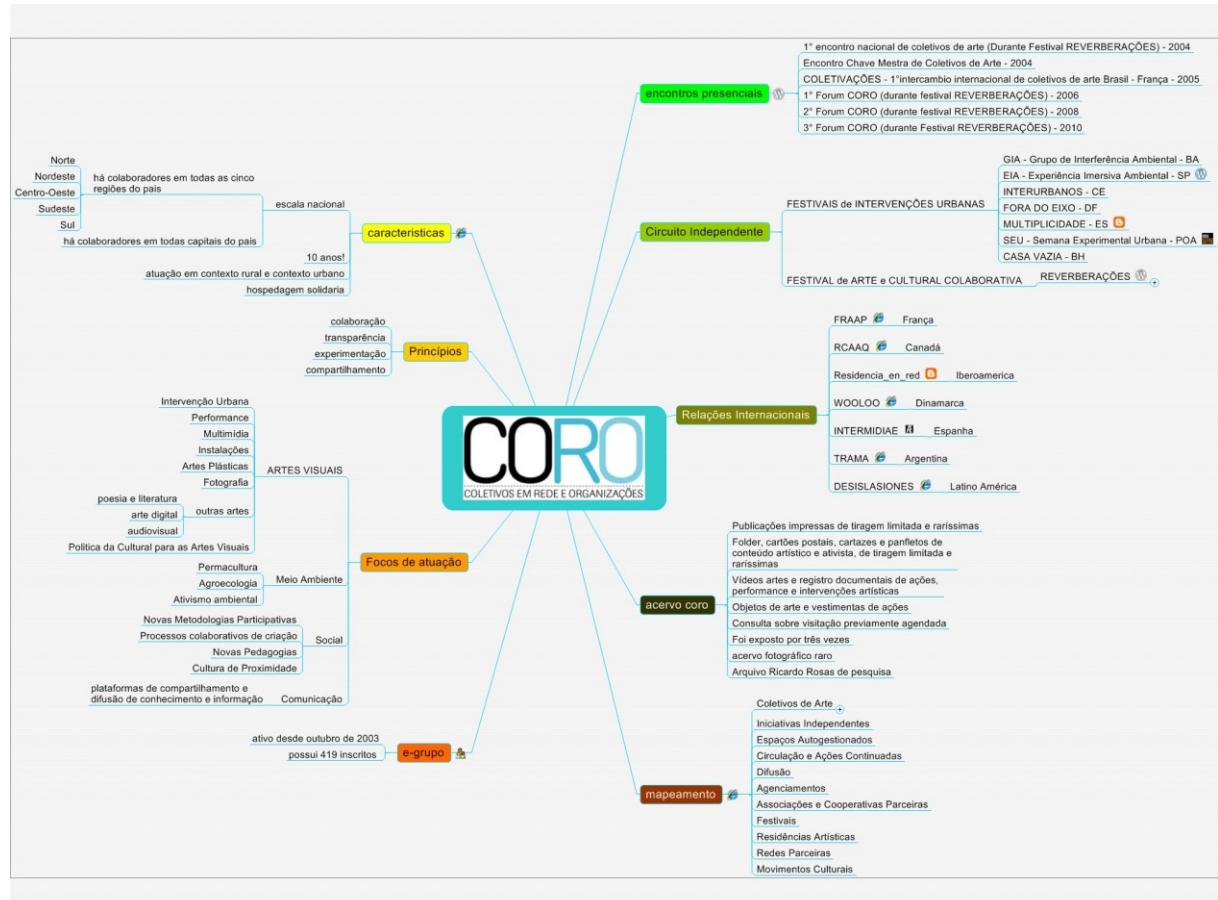
³ Rede Social de Arte e Cultura Colaborativa CORO - Coletivos em Rede e Organizações - ativa por meio do corocoletivo@yahoo.grupos.com.br, de setembro de 2003 a setembro de 2014.

⁴ Profissional com três décadas de experiência, iniciando no setor da Arte e Cultura e no terceiro setor, com interface entre gestão, educação e sustentabilidade. Sendo pioneira, participou de projetos que trouxeram para o Brasil metodologias para a cocriação, colaboração, autogestão organizacional, responsividade em complexidade e *design* de culturas regenerativas. (Fonte: <https://br.linkedin.com/in/flaviavivacqua>. Acesso em: 04 maio 2024).

⁵ O Poro é uma dupla de artistas formada por Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada. Também conhecido como Grupo Poro ou Coletivo Poro, atua desde 2002 na realização de intervenções urbanas e ações efêmeras que tentam levantar questões sobre os problemas das cidades através de

em seu *site*, no espaço Matilha Cultural/São Paulo, dentro da programação do *Reverberações 2010*, entre 7 e 10 de julho de 2010, durante a exposição do Acervo *Coletivos em Rede e Organizações*⁶.

Figura 01 - Mapa da Rede Social de Arte e Cultura Colaborativa CORO - Coletivos em Rede e Organizações



Fonte: Poro (2010).

O CORO Coletivo, como se denominava cotidianamente, trouxe os caminhos de criações coletivas, colaborativas e em rede, principalmente nas Artes Visuais, que estabeleceremos nesta teia de construção de conhecimentos e referências. Ofereceu oportunidades para amadurecimento e investigações na criação de mapas conceituais, mapas mentais e o princípio do que vamos denominar, mais à frente, como cartografias poéticas.

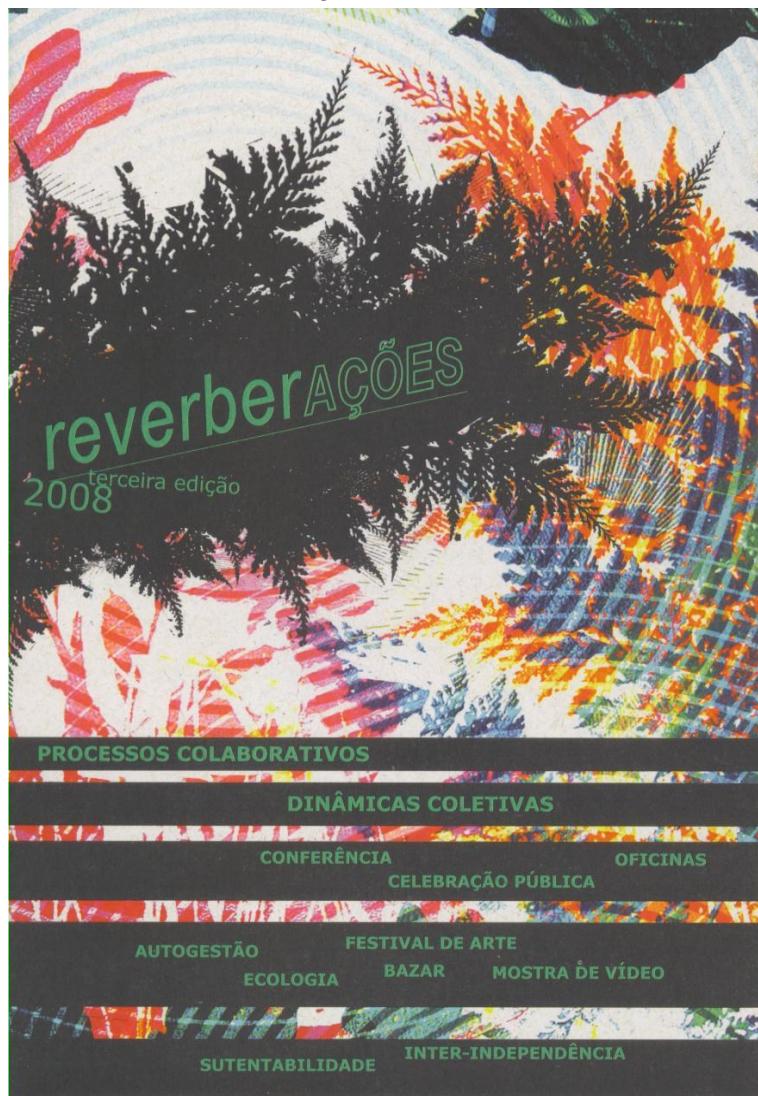
uma ocupação poética e crítica dos espaços (Fonte: <https://poro.redezzero.org>. Acesso em: 04 maio 2024).

⁶ Acervo Coro e Banco de Dados. (Fonte: <https://web.archive.org/web/20131226221407/http://corocoletivo.org/acervo-coro-e-banco-de-dados/>. Acesso em: 01 maio 2024).

O já citado *Festival Reverberações - Artes e Cultura Colaborativa*, que aconteceu entre junho de 2004 e outubro de 2010 e do qual participei ativamente em 2008 (Figura 02), atrelou concepções e articulações de redes, de artistas e um mergulho na diversidade cultural brasileira e do exterior. Novamente, trazemos Vivacqua (2024), contextualizando o festival:

Cultura Colaborativa baseia-se no conceito de que o fazer criativo se dá pela informação e conhecimento livre e compartilhado. Trata-se de um encontro aberto e participativo, que articula e agrupa diferentes profissionais que trabalham com novas metodologias, processos coletivos de criação e/ou iniciativas culturais colaborativas atuantes nas cinco regiões brasileiras e no exterior. O Reverberações agrupa princípios como: colaboração, autogestão, autonomia e inter-independência na produção atual das artes visuais e cultura brasileira. Isso prevê a arte também em relacionamento com a ecologia, política, questões sociais e de trabalho, entre outros (Vivacqua, 2024).

Figura 02 - Cartaz *Festival Reverberações - Artes e Cultura Colaborativa* - 3^a ed. - 2008



Fonte: Reverberações Festival de Arte e Cultura Colaborativa (2010).

Observando mais detalhadamente os conceitos que se entrelaçam às questões das culturas colaborativas e suas relações com o coletivismo, trataremos deste caminho por meio do chamado à referência em André Mesquita, integrante também do CORO Coletivo e do *Reverberações*, pesquisador das relações entre arte, política e ativismo, costurando sua pesquisa de mestrado para adentrarmos neste alinhavo.

Segundo Mesquita (2008), ao dissertar sobre os modelos de organização nas práticas artísticas coletivas,

[...] o coletivismo é a base da produção estética, de suas trocas e intercâmbios criativos. Como pontua a artista e teórica de mídia Sara Diamond, pensar em coletivo significa considerarmos a composição de diferentes identidades, de seus impactos e temporalidades (Mesquita, 2008, p. 49).

Contextualizando processos vivenciados e citados até então, oportuniza-se outra citação do autor:

Investigar as raízes das sobreposições entre coletivismo artístico e ativismo no século XX significa privilegiar, segundo Stella Rollig, uma história diversa e heterogênea, com foco em intervenções participativas com intenções crítico-emancipatórias⁷. Fragmentada, esta abordagem histórica desestrutura as noções de progresso linear e autoria individual. Privilegia situações artísticas que se encontram, se alinham e se fundem temporariamente nas lutas sociais e nas fissuras da vida cotidiana (Mesquita, 2008, p. 48).

São esses preceitos, principalmente na autoria coletiva, nas intenções crítico-emancipatórias com a fusão por vezes em lutas sociais, por outras na vida cotidiana, ou ainda, em ambas, que movimentaram as pesquisas autônomas, coletivas e criativas que traçamos e traçaremos neste bordado acadêmico.

Como prática artística coletiva envolvida nesses conceitos, levantaremos a participação ativa no Projeto *Vídeos Bastardos*⁸ focalizado pela artista, pesquisadora e professora Claudia Paim⁹, que se constituiu pela circulação de vídeos experimentais produzidos e provenientes de várias partes do mundo. Criado em 2005, o projeto ocorria com base em trocas na forma de rede e de maneira independente, enquanto a produção, a projeção e a distribuição ficavam a cargo do grupo de artistas de cada cidade. As projeções aconteceram em ruas, casas, ateliês, bares, praças, enfim, em diversos espaços públicos.

⁷ ROLLIG, Stella. **Between Agitation and Animation: Activism and Participation in Twentieth Century Art.** 2000 (Disponível em: <http://eipcp.net/transversal/0601/rollig/en>. Acesso em: 10 set. 2024.

⁸ Fonte: <http://videosbastardos.blogspot.com/>. Acesso em: 17 maio 2024.

⁹ Fonte: <https://www.claudiapaim.site/>. Acesso em: 17 maio 2024.

O projeto foi realizado na cidade de São Carlos, em 2009, focalizado pelo Coletivo Chilela Amarela¹⁰, do qual fui fundadora, e realizado dentro da 5ª edição do *Movimento Artístico e Cultural (MACACO)*¹¹ e do Centro Acadêmico Armando Salles de Oliveira/USP/São Carlos (CAASO¹²). Houve a exibição de vídeos, tanto de São Carlos como de Porto Velho, de edições anteriores (Figura 03).

Figura 03 - Arte gráfica produzida pelo Coletivo Chilela Amarela para divulgação do Projeto Vídeos Bastardos



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A *Mostra de Vídeos Bastardos São Carlos*¹³, representada na Figura 03, contextualizou efetivamente a criação de circuitos artísticos coletivos no percurso, trazendo à tona os conceitos que Paim (2009) aborda em sua tese de doutorado como coletivos e iniciativas coletivas:

[...] inventam outras situações para realizar suas propostas. Como provocam ou descobrem fissuras no poder estabelecido nas várias esferas da vida social, política e econômica, no campo da arte e da cultura. Como subverter os espaços urbanos transformando-os em espaços públicos de fato: onde mora o conflito, onde as relações sociais se encontram em permanente

¹⁰ <http://chilelamarela.blogspot.com/>. Acesso em: 17 maio 2024.

¹¹ <https://www.rua.ufscar.br/5%C2%BA-macaco-movimento-artistico-e-cultural-do-caaso/>. Acesso em: 17 maio 2024.

¹² https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_Acad%C3%A3Amico_Armando_de_Salles_Oliveira. Acesso em: 17 maio 2024.

¹³ <https://youtube.com/playlist?list=PLsaLseP9lzz3d5BDC8yhP9s-nUSj3Y1a7&si=KlfVifbDGnhi7322> - Playlist dos vídeos de São Carlos. Acesso em: 05 jun. 2024.

estado de composição, espaços sempre inacabados e incompletos. Estas formações associativas por seus *modos de fazer* respondem de imediato à vida com a oposição ou a interrogação sobre as verdades aceitas. Resistem à alienação de si e às injustiças sociais. Cram desvios e subvertem a ordem. São procedimentos resistentes. O método que adotam é uma ação tática: apropriação de uma verdade preexistente e produção de outro(s) sentido(s) (Paim, 2009, p. 25).

Firmaram-se, nesse momento, as conexões vivenciadas com a realização de muitos outros trabalhos, ações, movimentos, participações, pesquisas, projetos, trazendo a transgressão, a subversão, a resistência dos movimentos artísticos e culturais que compartilhamos aqui como bordados, e que serão visualizados no decorrer dos nossos alinhavos, tecendo os caminhos e as experiências, interligando-os para se entenderem os processos.

No sentido da criação de desvios e subversão da ordem na ação tática de produção de outros sentidos, chegamos ao ponto em que há a necessidade de relacionarmos, como consequência e inspiração desta pesquisa, a participação efetiva na 3^a ed./2018 do *Círculo Grude*¹⁴: um circuito livre de trocas de lambes, via correio, entre coletivos e artistas independentes de diferentes lugares nos âmbitos nacionais e internacionais, para colagens de todos em todos os locais, preferencialmente em espaços urbanos públicos.

Em 2013, o circuito compreendeu 13 cidades do Brasil. Em 2016, 14 cidades com 150 artistas, marcando seu posicionamento frente ao cenário político atual, realizando o *Grude pela democracia!* Na edição de 2018, foram 31 cidades participantes, sendo que cada uma articulou 12 artistas locais e recebeu, em média, 340 lambes para colar nos mutirões. *Incorporo a revolta*¹⁵, com a frase que estampou um dos parangolés de Hélio Oiticica, o *Círculo Grude* 2018 (Figura 04) convocou artistas de todo o país e do exterior a tomarem posições perante problemas políticos, sociais e éticos urgentes: "Vestir-grudar na pele-muro da cidade, a nossa revolta. O corpo em chamas incorpora: Parango-lambe-luta".

¹⁴ <https://circuitogrude.wordpress.com/>. Acesso em: 19 ago. 2023.

¹⁵ <https://circuitogrude.wordpress.com/edicao-2018/>. Acesso em: 20 maio 2024.

Figura 04 - Parangolé P15, Capa 11, Incorpo a Revolta, 1967. Hélio Oiticica. Técnica mista.
Reprodução fotográfica: Cláudio Oiticica



Fonte: Itaú Cultural.

O Grude chegou empoderando, pois, além de ser um circuito efetivo, com pessoas comprometidas em fazer acontecer, trouxe consigo questões sobre intervenções artísticas urbanas como uma "metáfora extraordinária no cotidiano". Segundo Mesquita (2008, p. 45), as

[...] ativações de espaços e públicos podem seguir diferentes intenções, meios e objetivos. Tais atos estão inseridos em um conjunto de esferas de negociação de forças discursivas, econômicas, políticas, sociais e arquitetônicas. Em um dado momento, coletivos estão produzindo suas intervenções na cidade. Em outro, estão negociando com o sistema de arte.

O primeiro momento era o processo vívido, tanto local quanto nacionalmente e com algumas cidades do exterior, fazendo valer todo o conhecimento despertado em prol da voz das Artes Visuais na cidade (Figura 05).

Figura 05 - Circuito Grude São Carlos 2018: muro particular, à Av. Dr. Carlos Botelho, 2.894



Fonte: Acervo da autora.

A articulação local das colagens em São Carlos foi desenhada para que a visibilidade das obras e as intervenções pudessem interagir com espaços públicos e iniciativas coletivas, intergeracionais, inclusivas e com um propósito. O muro da Dona Therezinha, na Figura 05, fica em uma bifurcação na parte central da cidade, por onde passam muitos veículos e pedestres; o muro da Associação Veracidade¹⁶, acolheu a proposta e mapeou o bairro da Vila Prado com ação do circuito, trazendo os cartazes mais críticos e políticos (Figura 06).

Figura 06 - Circuito Grude São Carlos 2018 - muro da Associação Veracidade



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A participação efetiva neste circuito colaborativo em rede e com a temática de ocupação das cidades com as Artes Visuais fez com que a pesquisa autônoma pairasse em campos até então não efetivamente observados, trazendo reflexões sobre como o espaço urbano pode tensionar os discursos, as políticas, as comunidades e também a arquitetura.

¹⁶ A Associação Veracidade foi formada no ano de 2012, na cidade de São Carlos – SP, com o objetivo de transformar a realidade urbana a partir da permacultura, agroecologia, educação ambiental crítica e economia solidária, apontando para a construção de sociedades sustentáveis através de ações que promovem o acesso às necessidades materiais básicas à vida humana. Disponível em: <https://veracidade.eco.br/a-veracidade/>. Acesso em: 21 maio 2024.

Eis que chegamos em 2020: vácuo nas artes e nas culturas da sociedade brasileira pandêmica e sem direção. Aldir Blanc se vai pela Covid e é homenageado pela sua excelência, em lei de auxílio emergencial, construída em bases populares para as Culturas Brasileiras.

Faz-se necessário pontuar a importância que a Lei Aldir Blanc¹⁷ - Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020 (Brasil, 2020) teve para a classe trabalhadora da cultura, no sentido de proporcionar ações emergenciais durante o estado de calamidade pública, devido à pandemia de Covid-19, que assolou nosso planeta.

A lei foi criada a partir de demandas da sociedade civil em parceria com o Poder Legislativo federal, que pressionaram a gestão nacional (Poder Executivo) a repassar verbas aos estados e municípios, como medida de apoio e auxílio às categorias gravemente atingidas pelo distanciamento social, fechamento de espaços e redução drástica de serviços e oportunidades.

Ressaltamos ainda que todo esse processo foi possível por meio do investimento anterior às políticas públicas de cultura, que estabeleceu mecanismos eficazes de transferências de verbas entre os entes federados, por meio principalmente, do Sistema Nacional de Cultura (Brasil, 2012) e do Fundo Nacional de Cultura.

No Estado de São Paulo, a Lei Aldir Blanc (LAB) (Brasil, 2020) foi implementada através do Programa de Ação Cultural (ProAC), legislação de incentivo à cultura, criada pela Lei nº 12.268/2006 (São Paulo, 2006), que geralmente financia atividades artísticas, oferecendo, a partir de editais anuais, valores para a viabilização financeira de projetos de diversos tamanhos e tipos apresentados por moradores do Estado. Assim, a Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo lançou 25 linhas de editais para execução do inciso III da Lei Aldir Blanc, Lei Federal nº 14.017/2020 (Brasil, 2020), denominando-as ProAC Expresso LAB.

A contextualização sobre as políticas públicas culturais é pontuada aqui, pois é devido a ela que nos foi oportunizado realizar experiências práticas em comunidades conjuntamente com a pesquisa acadêmica e levantamentos teóricos, envolvendo projeto financiado com recursos públicos emergenciais, algumas especificações referentes e, também, com os protocolos sanitários impostos naqueles momentos.

¹⁷ Lei que possibilitou ações emergenciais destinadas ao setor cultural, adotadas durante o estado de calamidade pública, em razão da pandemia de Covid-19, reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020.

A concepção de uma proposta foi delineada ao Prêmio por Histórico de realização em Artes Visuais [PROAC/LAB 51/2020] e, desde o início, trouxe os embriões da produção artística e cultural percorrida, a regionalidade brasileira contemporânea relacionada aos circuitos em redes, e os processos educativos em Arte/Educação com diversos públicos, sempre considerando as medidas momentâneas.

A semente nasce com o feminino derivado de sua inspiração: o Grude, de cola, de lambe, de arte, de rua, possibilita as experiências com a linguagem das Artes Visuais como processo educativo em espaços urbanos: cria-se o *Gruda! Arte Pública* com curadoria de artistas contemporâneos urbanos brasileiros, ações educativas virtuais, intervenções urbanas, formação de educadores, material didático e pesquisa acadêmica. Suas reverberações concretizam um período longo de pesquisas autônomas em ações sociais, educacionais, artísticas e culturais! (Figura 07).

Figura 07 - Logo do projeto *Gruda! Arte Pública*



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Ressaltamos que a escolha da palavra "gruda" traz a concepção de que questões de gênero são consideradas como tensionamento no discurso e nas ações, considerando a necessidade de um posicionamento diante da pesquisa, como foi no processo curatorial.

O contato¹⁸ com a obra de Solnit (2016) trouxe a necessidade deste posicionamento: que oportunidade incrível se reconhecer, nos processos de caminhar na história das mulheres, pinceladas por autoras e suas personagens, o tempo que carregamos a dor de não ocupar espaços públicos e como essas situações persistem até a atualidade:

[...] Se caminhar é um ato primordialmente cultural e uma maneira crucial de existir no mundo, aquelas que se viram incapazes de caminhar até onde seus pés as levasssem foram provadas não só de exercício e recreação, mas de uma boa parte de sua humanidade (Solnit, 2016, p. 406).

Ao mesmo tempo que entristece, dá-nos força para seguir em frente e trilhar esta luta para aquelas que ainda virão, ou que já estão aqui e podem colher pequenos e grandes frutos.

Pensar que uma mulher desenvolveu um projeto de arte pública nos muros da escola onde ministra aulas, seu corpo na rua e a Arte habitando este espaço:

Reverberações do corpo feminino hoje.

Que a revolução seja feminina!

Eu sou porque nós somos!

¹⁸ Na disciplina PPGMA017 "Performance e performatividade na cena contemporânea" com as docentes Mara Lucia Leal e Paulina Maria Caon, no 2º semestre de 2022/UFU/ProfArtes.

3 PISTA 2 - DA CURADORIA À CARTOGRAFIA

"A arte se constrói em relação e em contato direto com a vida, utilizando-a cada vez mais do real como material de composição."
(Verônica Veloso)

Ao considerar os percursos realizados como produtora artístico-cultural e arte/educadora, a maneira como se percebe a curadoria na vida, fez com que as sólidas experiências no núcleo familiar, em relação às apreciações e contextualizações no campo das artes e da cultura permeadas de formação acadêmica, profissional e cultural em cidades que respiram expressões e vitalidades, unindo-se à busca por conhecimento, desafios, experiências, diálogos e realizações com propósitos e coragem, foi natural a transformação e permeabilidade no campo de atuação curatorial.

O *Gruda!* é a realização de um percurso vivencial de transmutação entre a produtora, educadora e curadora para a pesquisadora e vice-versa. A curadoria hoje, é reconhecida na cadeia produtiva da economia da cultura, abrindo novas perspectivas para sua prática, mas, ao mesmo tempo, segundo Tejo (2010, p. 150), "[...] este tipo de abordagem escamoteia a complexidade do sistema de formação e de legitimação do curador que, assim como qualquer ofício criativo, é dependente de uma rede de relações, de acúmulo de capital cultural, de um processo de escolhas". O amadurecimento deste ofício foi contemplado pela realização do *Gruda!* e suas reverberações em diversos âmbitos.

A amplificação, para além da pesquisa em artistas e iniciativas do Estado de São Paulo, referendando o investimento público na atuação curatorial em proporção nacional, deu-se por escolhas a partir das diversidades culturais, étnicas, etárias, geográficas e pedagógicas, que trouxessem técnicas artísticas urbanas, obras contextualizadas para tal oportunidade, como também inovações na atuação em espaços públicos com arte e cultura.

O desenho curatorial desenvolveu-se a partir de linhas intuitivas de contatos com conhecidos, re-conhecidos, des-conhecidos que complementassem pequenos mapas estéticos da Arte brasileira, em diálogo com o espaço urbano circundante, tanto de uma escola pública de ensino fundamental na periferia – Zona Leste – da cidade de Ribeirão Preto – EMEF Profa. Dercy Célia Seixas Ferrari, quanto com as reflexões

a partir de eixos temáticos e propostas pedagógicas em Arte/Educação dialógicas com o público da educação básica. Para Reinaldim,

Toda curadoria é, em primeiro lugar, mediação entre a singularidade das obras e poéticas artísticas e os diálogos que podem ser construídos a partir delas, respeitando-se o sentido próprio que cada obra apresenta (seus aspectos intrínsecos e extrínsecos) e as novas possibilidades de significação decorrentes de uma análise em conjunto (Reinaldim, 2015, p. 25).

Como nos traz Reinaldim (2015), as mediações e os diálogos estabeleceram-se entre as regionalidades brasileiras e as relações profissionais, artísticas e de pesquisa curatorial, pelas quais contemplamos as regiões, em relação aos artistas (Figura 08): na região **Norte**, com a artista Moara Tupinambá, de Mairi/Pará e com o Coletivo Madeirista, de Porto Velho/Rondônia; na região **Nordeste**, o Coletivo Laboratório Labirinto, de Recife/Pernambuco; na região **Sul**, com Fernanda Magalhães, de Londrina/Paraná; na região **Sudeste**, com João Agreli, de Uberlândia/Minas Gerais; e com foco majoritário no interior do Estado de São Paulo com Clara Cauchick e André Costa, de Ribeirão Preto; Atalie Alves de Franca; Liz Under de Araraquara e o Coletivo Xilomóvel, de Campinas (Figura 08).

Figura 08 - Ilustração dos artistas do *Gruda! Arte Pública* nas regiões e cidades brasileiras

Mapa Regional Brasileiro Artistas Gruda! Arte Pública



Fonte: Acervo da autora.

3.1 *Gruda! Arte Pública*

Tratando brevemente da curadoria das obras e pesquisas dos artistas, pontuamos aspectos breves sobre eles e elas:

3.1.1 Norte, com a artista Moara Tupinambá, de Mairi/Pará

Figura 09 - Divulgação da artista Moara Tupinambá no *Gruda! Arte Pública*



Fonte: Acervo do *Gruda! Arte Pública*.

Além da sua importância como representante das culturas indígenas nas Artes Visuais e ativista das causas indígenas do povo tupinambá, a artista (Figura 09) tem, em sua poética, as cartografias da memória, identidade, ancestralidade, resistência indígena e pensamento anticolonial, utilizando a fotografia e a colagem digital como técnicas principais. O encantamento aconteceu por todas as possibilidades que a sua vida e sua obra puderam trazer para as contextualizações desenvolvidas nas ações educativas e visuais.

A obra selecionada é uma fotocolagem a partir de uma imagem de Henri Ballot, datada de 1953, tirada em Mato Grosso, do acervo do Instituto Moreira Salles. Esse fotógrafo registrou alguns dos primeiros contatos com as comunidades indígenas do Xingu, acompanhando os irmãos Villas-Bôas na Expedição Roncador-Xingu pela região do Diauarum/MT, entre 1952 e 1957, e também documentou todo o processo de negociações que culminou, em 1961, na criação do Parque Nacional do Xingu [hoje Parque Indígena do Xingu].

O título da obra é *Txucarramãe em Mairi*: os caiapós-mecranotis, também chamados txucarramães, são um subgrupo dos Caiapós, que habita o Sul do Estado do Pará, mais precisamente nas Áreas Indígenas Baú e Mekranoti e na reserva Capoto-Jarina, no norte de Mato Grosso; Mairi refere-se à povoação Tupinambá, onde hoje se encontra plantada Belém. A obra faz parte da Série Mirasawá, que significa “povo” em nheengatu, e é resultado do trabalho sobre a sabedoria feminina retratada pela artista, trazendo referências de mulheres fortes, curandeiras, benzedeiras, parteiras e indígenas atuantes. A palavra geradora da obra é "Terra" (Figura 10).

Figura 10 - Obra *Txucarramãe em Mairi*, Moara Tupinambá



Fonte: Acervo do Gruda! Arte Pública.

FICHA TÉCNICA

Terra
Moara Tupinambá
Fotocolagem digital a partir de imagem de Henri Ballot, 1953. MT (IMS)
Belém/Pará

Título: *Txucarramãe em Mairi - Série Mirasawá*

Ano: 2020

Técnica: Colagem

1a impressão - em *plotter outdoor*: 250x250cm - 23 de dezembro de 2021

2a impressão - em *plotter outdoor*: 200x200cm - 28 de novembro de 2022

3.1.2 Norte, com o Coletivo Madeirista, de Porto Velho/Rondônia

O Coletivo Madeirista (Figura 11), de Porto Velho/Rondônia, trouxe questões interessantíssimas relacionadas à arqueologia e à história brasileiras, como: a herança pré-histórica com geoglifos e cerâmicas, as mais antigas da Amazônia; os povos indígenas; os seringueiros e o *boom* da borracha; a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré; as mulheres negras da Amazônia: barbadianas e quilombolas; a cultura ribeirinha e também o projeto *Condomínio Poético*¹⁹, apresentado ao *Círculo Grude*.

Figura 11 - Divulgação dos artistas do Coletivo Madeirista no *Gruda! Arte Pública*



Fonte: Acervo do *Gruda! Arte Pública*.

O encantamento pelas questões arqueológicas brasileiras²⁰ da região de Rondônia foi o mais pertinente para a curadoria, não por seu apagamento como parte da histórica estética de nosso país, mas por trazer múltiplas possibilidades de práticas docentes e pesquisas possíveis, tanto aos educadores como educandos, com a utilização de imagens no material pedagógico e inserção das mesmas nos processos de Arte/Educação em espaços educativos.

¹⁹ <https://condominiopoetico.wordpress.com/>. Acesso em: 21 mar. 2023.

²⁰ Link do Museu Imaterial da Imagem e do Som de Rondônia - <https://miis-ro.org/memoria-arqueologica> Acesso em: 14 jul. 2022.

Assim, criou-se a obra *Arqueoiconografia de Rondônia*, com a palavra geradora "Água" (Figura 12).

Figura 12 - Obra Arqueoiconografia de Rondônia, do Coletivo Madeirista



Fonte: Acervo do Gruda! Arte Pública.

FICHA TÉCNICA

Água

Coletivo Madeirista

Composição gráfica digital colaborativa a partir de referências do <http://miis-ro.org>
Porto Velho/ Rondonia

Título: *Arqueoiconografia de Rondônia*

Ano: 2021

Técnica: Gravura digital sem papel

1a impressão - em *plotter outdoor*: 250x250cm - 23 de dezembro de 2021

2a impressão - em *plotter outdoor*: 200x200cm - 28 de novembro de 2022

3.1.3 Nordeste, com o Coletivo Laboratório Labirinto, de Recife/Pernambuco

Ao Laboratório Labirinto, coletivo formado por Milla Serejo e Tácio Russo (Figura 13), a equipe curatorial teve acesso por intermédio da pesquisa sobre a *Cartilha Lambe-Lambe Como Dispositivo Pedagógico*, produzida por eles, como citaremos mais adiante e, a partir de então, a obra foi sendo pensada na união das artes gráficas dela com a poesia dele, numa mesma obra.

Figura 13 - Divulgação dos artistas do Coletivo Laboratório Labirinto no *Gruda! Arte Pública*



Fonte: Acervo do *Gruda! Arte Pública*.

A produção da obra *Necessário ser margem* (Figura 14) a partir da palavra geradora "Margem" foi realizada:

Figura 14 - Obra *Necessário ser margem*, do Laboratório Labirinto - Milla Serejo e Tácio Russo



Fonte: Acervo do *Gruda! Arte Pública* (2021).

FICHA TÉCNICA

Margem

Laboratório Labirinto

Composição gráfica digital colaborativa entre os artistas Milla Serejo e Tácio Russo
Recife/ Pernambuco

Título: *Necessário ser margem*

Ano: 2021

Técnica: Impressão digital sobre papel

1a impressão - em *plotter outdoor*: 250x250cm - 23 de dezembro de 2021

2a impressão - em *plotter outdoor*: 200x200cm - 28 de novembro de 2022

3.1.4 Sul, com Fernanda Magalhães, de Londrina/Paraná

Docente e artista da Universidade Estadual de Londrina, Fernanda Magalhães (Figura 15) tem grande importância no percurso pessoal da curadora e traz à tona, a potência de sua poética nas contextualizações a respeito da corporalidade nas Artes Visuais, nas violências sobre os corpos através dos discursos, normas e padrões impostos na contemporaneidade, ressaltando "[...] um posicionamento político e [...] discutindo padrões, estética e as diversidades. Uma ocupação do espaço, um posicionamento, um colocar-se presente e visível", segundo palavras da própria artista.

Figura 15 - Divulgação da artista Fernanda Magalhães no *Gruda! Arte Pública*



Fonte: Acervo do *Gruda! Arte Pública*.

Foram duas obras selecionadas: uma, a ação performática ou *fotoperformance* Ação 4 - *Bosque Central, Londrina, Paraná, Brasil, 19 nov 2011*, denominada *A Natureza da Vida* (Figura 16) com fotografia de Graziela Diez, descrita aqui pela própria autora como legenda da foto:

O Bosque Central tem um pequeno resquício da mata nativa, preservada desde o início da cidade. Retirou-se, pelo poder público, uma série de árvores para um projeto de uma futura rua. Não havia licença dos órgãos ambientais. Os artistas ocuparam o local e se mantiveram em ações múltiplas até a transformação do Bosque em Área de Preservação Ambiental com o replantio de novas mudas no espaço.

A outra obra selecionada refere-se à Figura 16:

Figura 16 - Obra *A Natureza da Vida*, de Fernanda Magalhães



Fonte: Acervo do Gruda! Arte Pública.

FICHA TÉCNICA

Corpo

Fernanda Magalhães

Série *A Natureza da Vida* (desde 2000) utiliza as linguagens foto.video.performance
Londrina/Paraná

Título: *A Natureza da Vida, Bosque Central de Londrina*

Ano: 2011

Autor: Projeto e Performance Fernanda Magalhães. Fotografia por Graziela Diez.

1a impressão - em *plotter outdoor*: 250x250cm - 23 de dezembro de 2021

2a impressão - em *plotter outdoor*: 200x200cm - 28 de novembro de 2022

3.1.5 Sudeste, com João Agreli, de Uberlândia/Minas Gerais

A poética de João Agreli (Figura 17) trouxe ao desenho curatorial várias questões: novamente a questão da territorialidade suscitou a inclusão do Estado de Minas Gerais como representatividade geográfica das culturas brasileiras.

Figura 17 - Divulgação do artista João Agreli no *Gruda! Arte Pública*

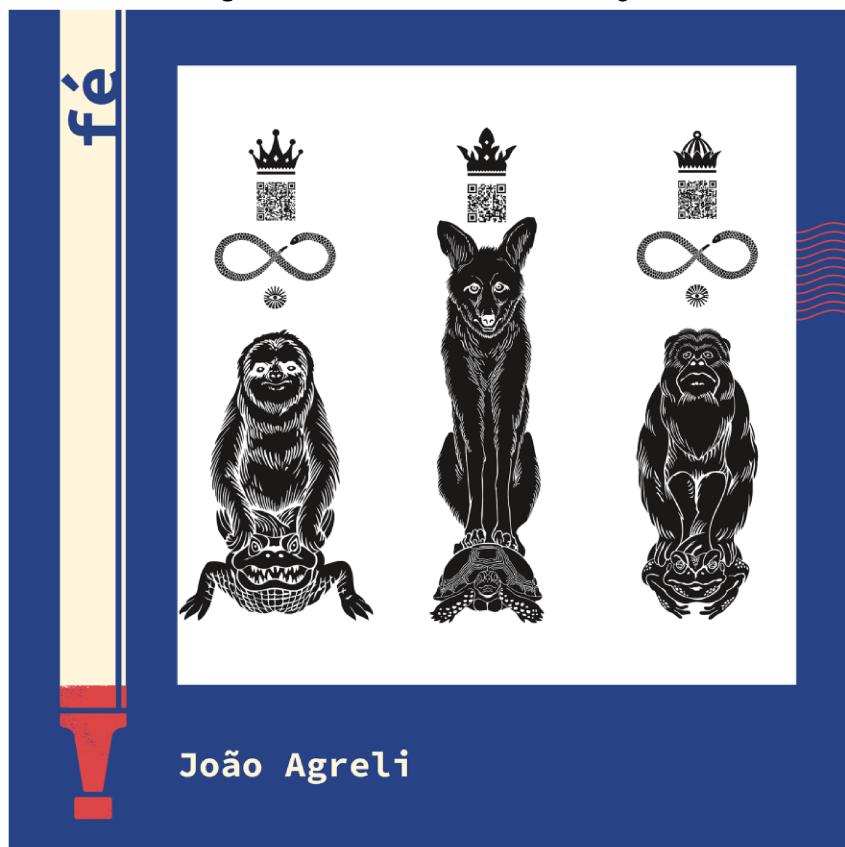


Fonte: Acervo do *Gruda! Arte Pública*.

O artista traz em seus trabalhos a técnica dos *stickers*/adesivos como ocupação urbana, relacionando sua produção imagética com a temática ambiental da representação de animais do bioma do cerrado, aliada à construção e reflexões sobre totens, tanto referendados de maneira ancestral como na sociedade contemporânea. O encantamento pelas contextualizações das temáticas foi imediato, reverberações em propostas pedagógicas, também.

A obra *Totem* de animais da fauna brasileira: jacaré e preguiça; tartaruga jabuti e lobo guará; sapo cururu e macaco bugio, surgiu a partir da palavra geradora "Fé" (Figura 18).

Figura 18 - Obra Totem, de João Agreli



Fonte: Acervo do Gruda! Arte Pública.

FICHA TÉCNICA

Fé

João Agreli

Totens de animais da fauna brasileira: jacaré e a preguiça; tartaruga jabuti e o lobo guará; sapo cururu e o macaco bugio. Leia o QRCode
Uberlândia/ Minas Gerais

Título: *Totem*

Ano 2012

Técnica original: Desenho Vetorial em *plotter* de recorte sobre adesivo vinílico

1a impressão - em *plotter outdoor*: 250x250cm - 23 de dezembro de 2021

2a impressão - em *plotter outdoor*: 200x200cm - 28 de novembro de 2022

3.1.6 Sudeste, com Clara Cauchick de Ribeirão Preto/São Paulo

A artista octogenária Clara Cauchick, com vasta experiência artística e disposição, trouxe várias contraposições à curadoria, entre elas, as questões relativas à intergeracionalidade, ao abstracionismo e à pintura mural. Viabilizou o contato direto com a comunidade escolar e a produção artística, participando da ação de pintura ao vivo nos muros da unidade escolar, dialogando com todas as turmas do período da manhã e ensinando a todos o que é viver com, para e pela arte (Figura 19).

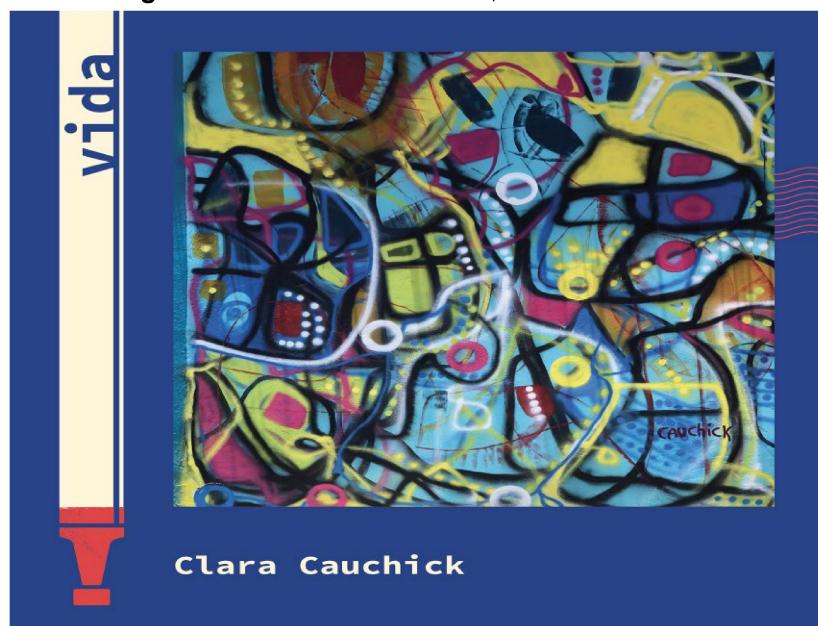
Figura 19 - Divulgação da artista Clara Cauchick para sua intervenção ao vivo no *Gruda! Arte Pública*



Fonte: Acervo do *Gruda! Arte Pública*.

Foi uma magia contemporânea, com a fusão da criatividade e técnicas, enfatizando o contato com o espectador e a obra, por meio das sutilezas dos detalhes, movimentos, transparências e cores aplicadas através de pesquisas feitas com base em estudos da cromoterapia, uma constante em meus trabalhos em telas, como cita em sua apresentação. Sua obra denominada *Manhã de Sol* foi produzida com tinta acrílica e spray sobre parede e sua palavra geradora é "Vida" (Figura 20):

Figura 20 - Obra *Manhã de Sol*, de Clara Cauchick



Fonte: Acervo do *Gruda! Arte Pública*.

FICHA TÉCNICA

Vida

Clara Cauchick
Pintura mural ao vivo
Ribeirão Preto/ São Paulo

Título: *Manhã de Sol*

Ano: 2021

Técnica: acrílica e spray sobre parede dos muros
da EMEF Dercy Célia Seixas Ferrari/Jardim das Palmeiras
Dimensões: 250x250cm - obra original realizada em 09 de dezembro de 2021

3.1.7 Sudeste, com André Costa, de Ribeirão Preto/São Paulo

As obras de André Costa revelaram-se por sua "poética do resíduo", na qual vasculha sobras da indústria gráfica para a busca de sua matéria-prima, o vinil, transformando-o em suas composições visuais cheias de camadas, signos, símbolos e novos significados.

A partir do seu acervo, surgiu a oportunidade de envolvemos questões do Patrimônio Cultural Arquitetônico de Ribeirão Preto, devido ao fato de algumas obras representarem locais históricos, fomentando, assim, contextualizações a respeito da educação patrimonial nas ações educativas e visuais (Figura 21).

Figura 21 - Divulgação do artista André Costa no *Gruda! Arte Pública*

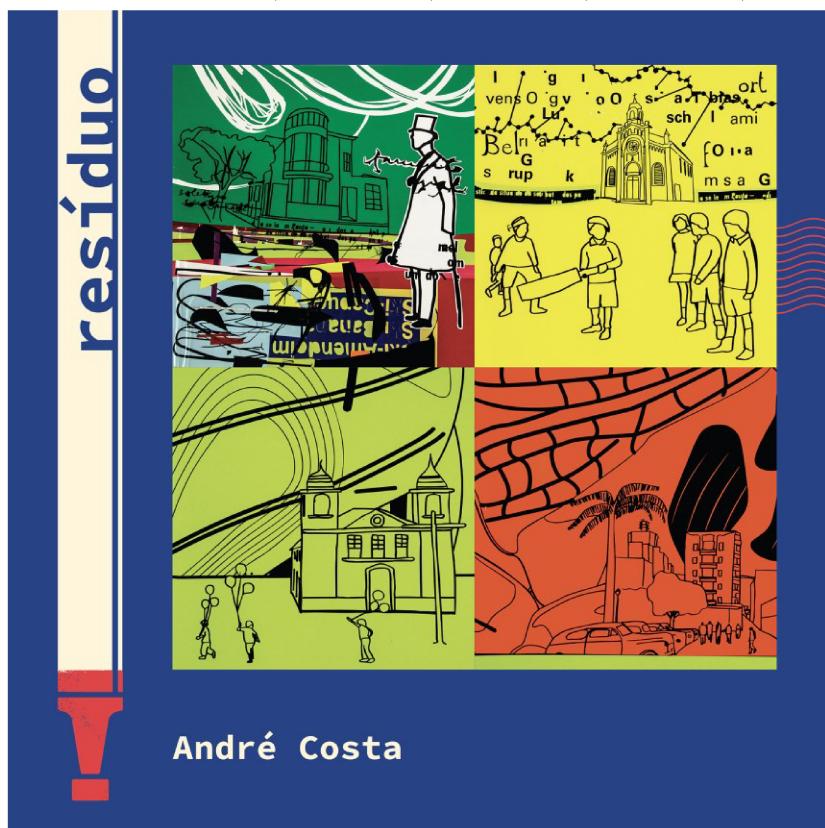


Fonte: Acervo do *Gruda! Arte Pública*.

Construímos um mosaico com quatro obras datadas de 2015, com os títulos 1. *PRBR 36*, 2. *PRBR 39*, 3. *PRBR 46*, 4. *PRBR 22*, com matriz em confinamento estético de resíduos passageiros e descartáveis da indústria gráfica, sendo sua palavra geradora "Resíduo":

1. Palacete Camilo de Mattos, inaugurado em 1922, tombado como patrimônio cultural em 2008;
2. Igreja Evangélica Congregacional, ao lado do Lino Strambi, na Rua Barão de Amazonas;
3. Primeira Igreja Matriz construída na cidade, na Praça Carlos Gomes, onde tivemos também o Teatro Carlos Gomes (ambos demolidos);
4. Edifício Diederichsen - o primeiro edifício vertical da cidade e um dos dois primeiros do interior do estado de São Paulo (Figura 22).

Figura 22 - Obras 1 - PRBR 36, 2. PRBR 39, 3. PRBR 46, 4. PRBR 22, de André Costa



Fonte: Acervo do Gruda! Arte Pública (2015).

FICHA TÉCNICA

Resíduo

André Costa

Títulos:

1. PRBR 36
2. PRBR 39
3. PRBR 46
4. PRBR 22

Ano 2015

Técnica original: matriz em confinamento estético de resíduos passageiros e descartáveis da indústria gráfica com impressão final digital

Dimensões/obra: 50x50cm

1a impressão - em *plotter outdoor*: 250x250cm - 23 de dezembro de 2021

2a impressão - em *plotter outdoor*: 200x200cm - 28 de novembro de 2022

3.1.8 Sudeste, com Atalie Alves, de Franca/São Paulo

O Laboratório das Artes, por meio de Atalie Alves (Figura 23), artista e proprietária do espaço, produziu a obra na técnica da gravura, pois o local tem uma estrutura maravilhosa de trabalho e acervo, assim como de exposições. Delineado como um histórico da cultura econômica do município, que é considerado a "capital do calçado", concatenando uma série de trabalhos da artista desenvolvidos anteriormente a partir dessa temática, em parceria com uma empresa da cidade, culminou na exposição *Impressões* com a série *Operário da Borracha*. Essa representatividade cultural tornou-se interessante para a seleção da obra, além das questões de territorialidade no estado de São Paulo.

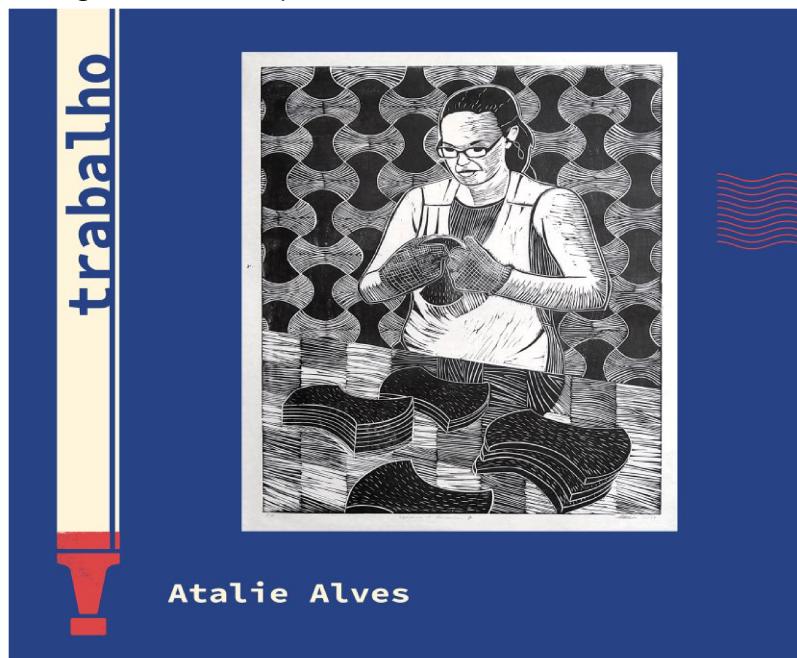
Figura 23 - Divulgação da artista Atalie Alves no *Gruda! Arte Pública*



Fonte: Acervo do *Gruda! Arte Pública*.

Assim, selecionou-se a obra *Operário da Borracha nº 7* (Figura 24) com a palavra geradora "Trabalho".

Figura 24 - Obra Operário da Borracha nº 7, de Atalie Alves



Fonte: Acervo do Gruda! Arte Pública.

FICHA TÉCNICA

Trabalho

Atalie Alves

Série *Operário da Borracha*, da exposição *Impressões Amazonas*
Franca/São Paulo

Título: *Operário da Borracha nº 7*

Ano 2012

Técnica original: matriz em Linoleogravura com impressão final digital

Dimensões originais 49x36cm

1a impressão - em *plotter outdoor*: 250x250cm - 23 de dezembro de 2021

2a impressão - em *plotter outdoor*: 200x200cm - 28 de novembro de 2022

3.1.9. Sudeste, com Liz Under, de Araraquara/São Paulo

Liz Under, tem como sua poética atual, a pesquisa em desenho a partir da técnica da sanguínea e lápis de cor terracota, conhecida por ser muito utilizada pelos artistas renascentistas, e é contextualizada de outras maneiras pela artista. A sua expressão imagética é inspirada nas ilustrações botânicas e nas dinâmicas da vida e da morte, utilizando-se de criaturas musicais e rítmicas, a partir de movimentos do florescer e murchar no espaço ínfimo de tempo da primavera. (Figura 25),

Figura 25 - Divulgação da artista Liz Under no *Gruda! Arte Pública*



Fonte: Acervo do *Gruda! Arte Pública*.

A obra apresentada é *Sem Título* (Figura 26) e a palavra geradora é "Cultivo":

Figura 26 - Obra *Sem título*, de Liz Under



Fonte: Acervo do *Gruda! Arte Pública*.

FICHA TÉCNICA

Cultivo

Liz Under

Desenho com referência às obras de Emile Gallé (Art Nouveau)
Araraquara/São Paulo

Título: *Sem Título*

Ano: 2021

Técnicas: matriz em desenho com sanguínea e lápis de cor terracota com impressão final digital

1a impressão - em *plotter outdoor*: 250x250cm - 23 de dezembro de 2021

2a impressão - em *plotter outdoor*: 200x200cm - 28 de novembro de 2022

3.1.10 Sudeste, com o Coletivo Xilomóvel, de Campinas/São Paulo

Figura 27 - Divulgação do Coletivo Xilomóvel no *Gruda! Arte Pública*



Fonte: Acervo do *Gruda! Arte Pública*.

O trabalho poético do coletivo, formado pelos artistas Luciana Bertarelli, Márcio Elias e Simone Peixoto (Figura 27), dialoga com intervenções urbanas e ocupação do espaço público. Sua obra é a única que foi feita por técnicas exclusivamente manuais em xilogravura, com três matrizes diferentes e em estêncil com quatro imagens recortadas. As propostas imagéticas foram criadas a partir de fotografias de arquivo da *Memória do Xilomóvel*. O painel é formado por 64 módulos de 31x31 centímetros, sendo cada um deles impresso em, pelo menos, duas cores que se sobrepõem, sem registro e sem regras definidas.

A palavra geradora do trabalho foi dialogada a partir da poética dos trabalhos do coletivo e de seus interesses de pesquisa, definindo-se Praça (Figura 28). Assim, temos nas xilogravuras, os elementos naturais: a copa de uma árvore, a forração de grama e uma pomba. Nos estêncéis, foram selecionados elementos mais permanentes e que podem contar algo sobre as praças, num contexto mais histórico: bancos, uma arandela e um poste.

Figura 28 - Obra Praça, do Coletivo Xilomóvel



Fonte: Acervo do *Gruda! Arte Pública*.

FICHA TÉCNICA

Praça

Coletivo Xilomóvel

Composição gráfica colaborativa em xilogravura entre os/as artistas Luciana Bertarelli, Márcio Elias e Simone Peixoto
Campinas/São Paulo

Título: *Praça*

Ano: 2021

Técnica: Xilogravura e estêncil sobre papel

Dimensões: 64 peças de 31x31cm - obras originais coladas dia 23 de dezembro de 2021

3.2 Curadoria e paisagem urbana

Destacamos, neste momento, questões sobre como a paisagem urbana dialoga com a curadoria que, de forma prática, em 2021 e 2022, ocupou os muros da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Dercy Célia Seixas Ferrari, em Ribeirão Preto/São Paulo com obras dos artistas brasileiros, distribuídas no entorno externo da unidade escolar, na qual a pesquisadora atuou como Professora da Educação Básica (PEB) III - Artes de 2019 a 2023.

A atuação no município de Ribeirão Preto e na unidade escolar de Ensino Fundamental I e II foi uma escolha profissional da pesquisadora (no sentido de ampliação de sua prática pedagógica em outros níveis da Educação Básica, possibilitada pela instituição da Lei nº 13.278/2016 (Brasil, 2016), que alterou a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBN, Lei 9.394/1996 (Brasil, 1996), tornando obrigatória a inclusão de Artes Visuais, dança, música e teatro no currículo da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. A inclusão dessa legislação na rede municipal de Ribeirão Preto deu-se a partir do ano de 2019, iniciando-se com a convocação dos aprovados no concurso público nº 002/2018 , na qual a pesquisadora ingressou em setembro de 2019.

Contextualizando um pouco a unidade escolar, na pesquisa do Projeto Político-Pedagógico (PPP), a EMEF "Dercy Célia Seixas Ferrari" foi criada pela Lei Municipal nº. 8.263 de 16 de novembro de 1998 e autorizada a funcionar em 29 de abril de 1999. A unidade atende a níveis e modalidades de ensino da Educação Básica: Ensino Fundamental I e II e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Atualmente, conta com 741 alunos, 63 professores e 17 funcionários. A escola foi construída graças à mobilização e às reivindicações da população dos bairros Jardim Juliana e Palmeiras I e II. Um dos principais motivos foi a distância que as crianças precisavam percorrer para chegar até a escola mais próxima, a EMEF Prof Jarbas Massulo, localizada no bairro Parque São Sebastião. Nesse percurso, as crianças passavam por uma pequena mata, o que trazia intranquilidade aos pais.

No decorrer de vinte e quatro anos, a escola firmou-se como uma referência no bairro, sendo respeitada, protegida e elogiada pelo serviço educacional de qualidade que oferece. Muitos avanços estruturais foram conquistados nessas duas décadas: a climatização e instalação de recursos computacionais, multimídia nas salas de aula e,

recentemente, a construção de um auditório com capacidade para noventa pessoas e a instalação de energia fotovoltaica.

Ressaltando os recursos de lazer no bairro, podemos dizer que são muito limitados. Em relação a locais públicos, há apenas praças em mau estado de conservação. Dessa forma, as atividades de lazer são realizadas, muitas vezes, fora do bairro, ou seja, em parques ou clubes. A atividade de lazer mais realizada pela comunidade são passeios em *shoppings* da cidade.

Assim, a realização de uma intervenção artística urbana no entorno da escola faz com que as percepções espacial e de lazer sejam instigadas, no sentido de trazer ao bairro outro tipo de lazer para a comunidade, aprendizagem para os alunos e para a equipe escolar. Segundo Abreu,

[...] o que confere a qualidade pública à Arte é o seu fundamento programático: a circunstância de a Arte se constituir, no fim, como um “serviço público” que lhe consigna a missão de contribuir para a melhoria qualitativa do ambiente natural e do nível cultural da sociedade, estimulando o desenvolvimento sociocultural, e possibilitando a experiência coletiva da convivialidade ética e da fruição estética (Abreu, 2016, p. 46).

A arte pública concretiza-se por meio da intervenção no espaço público, com a colagem de cartazes em grande formato – os lambe-lambes – ocupando a cidade com Artes Visuais, como forma de interação e construção de novas paisagens, trazendo novas óticas nos territórios e nas comunidades, a partir de propostas de reflexões sobre as percepções que temos dos espaços, nos quais nos locomovemos, hoje, principalmente, pelos centros urbanos. A proposta é a discussão a partir da ocupação artística dos muros de uma escola de ensino fundamental público e da pesquisa sobre como esta ação reverbera na comunidade escolar, no seu entorno, no sistema educacional e no campo das Artes Visuais urbanas.

Neste sentido, pensamos a distribuição espacial das obras dos artistas, utilizando os três muros que circundam a unidade escolar, ocupando as calçadas com um passeio cultural a qualquer momento, trazendo a leitura visual para fora e a contextualização de que a arte não está, necessariamente, sempre em locais fechados e institucionalizados.

De acordo com Peixoto,

Olhar um objeto é mergulhar nele. Os objetos circundantes tornam-se horizonte, a visão é um ato de dois lados. Ou seja: ver um objeto é ir habitá-lo e dali observar todas as coisas. Mas, como também nelas estou virtualmente situado, tomo de diferentes ângulos o objeto principal de minha observação. O olhar se faz nas duas direções, cada objeto é espelho de todos

os demais. A visão é localizada, uma relação entre objetos situados no mundo (Peixoto, 2023, p. 177).

Neste sentido, para mergulhar na obra de arte, a ação educativa realizada presencialmente com as crianças da escola foi a aula espetáculo com Clara Cauchick, no dia 09 de dezembro de 2021, que trouxe às paredes e calçadas, diferentes ângulos para a diversidade de conhecimentos e às experiências em Artes Visuais na escola, como processo de Arte/Educação com a artista octogenária que produziu sua obra, em diálogo com as crianças do período da manhã da unidade escolar.

Nesse dia da intervenção urbana com processos educativos, a coordenação e direção da escola disponibilizaram-se em organizar a saída de todas as turmas atendidas na unidade, no período em que a artista estava produzindo e dialogando com eles. Inaugurou-se, então, a ocupação com arte pública nos muros da EMEF "Dercy Célia Seixas Ferrari", após o investimento pela gestão escolar, na pintura total do entorno da escola e na adequação das áreas que receberam as obras de Artes Visuais (Figura 29).

Figura 29 – Aula-espetáculo com Clara Cauchick (09/12/2021)



Fonte: Acervo do *Gruda! Arte Pública* (2021). Foto: Lívia Dotto Martucci.

Assim, a distribuição espacial das dez obras foi organizada a partir de suas temáticas, de suas palavras geradoras e de suas relações com o espaço público que as circundam, como mostra a Figura 30²¹

Figura 30 - Imagem a partir do Google Maps que disponibiliza a organização das obras no espaço do muro da escola EMEF "Dercy Célia Seixas Ferrari"



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A proposta de ocupação artística na escola, por meio da arte pública que, segundo Milan (1998, n.p.), "[...] aceita o caos, reconhecendo nele diferenças culturais expressivas. Parte em busca de pontos comuns entre os seres humanos para revelar uma ordem à qual todos pertencemos", traz em si questões sobre o que é arte dentro da escola ou em espaços "consagrados", e o que é arte fora da escola, relacionando o aprendizado escolar com a vida nas cidades e nos cotidianos individuais.

Criam-se, assim, diálogos com a cidade, nas interferências históricas humanas e nos espaços de seus cotidianos, assim como nas questões relacionadas à arte urbana como forma de linguagem expressiva, extrapolando as regras vigentes de apreciação e de interferência na paisagem, como relação de pertencimento.

Segundo Motta (1971),

²¹ Imagem retirada do Google Maps, que disponibiliza a organização das obras no espaço do EMEF.

Tudo o que nos parece conveniente é a constante indagação sobre a vida urbana. Somos e aparecemos com ela. Nela também as qualidades da visão rural se dimensionam. Tentamos o encontro História e cotidiano, onde a situação humana se faz pela criatividade. Isso nos conduz a projetos. São distâncias a vencer; são aproximações a se realizar. Mas são distâncias com distinções. A cidade não é coisa natural, não é, coisa dada. O indivíduo não pode estar nela como o poeta Fernando Pessoa estava "diante do rio da minha aldeia". Aquilo "não faz pensar em nada". Ao contrário, ela faz pensar.

Trazendo à tona essas questões da urbanidade, da arte e da paisagem, todo o processo curatorial foi sendo criado destas relações, culminando na elaboração de eixos temáticos para reflexões conceituais, tanto em relação às poéticas dos artistas quanto à dos/as pesquisadores, projetos e ações culturais que desenham toda a curadoria.

Definiram-se, então, eixos costurados com os processos de criação em Artes Visuais e em Arte/Educação, a partir da arte pública e paisagem cultural, meios e fins das artes visuais na cidade, arte urbana e processos educativos, e circuitos e redes culturais com/para/de arte urbana.

Para cada um, a participação dos artistas e coletivos foi proposta por suas poéticas, relacionando-as aos pesquisadores e produtores da área, para o aprofundamento de diálogos e diversidades culturais das realidades brasileiras. As pesquisas, tanto de uns quanto outros, foram de imensa surpresa e gratificação, pois as temáticas dialogam naturalmente, as descobertas nas produções artísticas brasileiras se entrelaçam e o corpo conceitual forma-se com muitas conexões esperadas e inesperadas.

3.3 Ações educativas virtuais

Na primeira ação virtual, a participação foi de diversos artistas: o Prof. Dr. Kennedy Piau Ferreira, da Universidade Estadual de Londrina/PR (escultura, história, teoria e crítica de arte e política de ação cultural), artista visual, pesquisador e escritor sobre políticas culturais e membro do Coletivo Quizomba²², trouxe ações deste coletivo como intervenção na cidade, além de seu arcabouço teórico; Tácio Russo e Milla Serejo, artistas do Coletivo Laboratório Labirinto de Recife/PE, trouxeram as incríveis experiências dialógicas entre poesia, teatro, Artes Visuais e arte urbana, como também apresentaram a *Cartilha Lambe Lambe Como Dispositivo*

²² <https://www.instagram.com/quizombalondrina>. Acesso em: 29 maio 2024.

*Pedagógico*²³; Atalie Alves, artista responsável pelo espaço Laboratório das Artes²⁴ em Franca/SP, que apresentou um histórico das ações de quase 40 anos de trajetória, intervenções em mosaico, *stencil*, linoleogravura, além de exposições em fábricas e ações formativas em arte/educação, no próprio local e com públicos variados. Várias trocas foram valiosas e estão disponíveis para ser apreciadas²⁵ (Figura 31).

Figura 31 - Arte gráfica da ação educativa *Arte Urbana e Processos Educativos*



Fonte: Acervo do *Gruda! Arte Pública*.

No sentido do levantamento de análises sobre os meios e fins das artes visuais na cidade, a segunda oportunidade de reflexão virtual repensa como a linguagem visual possui grande amplitude e é referência das expressões humanas por meio de várias ocupações artísticas e culturais. Os percursos poéticos dos artistas foram sendo apresentados, visualizados, sensibilizados e refletidos sobre cada experiência estética, social e política.

Participaram dessa ação a Profa. Dra. Fernanda Magalhães²⁶, artista e docente aposentada da Universidade Estadual de Londrina/PR, que esboçou seu histórico profissional e estético, evidenciando suas pesquisas com políticas do corpo e das Artes e apresentando seu projeto *Grassa Crua*; a artista Liz Under²⁷, de Araraquara/SP, que trouxe a pesquisa, principalmente em desenhos com lápis sanguínea "como cor das trilhas das matas por onde passou", que também descreve suas figuras como bestiais por meio da auto-obliteração, uma dissecação do trabalho

²³ https://issuu.com/lab.labirinto/docs/completo_-_issuu. Acesso em: 29 maio 2024.

²⁴ <https://www.laboratoriodasartes.com.br/>. Acesso em: 30 maio 2024.

²⁵ <https://youtu.be/ZG7Kb1TzmcQ?si=rJQxrowDcSCajVoL>. Acesso em: 30 maio 2024.

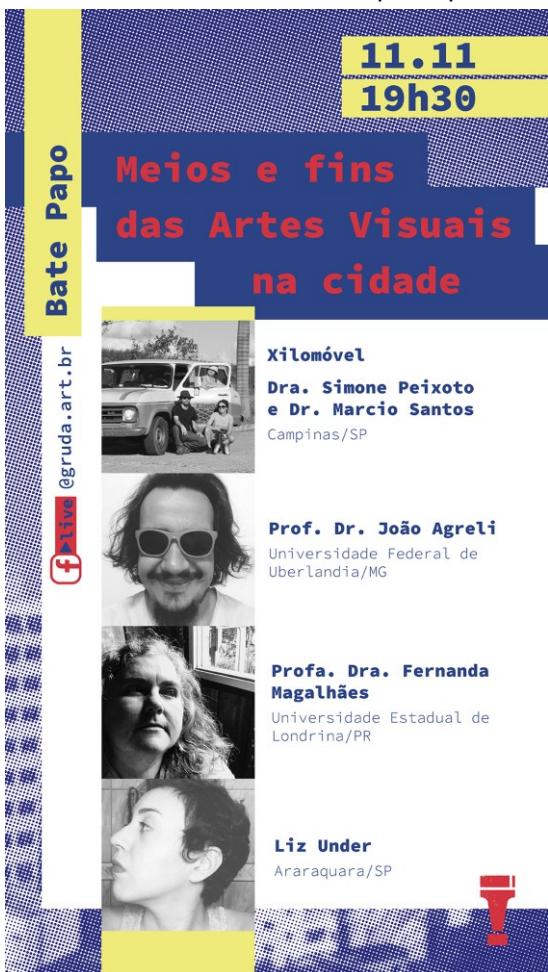
²⁶ www.youtube.com/@fermagafernandamagalhaes8074. Acesso em: 30 maio 2024.

²⁷ <https://www.instagram.com/liz.under/>. Acesso em: 31 maio 2024.

que é muito íntimo, ou seja, traz uma aceitação do estranhamento, por meio do hibridismo e dos ciclos da vida.

Representando o Coletivo Xilomóvel²⁸, a Profa. Dra. Simone Peixoto e o Prof. Dr. Márcio Santos, ambos de Campinas/SP, apresentaram um percurso por meio dos projetos: *Largofolhas*, *Ruído Cartográfico*, *Xylocopa* e a importância de a arte estar em espaços públicos; o Prof. Dr. João Agreli²⁹, artista e docente da Universidade Federal de Uberlândia/MG, apresentou projetos como *outdoor Paca tatu cotia não*, *Tônico Milagroso para males contemporâneos* (já com inserção de QR-code nas obras), *Tanto para fazer em tão pouco tempo*, *Totem* e *Canastra*, pontuando o uso de equipamentos, como *plotter* de recorte e de outras tecnologias na produção artística contemporânea, como os *stickers* (Figura 32).

Figura 32 - Arte gráfica da ação educativa *Meios e Fins das Artes Visuais na Cidade* com participantes



Fonte: Acervo do Gruda! Arte Pública.

²⁸ <https://www.xilomovel.com.br/>. Acesso em: 31 maio 2024.

²⁹ <http://lattes.cnpq.br/8398441003974796>. Acesso em: 31 maio 2024.

O resultado curatorial essencial dessa ação foi prontamente identificado, de forma despretensiosa, em como a relação das artes visuais, elementos da natureza e as intervenções humanas apresentaram-se nos caminhos estéticos dos artistas.

Alves (2010, p. 46), descreve que "[...] do curador se espera que abra um sentido possível no interior do trabalho de arte, de cada um exibido ou do conjunto deles e, ao mesmo tempo, que dê espaço para que outros sentidos possam surgir [...]", concretizando o papel importante no caminhar (Figura 33).

Figura 33 - Arte gráfica da ação educativa *Meios e Fins das Artes Visuais na Cidade*



Fonte: Acervo do Gruda! Arte Pública.

O patrimônio cultural brasileiro é permeado por muitas intervenções em espaços públicos, como forma de celebração, imposição de valores e de diversas propostas de reflexões a partir da ocupação destes, por meio das Artes. Aprofundarmos a questão do lambe-lambe e das Artes Visuais na cidade, como formas de interação e construção de paisagens culturais, traz uma nova ótica sobre os temas: como a arte pública relaciona-se com a paisagem cultural?

As reflexões permeiam as participações da Profa. Dra. Jessica Tardivo, docente do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, e pesquisadora pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e Universidade Federal Rural de Pernambuco. Apresentou seu pós-doutorado *Veracidade*, que é uma prática de educação patrimonial no bairro Poço da Panela em Recife/PE. A pesquisa observou, registrou e divulgou a percepção de diferentes

indivíduos sobre as camadas invisíveis na paisagem cultural do lugar, considerando-a como relação e conexão entre cultura, natureza, cidade e cidade modificada, ou seja, os modos de vidas, histórias e memórias (Figura 34).

Figura 34 - Arte gráfica da ação educativa *Arte Pública & Paisagem Cultural* com participantes



Fonte: Acervo do Gruda! Arte Pública.

Também tivemos a contribuição da Lúcia Padilha, arquiteta e arte/educadora, que nos presenteou com o *Recife Arte Pública*³⁰/PE, e desde 2013 mapeia acervos públicos da cidade, com financiamento do Governo de Pernambuco, através do *Funcultura*³¹. Já categorizou 200 esculturas, 80 murais e 30 vitrais (Aurora de Lima e

³⁰ <https://www.instagram.com/recifeartepublica/>. Acesso em: 31 maio 2024.

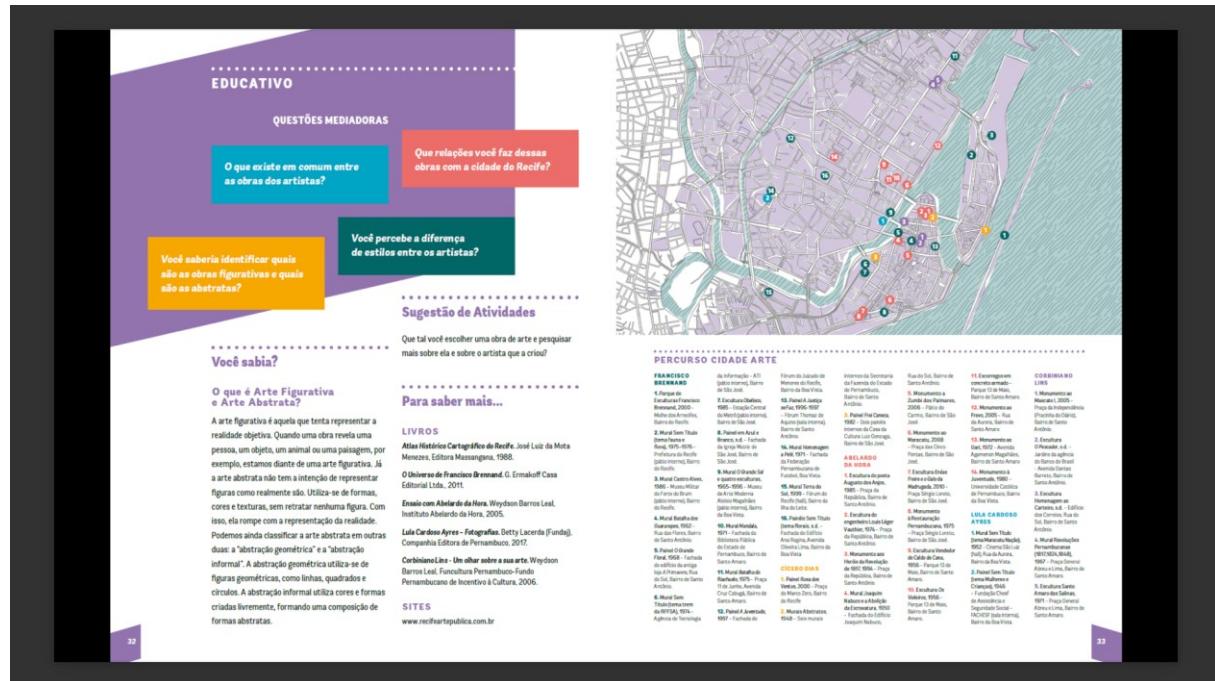
³¹ <https://www.cultura.pe.gov.br/funcultura/>. Acesso em: 31 maio 2024.

Marianne Peretti - mulheres vitralistas, um diferencial da cultura), em 32 bairros da Região Metropolitana. Entre as obras constam: *Marco Zero*, *Monumento Ditadura Nunca Mais*, *Círculo da Poesia*, *Círculo dos Trabalhadores*, entre outras

Além disso, tem-se a parte educativa (Figura 35), que contextualiza a cidade como uma sala de aula, com a publicação *Cidade Educativa: a arte pública como recurso educativo* a partir de 4 eixos: *Cidade Arte*, *Cidade Memória*, *Cidade Identidade*, *Cidade Poesia*, como abordagens educativas para professores/as com a publicação de quatro videoaulas³².

É importante salientar aqui que, no material pedagógico, para cada tema há uma introdução e provocações em Arte/Educação com questões mediadoras e contextualizações, como também sugestões de outras pesquisas e mapa das obras de arte para fazer percurso a pé.

Figura 35 - Apresentação *Recife Arte Pública* - exibida ao vivo por Lucia Padilha em 18/11/2022



Fonte: Acervo do Gruda! Arte Pública.

Para finalizar essas conexões maravilhosas, o Prof. Dr. Aparecido José Cirillo, da Universidade Federal do Espírito Santo - Vitória/ES, trouxe reflexões sobre sua experiência com quilombolas, como paisagem cultural, e a trajetória das suas poéticas artísticas pessoais. Apresentou a proposta de *Ecossistemas urbanos - processos*

³² www.youtube.com/@recifeartepublica8191. Acesso em: 01 jun. 2024.

criativos e ecossistemas estéticos: confluências entre paisagens, arte e cidade, que oportuniza o projeto *Arte Pública Capixaba*³³, pesquisa do Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes (LEENA) da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Além de mapear obras do Estado, traz também uma perspectiva inclusiva de obras de arte por meio de impressão 3D (*kit paradidático*) e formação de professores (projetos de extensão e pós-graduação) em canal no YouTube³⁴ e site (Figura 36).

Figura 36 - Apresentação *Arte Pública Capixaba* exibida ao vivo por Prof. Dr. Aparecido José Cirillo em 18/11/2022



Fonte: Acervo do *Gruda! Arte Pública*.

O mapa formado nesta oportunidade única trouxe experiências locais e fundamentadas na paisagem, como também em âmbito municipal, com mapeamento e disponibilidade de trajetos pela cidade e percursos educativos e com a mostra de pesquisas realizadas estadualmente de forma acadêmica, disponibilizando acesso gratuito a informações. Mais uma vez, foi prontamente identificada de forma

³³ <https://artepublicacapixaba.com.br/>. Acesso em: 01 jun. 2024.

³⁴ <https://www.youtube.com/c/ArtePublicaCapixaba>. Acesso em: 01 jun. 2024.

despretensiosa, que as propostas apresentadas têm, como ligação, a acessibilidade com obras de Artes Visuais e a preservação e conservação da memória da cidade.

Portanto, quanto à contribuição de Hoffmann (2017) sobre a conceitualização das habilidades necessárias para a tarefa de um curador, faz-se interessante relacionar que

[...] são de um contador de história, mas elas também estão se tornando cada vez mais raras, ainda que as vozes e as histórias tenham se multiplicado. os formatos e estratégicas de que dispomos aumentaram exponencialmente. Mas, apesar dessa rápida evolução, a ferramenta mais antiga, a exposição, continua sendo a principal. O curador ainda é responsável por fornecer o contexto. Em vez de dispor os objetos em uma narrativa única, linear e cronológica, o imperativo atual é fazer com que as coisas interajam umas com as outras, posicionando-as com uma gama diversa de histórias, ficções e micro-histórias (Hofmann, 2017, p. 17).

Uma temática tão específica como paisagem no âmbito da cultura contribuiu, de forma extraordinária, para experiências que, até então, não haviam se conectado, fornecendo, além da química do encontro, um arcabouço teórico para alguns caminhos a serem seguidos e um contexto incrível para as realizações práticas e processos de pesquisas para o material didático.

Figura 37 - Arte gráfica da ação educativa Arte Pública e Paisagem Cultural



Fonte: Acervo do Gruda! Arte Pública.

Em se tratando dos diálogos entre atores de divulgação e ocupações artísticas urbanas, ou seja, a produção artística em lambe-lambe, retomamos as questões já levantadas sobre circuitos e redes culturais e complementamos com discussões

com/para/de arte na cidade, dialogando sobre o histórico do *Círculo Grude*³⁵, com a participação de Guga Carvalho³⁶, curador e pesquisador de Teresina/PI, e de Luana Minari, professora de arte e artista do Coletivo Ocupeacidade³⁷, de São Paulo/SP. Eles apresentaram o contexto desde a primeira edição em 2013³⁸, refletiram sobre a rede estabelecida e o seu amadurecimento. O muro com papel tem, poeticamente, um ritual, uma possibilidade de encontro presencial, a materialidade, o cheiro do papel, a cola e a cidade (Figura 38).

**Figura 38 - Arte gráfica da ação educativa
Circuitos e Redes Culturais com/para/de Arte Urbana com participantes**



Fonte: Acervo do *Grude! Arte Pública*.

A Lambes Brasil³⁹ participou com Bruna Alcantara⁴⁰, a jornalista e artista de Curitiba/PR, que trabalha com lambe há anos, contando com o coletivo que tem mais dois integrantes: Alberto Pereira⁴¹ (fundador em 2016) e Tácio Russo⁴². O principal objetivo deles é difundir a estética e a cultura do lambe-lambe e veicular conteúdos veiculados nas mídias sociais do coletivo.

³⁵ <https://circuitogrude.wordpress.com/>. Acesso em: 03 jun. 2024.

³⁶ <http://lattes.cnpq.br/7671392907667068>. Acesso em: 03 jun. 2024.

³⁷ <https://casadopovo.org.br/ocupeacidade/>. Acesso em: 03 jun. 2024.

³⁸ <https://www.flickr.com/photos/ocupeacidade/12823698674/>. Colagem em São Paulo - Coletivo Ocupeacidade 2013. Acesso em: 01 jun. 2024.

³⁹ <https://www.lambesbrasil.com.br/>. Acesso em: 02 jun. 2024.

⁴⁰ <https://www.instagram.com/brunaalcantara.00/>. Acesso em: 02 jun. 2024.

⁴¹ <https://www.instagram.com/albertopereira>. Acesso em: 02 jun. 2024.

⁴² <https://www.instagram.com/russovisky/>. Acesso em: 02 jun. 2024.

A participação honrada da artista, curadora Moara Tupinambá⁴³, *designer*, ilustradora, comunicadora e ativista dos direitos indígenas de Belém/PA, que compartilhou sua trajetória na colagem analógica e digital, bem como o desenvolvimento de sua poética, com seus princípios pela visibilidade das mulheres indígenas. O Coletivo Madeirista⁴⁴, representado por Joesér Alvarez, de Porto Velho/RO, trouxe sua poética de lambes, desde 2005, com uma ação política contra as instalações das hidrelétricas no Rio Madeira como poética ativista, tratando de questões existenciais e sociais. De acordo com Lagnado,

O esforço intelectual de refutar tendências hegemônicas exige uma compreensão contínua do estado da arte: evitar a lista de suspeitos (os nomes de sempre), privilegiar atitudes experimentais que o mercado despreza (embora sabendo que esse mercado depois se apropria das pesquisas dos curadores) e ter um olhar atento para culturas periféricas, marginalizadas. É chamada de curadoria a exposição que rompe com o marasmo e o *déjà-vu*, que propõe uma reorganização do mundo das imagens (Lagnado, 2008, p. 14).

As linguagens artísticas contemporâneas, como já dissemos, organizam-se em redes culturais e circuitos que compõem a cadeia produtiva das artes e das culturas e nestas, podemos ter características muitas vezes econômicas, mas também sociais, comunicativas, ambientais, intersetoriais e de desenvolvimento sustentável, oportunizando uma compreensão contínua do estado da arte e propondo-se a reorganizar o mundo das imagens.

Figura 39 - Arte gráfica da ação educativa *Circuitos e Redes Culturais com/para/de Arte Urbana*



Fonte: Acervo do *Gruda! Arte Pública*.

⁴³ <https://www.moaratupinamba.com/>. Acesso em: 02 jun. 2024.

⁴⁴ <https://www.facebook.com/p/Coletivo-Madeirista-100063528971951>. Acesso em: 03 jun. 2024.

Essa curadoria das ações educativas virtuais trouxe à tona, novamente, as questões regionais brasileiras, que ilustramos no mapa a seguir (Figura 40):

Figura 40 - Ilustração da participação regional nas ações educativas do *Gruda! Arte Pública*

Mapa Regional Brasileiro Ações Educativas Gruda! Arte Pública



Fonte: Acervo pessoal da autora.

3.4 Mapas mentais e cartografia

Todas as considerações acerca dos processos curatoriais também perpassam por estudos e desenhos com a utilização de mapas mentais. A ferramenta já fazia parte do processo de criação artística e cultural da pesquisadora no sentido de organização estratégica e visual dos objetivos, das ações e dos resultados nos planejamentos diversos executados. O aplicativo utilizado é o Coggle⁴⁵, que produz mapas mentais rápida e facilmente, por meio de documentos estruturados hierarquicamente, como uma árvore de ramificação.

O que nos diz um dos criadores dos mapas mentais, Buzan (2009), é que eles

[...] nos permitem planejar todos os aspectos da vida com autoconfiança. Eles são recursos de comunicação, resolução de problemas, imaginação, educação, revisão, gerenciamento do tempo e uso da memória. E também podem ser criações por si mesmos (Buzan, 2009, p. 7).

⁴⁵ <https://coggle.it/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

Neste sentido, os mapas mentais auxiliam a condensar grandes quantidades de informações fragmentadas em um só gráfico visual, tornando as informações mais inteligíveis e prazerosas de serem absorvidas. Além disto, estimula a criatividade e a habilidade de pensar por si mesmo, de fazer associações entre diferentes áreas, de aprofundar nos conteúdos de maneira autônoma e de memorizá-los. Podem ser fonte de prazer e estímulo ao estudo, como também diminuir o estresse causado pelo excesso de informações e impulsionar a produtividade.

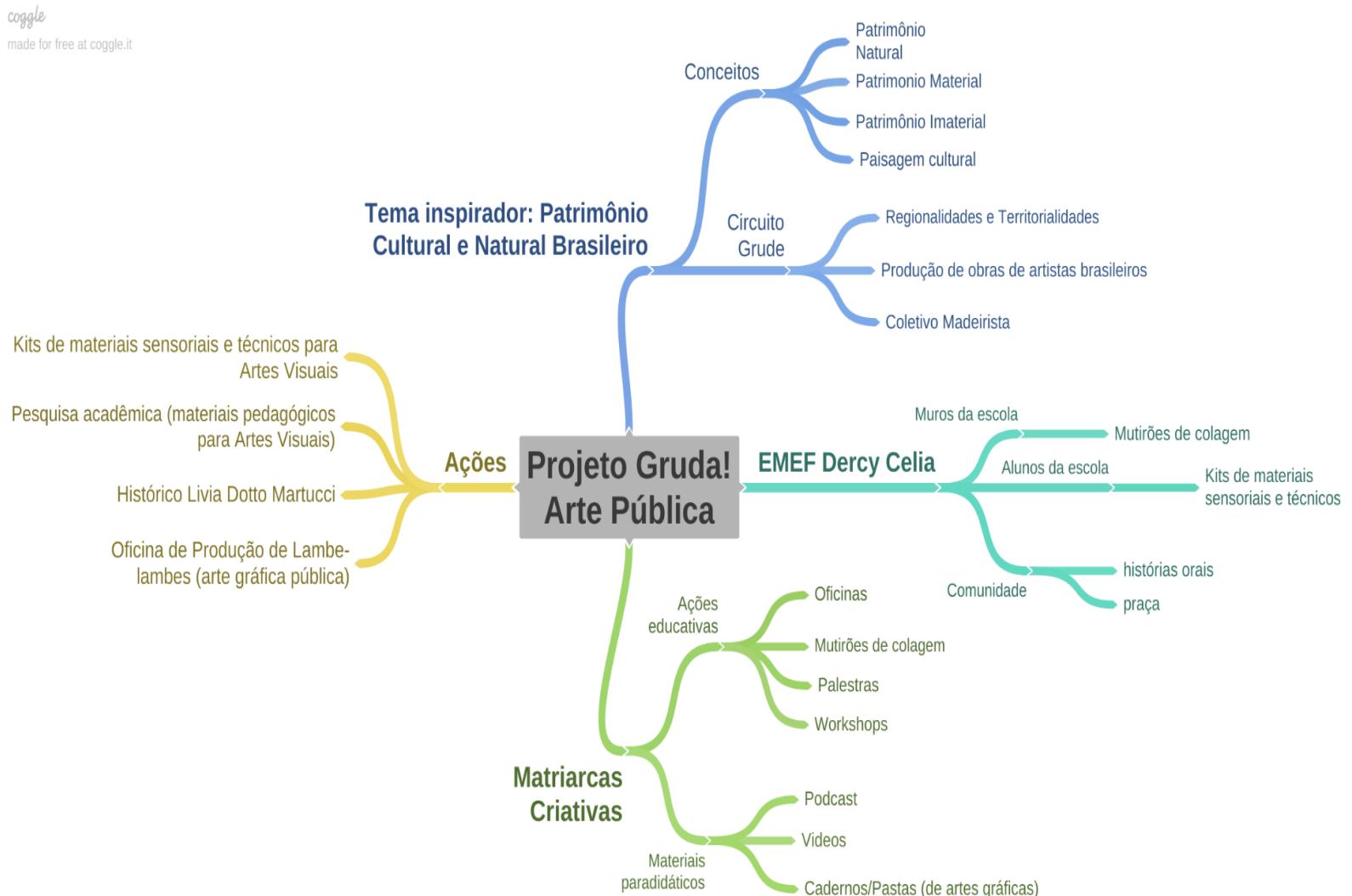
Como o cérebro usa múltiplas inteligências para apreender o mundo, seja de forma verbal, numérica, lógica, como também de forma física, sensual, criativa, ética, espiritual, para trabalharmos melhor as conexões, a imagem e suas associações radiantes em cores, são sensores múltiplos, irradiando e conectando, de forma ramificada, como acontece na troca e armazenamento de informações entre os neurônios, tornando-se uma forma importante de nos alimentar sensorialmente.

Na perspectiva utilizada por Deleuze e Guattari (2011) contextualizando os mapas a partir de rizomas, dentro do princípio da cartografia, complementamos:

[...] O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo numa ação política ou como uma meditação [...] (Deleuze; Guattari, 2011, p. 30).

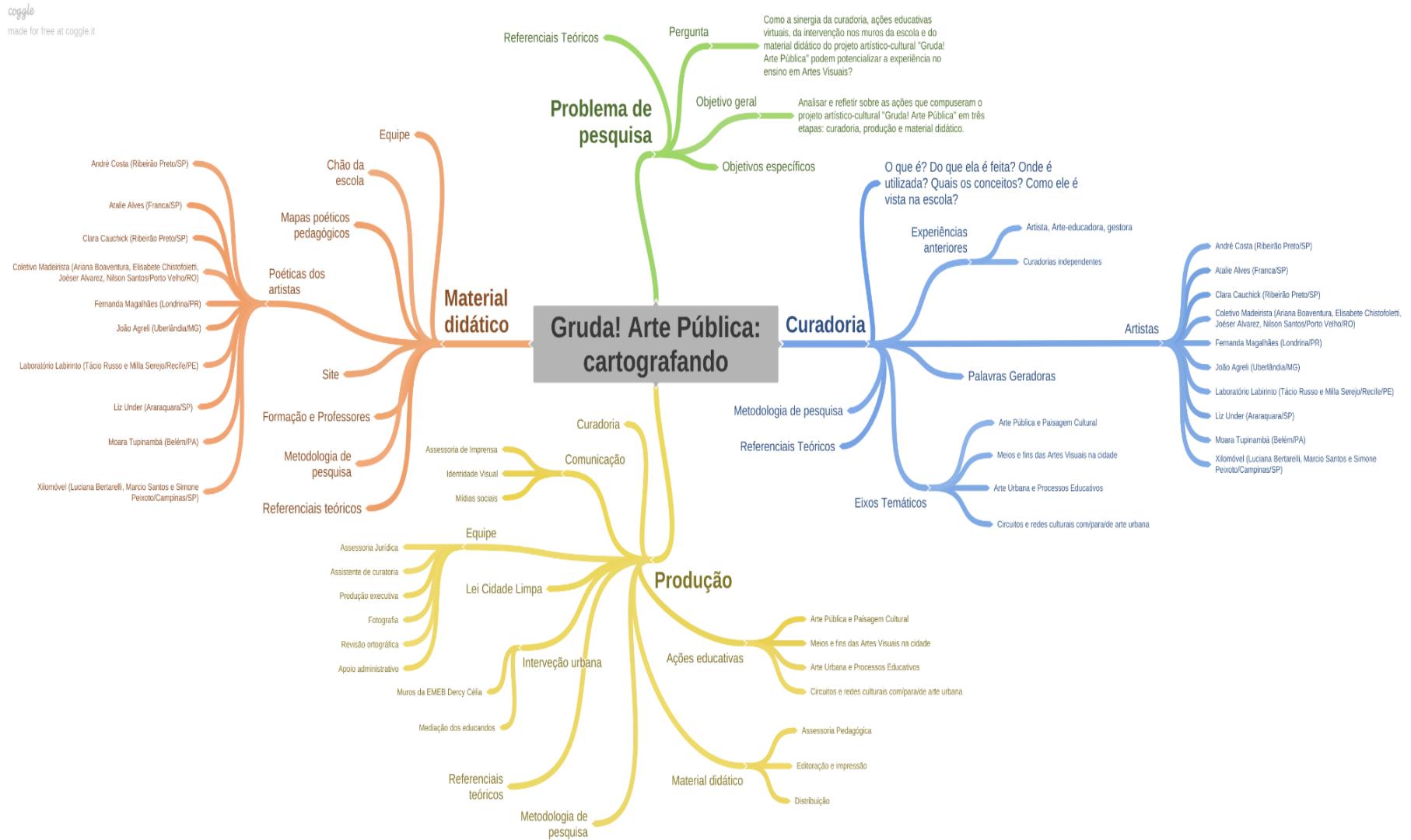
Assim, nas figuras a seguir temos o percurso de mapas mentais construídos no início (Figura 41) e no processo (Figura 42) do *Gruda!*, nos quais o conteúdo visual, a amplificação das ramificações rizomáticas e a memória constam como principal objeto de apreciação e de entendimento sobre os processos da pesquisa.

Figura 41 - Primeiro mapa mental do projeto, enviado no ato da inscrição em 2020



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 42 - Último mapa mental do projeto, de 2022



Fonte: Acervo pessoal da autora

Nada mais natural se a cartografia encontrasse esses percursos e se nos encontrássemos nela, como forma de estar, de olhar de dentro, de “artistar-se”, considerando que,

A cartografia não tem um único modo de utilização, não busca estabelecer regras ou caminhos lineares para que se atinja um fim. O pesquisador-cartógrafo terá que inventar os seus na medida em que estabelece relações e passa a fazer parte do seu próprio território de pesquisa (Costa, 2014, p. 71).

O território é formado por trilhas, atalhos, ruas, muros, aulas, materialidades, passos, observações, interações, união, diálogos, estar, ser, pesquisar, olhar, interconectar, educar, reverberar, seguir o fluxo do que deve, tem que e pode ser seguido.

A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa (Passos; Barros, 2020, p. 17).

Assim, "[...] cartografar é estar, e não olhar de fora. Só se faz cartografia artizando-se" (Costa, 2014, p. 75-76).

A curadora-cartógrafo passa a ser a referência de nossos olhares, pois ela mesma está no caminho, olha de dentro, constrói a trajetória, os passos e a direção. Muitos alinhavos foram tecidos até aqui com a intenção de criar essa cartografia poética, que foi a base do *Gruda!* e o percurso da pesquisa. Conforme Mesquita,

A prática do curador/cartógrafo está vinculada, fundamentalmente, às estratégias de produção artística e à sua inserção no campo social. Seu objetivo é narrar as batalhas na busca de matérias expressivas, de composições de linguagens, de constituição de configurações, e permitir-lhes a existência, proporcionando-lhes visibilidade. Como o cartógrafo, o curador não mede, mas avalia. Seu trabalho não revela sentido (significação), mas o cria (significante), porque procura capturar o estado das coisas, seu clima, a fim de traçar as estratégias artísticas que vai encontrando. Em seu exercício, ele quer participar da constituição de uma amálgama do viajante com o território, compartilhando a invenção de uma realidade específica, a Arte (Mesquita, 1993, p. 03-04).

Os muitos mapas listados durante toda a nossa contextualização, são as peças individuais que darão vida às cartografias poéticas como processos educativos em arte/educação, denominados *Mapas Poéticos Pedagógicos*.

4 PISTA 3 - PROCESSOS EDUCATIVOS CARTOGRÁFICOS EM ARTES VISUAIS

[...] A expressão reta não sonha.
 Não use o traço acostumado.
 A força de um artista vem das suas derrotas.
 Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.
 Arte não tem pensa:
 O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
 É preciso transver o mundo [...]"
Manoel de Barros

Artistar-se: resgataram-se processos de vida da pesquisadora como profissional ligada a área das artes visuais, desde sua graduação até o atual momento, sendo que cada integrante da curadoria representa uma parte deste histórico, caracterizando muito, a partir destas reflexões, os processos descritos na cartografia acolhida para esta pesquisa:

[...] o trabalho de pesquisa se faz pelo engajamento daquele que conhece no mundo a ser conhecido. É preciso, então, considerar que o trabalho da cartografia não pode se fazer como sobrevoo conceitual sobre a realidade investigada. Diferentemente, é sempre pelo compartilhamento de um território existencial que sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e se codeterminam (Alvarez; Passos, 2020, p. 131).

O alinhavo curatorial foi desenvolvido por meio de reflexões sobre estes processos históricos profissionais da curadora-cartógrafa, resgatando educadores e artistas de sua formação acadêmica, das cidades pelas quais desenvolveu trabalhos, pela distribuição geográfica de artistas que representassem a diversidade cultural brasileira, focando um pouco mais na região do Estado de São Paulo, e na curadoria de obras que trouxessem contextualizações diversas para a relação com a arte/educação em espaços educativos, que também se relacionassem com o entorno urbano da escola na qual foram expostas.

O trabalho do curador/cartógrafo é, assim, uma espécie de diário de viagem em que ficam registradas as paisagens descobertas, as estradas percorridas. Dessa forma, em uma exposição – o objetivo final da expedição desse curador – encontram-se identificadas as práticas criadoras, os sistemas de percepção, os elementos que conquistaram um território para se exercer e as direções para a sua inteligibilidade (Mesquita, 1993, p. 04-10).

Como resultado das ações curatoriais do *Gruda!*, desenvolveu-se um material didático de arte/educação de apoio à educadores, elaborado a partir de conceitos da arte contemporânea, educação popular e cartografia. Para cada artista desenvolveu-se um mapa, com propostas de percursos pedagógicos abertos para serem inseridos

nas práticas educativas e contextualizados, a partir de palavras geradoras com foco na poética dos artistas e coletivos.

O resultado final relacionando as palavras geradoras, as obras, os artistas e coletivos e suas regionalidades, consolidou-se da seguinte maneira:

1. Resíduo - André Costa (Ribeirão Preto/SP);
2. Trabalho - Atalie Alves (Franca/SP);
3. Vida - Clara Cauchick (Ribeirão Preto/SP);
4. Água - Coletivo Madeirista (Ariana Boaventura, Elisabete Chistofoletti, Joéser Alvarez, Nilson Santos/Porto Velho/RO);
5. Corpo - Fernanda Magalhães (Londrina/PR);
6. Fé - João Agreli (Uberlândia/MG);
7. Margem - Laboratório Labirinto (Tácio Russo e Milla Serejo/Recife/PE);
8. Cultivo - Liz Under (Araraquara/SP);
9. Terra - Moara Tupinambá (Belém/PA);
10. Praça - Xilomóvel (Luciana Bertarelli, Márcio Santos e Simone Peixoto/Campinas/SP).

4.1 Palavras geradoras

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra.”
Paulo Freire

Para contextualizarmos a utilização das palavras geradoras em cada mapa, trazemos aqui a colaboração essencial da curadora, arte/educadora e artista, Rita Michelutti⁴⁶, que auxiliou os processos curatoriais, estabelecendo diálogos, tanto com artistas brasileiros quanto com sul-americanos e, especificamente, na técnica de lambe-lambe, como gravuristas, muralistas e grafiteiros.

Além disso, sua contribuição foi muito além. As trocas foram essenciais para que a linha conceitual fosse tecida e definida, sendo que a partir desta relação, surgiu a proposta de também relacionarmos as obras e os artistas com palavras geradoras,

⁴⁶ Arte/educadora, pesquisadora, produtora e curadora na área das Artes Visuais, tendo atuado de forma efetiva junto a Secretaria Municipal de Cultura de Araraquara, dentre os projetos: Território da Arte e Bienal Internacional de Gravura Lívio Abramo. Organizadora do livro "Paulo Mascia - Araraquara, a cidade e sua gente". É graduada pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo.

processo de letramento proposto por Paulo Freire, no qual a assistente de curadoria tinha experiência com o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA⁴⁷).

O passo inicial foi uma parte da resenha do livro *Dicionário Paulo Freire*, escrita por Cheron Zanini Moretti (2010), que, em poucas palavras, trouxe o princípio que nos delinearia para as escolhas e as propostas das palavras para cada artista. Segundo Moretti,

Paulo Freire é apresentado pelos organizadores do Dicionário como um “semeador e um cultivador de palavras”, porém não por quaisquer palavras! Palavras “grávidas de mundo”, que partem das motivações (*pretexto*) do educando e da educanda, e estas necessariamente estão carregadas de elementos da realidade em que vivem e observam (Moretti, 2010, pg. 163).

Esses diálogos trouxeram questões ampliadas de leituras, que pudessem ser rizomáticas, tanto em relação às faixas etárias, quanto às práticas pedagógicas dos educadores, a partir do material didático de Arte/Educação. Neste contexto, o levantamento de palavras geradoras foi amplo, envolvendo pesquisas sobre os significados de cada uma, seus usos e suas relações cotidianas, como também as possíveis relações delas com as poéticas dos artistas/coletivos e suas obras.

Freire aponta-nos que

Pensamos numa alfabetização que seja em si mesma um ato de criação, capaz de perpetuar outros atos criativos; uma alfabetização na qual o homem, por não ser nem paciente, nem objeto, desenvolve a impaciência e a vivacidade de invenção e de reinvenção, reações características dos estados de pesquisa (Freire, 2016, p. 77).

As palavras geradoras, que o referido autor utilizava a partir do levantamento do universo vocabular dos educandos e da comunidade, foram pensadas especialmente pela curadoria para o material pedagógico. Foram escolhidas individualmente para cada artista como geradora do trabalho ou, a partir da poética de cada artista, e trabalhadas nos mapas para amplificação dos conteúdos, além dos específicos em Artes Visuais. Ainda de acordo com ele,

Estas palavras são chamadas geradoras porque, através da combinação de seus elementos básicos, propiciam a formação de outras. Como palavras do universo vocabular do alfabetizando, são significações constituídas ou reconstituídas em comportamentos seus, que configuram situações existenciais ou, dentro delas, se configuram. Representativos das respectivas situações, que, da experiência vivida do alfabetizando, passam para o mundo dos objetos. O alfabetizando ganha distância para ver sua experiência: “ad-mirar”. Nesse instante, começa a descodificar (Freire, 2005, p. 10).

⁴⁷ <https://paulofreire.org/programas-e-projetos/projeto-mova-brasil>. Acesso em: 05 jun. 2024.

Depois da primeira seleção, apresentamos as propostas aos artistas convidados, dialogando sobre possibilidades, escolhas e anuências. Alguns preferiram fazer a obra a partir da palavra; outros, a curadoria selecionou obras que se relacionavam às séries já realizadas, e houve ainda os que preferiram trocar por outras palavras, adequando-se à percepção e realidade de cada um.

Assim, as palavras geradoras foram incluídas, uma a uma, em cada proposta pedagógica dos artistas, visto que:

A prática de liberdade é abrir mão do controle, pois são feitas perguntas das quais você não tem as respostas e delas surgirá a possibilidade. Depois que uma resposta é dada, vem a possibilidade de algo novo, que não poderia ter sido previsto antes e é por isso que aquelas questões de que fala Paulo Freire são geradoras, por isso fazem parte da conscientização, porque elas estão trazendo consciência para onde ela não existia. (Vivacqua, 2021, p. 102-103).

As palavras “Resíduo”, “Trabalho”, “Vida”, “Água”, “Corpo”, “Fé”, “Margem”, “Cultivo”, “Terra” e “Praça” propõem rastros principiantes dos processos educativos cartográficos, que resultaram em mapas físicos e manipuláveis de percursos poéticos dos artistas, para serem aplicados à Arte/Educação e à prática da liberdade.

4.2 Material pedagógico de Arte/Educação

O processo de criação e desenvolvimento do material pedagógico de Arte/Educação foi feito de forma muito cuidadosa e com possibilidades de tempo, equipe especializada e financiamento para tal. A equipe curatorial e de assessoria em Arte/Educação, com vasta experiência, tanto em práticas docentes como na elaboração de publicações na área. Paulo Lorenzetti⁴⁸ e Valdicéia Frei⁴⁹ integraram a equipe para dedicação e diálogos coletivos e colaborativos para, então, desenvolverem os mapas do *Gruda!*

⁴⁸ Arte-educador com formação em Artes Visuais pela antiga FATEA, Santo André, ABC Paulista. Pós-graduado em Linguagens da Arte, pelo Centro Universitário Maria Antônia- USP e em Música e Movimento pela UFSCAR. Em 2014 ganhou o Prêmio Arte na Escola Cidadã, na categoria Ensino Fundamental I, com o projeto “Estudo sobre Casas: formas de habitar a arte”, pelo Instituto Arte Na Escola. Dentre outras atividades, participou da elaboração do material educativo da 32ª Bienal Internacional de São Paulo, “Incerteza Viva”, em 2015. Atualmente trabalha na escola Sesi ministrando aulas para estudantes do Fund II e Médio, em Araraquara.

⁴⁹ Arte/educadora, com formação em Artes Visuais pela UEL. Pós-graduada em Gestão Pública pela mesma instituição. Assistente editorial na Ed. Sésamo. Atuou nos diversos níveis de ensino formal e informal, com experiência na produção de materiais didáticos. Atualmente é professora de Arte na Prefeitura Municipal de Cambé-PR.

Vale trazer aqui a inspiração na obra do Sorver Versos⁵⁰, projeto de André Gravatá & Serena Labate, no qual são, em suas próprias palavras, "[...] parceiros no ato de aproximar arte e vida", e trazer janelas, encantos e novos ritmos ressoando na forma como a criação da equipe pedagógica se desenvolveu.

O *Kit Mapas Casa, Escola, Infância e Corpo*⁵¹ (Figura 43) revelou conteúdos, desenhos e percursos traçados e alinhavados, com amadurecimento do trabalho coletivo e criativo, focado na inovação por meio de um dispositivo de acesso universal.

Figura 43 - Coleção Mapas de Visitação, da Sorver Versos



Fonte: <https://www.sorverversos.com/product-page/kit-mapa-casa-e-mapa-escola>.

Nesses contextos, o material pedagógico de Arte/Educação foi denominado *Mapas Poéticos Pedagógicos*, materiais impressos que trilham a criação de percursos, a partir das cartografias poéticas dos artistas/coletivos selecionados pela curadoria. É destinado a educadores especializados nas Artes Visuais, mas também

⁵⁰ <https://www.sorverversos.com/>. Acesso em: 21 ago. 2023.

⁵¹ <https://www.sorverversos.com/product-page/kit-mapa-casa-e-mapa-escola>. Acesso em: 21 ago. 2023.

pode ser usado por qualquer outro educador, pois a linguagem é acessível e de livre criação pedagógica (Figura 44).

Figura 44 - Imagem do *kit* do material didático *Mapas Poéticos Pedagógicos*



Fonte: Acervo pessoal da autora. Foto de Paulo Lorenzetti.

Cada um dos mapas foi trilhado pelas poéticas visuais de cada artista/coletivo, mas também a partir das palavras geradoras que cada trabalho suscitou, refletiu ou criou. Para Freire, toda palavra é palavra-mundo. Ao ser lida, a palavra-mundo reúne o que era o mundo de fora com o que é o mundo de dentro. Por isso, nenhuma leitura é igual e ninguém lê o mesmo livro, nem mesmo quando o lê pela segunda vez.

Assim, esses mapas não propõem caminhos definidos e fechados a serem trilhados em busca de um único tesouro. Antes, colocam-se como um convite para que cada pessoa que tenha contato com eles possa estabelecer seus próprios caminhos, trilhas, sendas, direções. São mapas para estimular a imaginação poética e criativa que cada educador e educando já traz dentro de si, na busca por tornar suas formas de conhecer as artes mais significativas e próximas de suas realidades. Todos são palavras-mapas-mundos. Trilhemos a criação de percursos a partir das cartografias poéticas dos artistas do *Gruda!*

A apresentação gráfica e conceitual dos *Mapas Poéticos Pedagógicos* teve a participação (assim como toda a identidade visual e as mídias sociais) da artista Ana Carolina de Março⁵², hoje radicada na cidade de Eindhoven, na Holanda. Foram produzidos dez mapas a partir de poéticas dos artistas, palavras geradoras e um institucional, com apresentação geral [como constam nos Apêndices de A a K].

Cada mapa tem percursos pedagógicos abertos para serem desenvolvidos em práticas educativas, sendo que foram desenhados a partir de palavras e sentidos que nos guiassem criativamente por mapas e paisagens. Na capa, temos uma apresentação pequena da obra, a palavra geradora e o nome do/a artista. O próximo passo adentra a *Cartografia Poética*, com a apresentação das poéticas do/a artista ou coletivo.

A partir de então, tivemos os *Percursos*, com a parte mais ativa de ensino/aprendizagem e que foram distribuídas conforme segue.

- *Deambular-ações*: como pensar a poética do artista no cotidiano? Como passear com o artista no meu dia a dia.
- *Trilhas reflexivas* - quais conexões podemos fazer a partir da obra e do artista.
- *Coordenadas abertas* - mão na massa para realizar ações práticas e/ou manuais relacionadas à técnica ou proposta do/a artista.
- *Rotas propositivas* - processos de envolvimento e pesquisa a partir das poéticas

Ao abrir o mapa, feito em papel tamanho A3 (com dobras para apresentar os conteúdos), conforme Figuras 45 e 46, foi possível observar que a obra do/a artista ou coletivo foi impressa no maior tamanho possível, juntamente com as informações técnicas da obra, uma breve apresentação curricular com foto, palavra geradora, *link* para perfil do/a artista e *QRcode* para o site do *Gruda!*

Na contracapa, criamos o *Veredas: outros/as artistas que dialogam com a poética*, com lista de referências de outros/as artistas, com uma brevíssima apresentação e *link* para acessar as mídias digitais.

⁵² <http://www.anacarinademarco.com.br> Acesso em: 06 jun. 2024.

Figura 45 - Parte interna do Mapa Poético Pedagógico de Moara Tupinambá - Terra



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 46 - Parte externa do Mapa Poético Pedagógico do Laboratório Labirinto - Margem



Deambular-ações: Como pensar a poética do artista no cotidiano?
Que tal experimentar essa "metodologia de deriva" com os estudantes?
Caminhar pelo bairro, ao redor da escola ou mesmo dentro do próprio ambiente escolar, reconhecendo, investigando e colelando o que dizem as paredes com suas marcas, desenhos, cartazes?
O que dizem as paredes da sua escola? E as casas, muros, calçadas, paredes e portões do seu bairro ou do bairro ao redor da sua escola?

Trilhas Reflexivas
Caminhar observando o mesmo local de sempre, mas com atenção, pode mudar a perspectiva de percepção?
O quanto o cotidiano pode nos tirar a sensibilidade para perceber as coisas ao nosso redor?
Como rever, transver os espaços que habitamos cotidianamente?

X Coordenadas abertas X

Que tal propor a criação de trabalhos artísticos baseados na observação e coleta de informações em "caminhadas ativas" dentro da própria escola? Você pode:
• Coletar palavras presentes no espaço escolar e com elas criar poemas;
• Criar trabalhos visuais a partir da coleta de texturas com a técnica de frottage;
• Criar trabalhos que mesclam a linguagem visual e verbal

X Rotas Propositivas X

Dialogando com a palavra geradora Margem, que tal realizar um exercício de desenho de contorno de objetos ou pessoas?
Os estudantes podem se revezar deitando sobre um papel e realizando o desenho do contorno do corpo de cada um. Outra possibilidade é o uso da hora para produzir sombras, que podem ser realizadas em um dia ensolarado ou produzidas a partir da projeção de uma lanterna ou luminária. Essas são estratégias que possibilitam aos estudantes sair da figuração tradicional experimentando formas inusitadas de representação, a partir da distorção destas sombras. Um desmembramento da atividade

também pode ser realizado recortando estes contornos de figuras para trabalhar com o conceito de figura e fundo. Uma sugestão é a utilização de papeis de cores diferentes, a fim de que consigam identificar a diferença entre ambos.

Os estudantes podem experimentar escritas de diversas palavras com linhas "desenhadas". Assim como fazem os artistas do graffiti, criando letras que se transformam em imagens que não conseguem mais decifrar, como no estilo Wildstyle. Também podem criar poemas imagens como os artistas de poesia.

Criando poemas com palavras coletadas no espaço escolar

Coleta de palavras: os estudantes podem caminhar pela escola anotando as palavras que encontram escritas em cartazes, nas paredes etc. Anotam aquelas que lhes chamam mais atenção. Em um segundo momento, recortam as palavras e fazem um sorteio, montando uma sequência, construindo um poema aleatório.
Em uma variação da proposta, os estudantes podem construir poemas trocando as palavras com seus pares.

Fonte: Acervo pessoal da autora

4.3 Formação de educadores e multiculturalidade

Foram produzidas 300 cópias do material, composto por kits com 11 mapas embalados dentro de uma sacola de tecido personalizada, que foram entregues aos Professores de Educação Básica III - Arte da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Ribeirão Preto (Figuras 47 e 48), aos artistas e à equipe participante do projeto. Também foram distribuídos para algumas instituições e pesquisadores envolvidos no campo da arte/educação, como também aos discentes e docentes do curso Mestrado Profissional em Artes PROF-ARTES/2022.

Figura 47 - TDC Rede Arte - SME/PMRP - turma matutina



Fonte: Acervo de Rafael do Prado Silva

Figura 48 - TDC Rede Arte - SME/PMRP - turma noturna



Fonte: Acervo de Duana Castro Soares

Vale ressaltar que a Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto implementou em 2019 a Lei nº 13.278, de 2 de maio 2016 (Brasil, 2016), com profissionais especialistas na Educação Básica, desde os 04 até os 15 anos, ou seja, da Pré-Escola da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental, com contratação de arte/educadores para a rede municipal de ensino.

Aproveitando a oportunidade de uma rede de Arte/Educação tão ampla, os *Mapas Poéticos Pedagógicos* foram entregues aos professores de Ribeirão Preto, em rodas de conversa durante o TDC Rede Arte (Trabalho Docente Coletivo) (Ribeirão Preto, 2021), que compreende a realização de discussões, a reflexão sobre a prática de sala de aula e a troca de experiências docentes. As atividades foram realizadas presencialmente nos horários matutino e noturno, com mais de 50 participantes em outubro de 2022, no Centro de Educação Especial e Ensino Fundamental Egydio Pedreschi (CEEEF).

A formação de educadores e a multiplicação dos conhecimentos para que a educação pública, a prática docente e a produção cultural sejam cada vez mais efetivas e afetivas, traz à curadora-cartógrafa a condição de selecionar este encontro como importante, pontuando que:

É preciso que o trabalho do professor de Arte não fique isolado entre as paredes da escola. A escola precisa com urgência abrir suas portas e acolher a produção cultural de sua comunidade e de outros lugares e épocas. A comunidade precisa também apoiar a escola, facilitando a construção e circulação de conhecimentos ali produzidos (Coutinho, 2011, p. 159).

Trazendo, nesse sentido, o enfoque da multiculturalidade, também conceituada como educação multicultural, que envolve o desenvolvimento de competências em sistemas culturais, isto é, experiências básicas do ser humano para aprender a ser competente na sua cultura, a autora salienta também que:

Os educadores devem criar ambientes de aprendizagem que promovam a alfabetização cultural de seus alunos nos diferentes códigos culturais, e conduzam à compreensão genérica dos processos culturais básicos e ao reconhecimento do contexto macrocultural em que a escola e a família estão imersas (Richter, 2011, p. 88).

Considerando esses aspectos, o material didático de Arte/Educação de apoio à educadores, os *Mapas Poéticos Pedagógicos* do *Gruda! Arte Pública* contemplam olhares que englobam conceitos, tanto do ensino das artes, como também da educação multicultural, estabelecendo territórios amplificados e contemporâneos aos processos de ensino/aprendizagem.

4.4 Experiências didáticas com o *Mapa Poético Pedagógico - Margem - Laboratório Labirinto*

Contextualizaremos experiências realizadas nos processos educativos cartográficos em Artes Visuais com o *Mapa Poético Pedagógico Margem*, do Laboratório Labirinto, porque essa proposta surgiu a partir de outra faísca durante o ensino/aprendizagem⁵³ sobre práticas do caminhar e pedagogias, relacionadas com os conteúdos trazidos por este mapa.

A curadora-cartógrafa encontra-se constituída no território existencial da prática pedagógica, como educadora no Ensino Fundamental público da cidade de Ribeirão Preto, desenvolvendo ações culturais dentro do sistema de ensino e a pesquisa desse processo. Conforme Alvarez e Passos, esse tipo de ação,

Requer habitar de modo receptivo territórios que se avizinharam, deixando-nos impregnar. O aprendiz-cartógrafo, numa abertura engajada e afetiva ao território existencial, penetra esse campo numa perspectiva de composição e conjugação de forças. Constrói-se o conhecimento com e não sobre o campo pesquisado. [...] permitindo encontrar o que não se procurava ou mesmo ser encontrado pelo acontecimento (Alvarez; Passos, 2020, p. 137).

Segundo o próprio Laboratório Labirinto: a obra *Necessário ser margem*⁵⁴, questiona o lugar e a importância dos espaços marginais no âmbito dos grandes centros urbanos, levantando reflexões críticas a partir da relação texto-imagem acerca de questões como territorialidade, pertencimento e marginalidade dentro da cidade contemporânea, buscando proporcionar uma nova experiência mais sensível entre o sujeito e o espaço urbano que o circunda e o atravessa diariamente em seu cotidiano. Por meio destes processos de estudo do urbano, o trabalho do coletivo passou a usar a metodologia da deriva como entrecruzamento entre corpos, arte e existências.

[...] à deriva é um deslocamento sem rumo, que não prevê um local de chegada, apenas um ponto de partida. É uma técnica de deslocamento praticada por uma ou mais pessoas, que caminham ao sabor dos acontecimentos, definindo percursos a partir das solicitações do terreno e das pessoas que encontrarem pelo caminho. Trata-se, portanto, de um deslocamento subjetivo, o oposto de uma caminhada funcional que levaria do ponto A ao ponto B. Ela é frequentemente associada à perda de tempo, à vagabundagem, ao zanzar irresponsável pelas ruas. Inúmeras vezes ela leva o sujeito a se perder, mesmo em locais conhecidos. É antifuncional e improdutiva, como o jogo (Veloso, 2021, p. 175).

⁵³ Na disciplina PPGMA017 "Performance e performatividade na cena contemporânea" com as docentes Mara Lucia Leal e Paulina Maria Caon no 2º semestre de 2022/UFU/ProfArtes.

⁵⁴ Composição gráfica digital colaborativa entre os artistas Milla Serejo e Tacio Russo - Recife/Pernambuco. 2021. Impressão digital sobre papel. Obra integrante do Gruda! Arte Pública.

No mapa *Margem do Gruda!*, dentro dos percursos propostos como "Deambular-ações: como pensar a poética do artista no cotidiano?", descreve o seguinte:

Caminhar pelo bairro, ao redor da escola ou mesmo dentro do próprio ambiente escolar, reconhecendo, investigando e coletando o que dizem as paredes com suas marcas, desenhos, cartazes? O que dizem as paredes da sua escola? E as casas, muros, calçadas, paredes e portões do seu bairro ou do bairro ao redor da sua escola?

Assim, formulamos a proposta de deambulações sem um fim pré-determinado e com objetivos estéticos de criação e intervenção urbana como proposta pedagógica, isto é, a partir da cartografia poética do Laboratório Labirinto, propôs-se o *Programa Deriva - Cartografias do Chão*, que consiste em caminhar pela cidade à deriva, orientados por mapas retirados do próprio chão da localidade escolhida, buscando documentar textos cotidianos, palavras e vozes do urbano ao caminhar (Figura 49).

Figura 49 - Laboratório Labirinto: livro de artistas - caderno de processos com registros da intervenção utilizando derivas e produções cartográficas na cidade de Salvador



Fonte: Instagram @lab.labirinto⁵⁵

55

https://www.instagram.com/p/CPLZo4iLsHX/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 20 jun. 2024.

Utilizando-nos de "caminhadas ativadas", observamos e coletamos materiais, reconhecendo as pequenas histórias dos lugares, de seus habitantes, das potencialidades dos territórios e das linguagens presentes em seus cotidianos, para fins estéticos de criação e intervenção urbana.

A metodologia da caminhada ativada, com a retirada de mapas do chão, através da impressão gravada do carvão/giz sobre a superfície do papel, busca palavras e tipografias que nos atravessam durante o trajeto, assim como fotos, frotagens e colagens.

Programa Deriva - Cartografias do Chão

a) Instruções do programa:

- Defina seu ponto de início da deriva a partir da escolha de sua busca: palavras ou textos, texturas, imagens ou objetos.
- Com uma folha sulfite branca dobrada ao meio, faça a frotagem da textura do chão escolhida no início e, a partir desta imagem (linhas/marcas), comece a sua deriva seguindo esse mapa.
 - Descreva no seu "livro" o número do mapa, onde iniciou seu percurso (rua, praça, local), qual é a sua busca (palavras ou textos, texturas, imagens, objetos) e o tempo total desta deriva.
 - A partir desta ação, as marcas serão o seu caminho, o seu percurso a ser seguido durante a deriva.
 - Estabeleça um tempo para isso: 1 hora, ou um pouco mais, seria suficiente para todo o percurso.
 - Torne sua caminhada ativada pela sua escolha da busca e siga o mapa juntamente com estas percepções das escolhas iniciais.
 - Pare toda vez que considerar que encontrou algo importante, registre no seu álbum no tempo que considerar necessário e continue o caminho segundo seu mapa.
 - Crie outro mapa com a frotagem da textura do chão e faça o mesmo processo no tempo que tiver disponível.
 - Encerre a deriva quando já tiver dado o tempo estipulado, ou quando julgar que está suficiente para você.

b) Local: bairro, ao redor da escola, dentro da escola e/ou cidade de modo geral.

c) Informações que devem constar em cada mapa:

Página 01

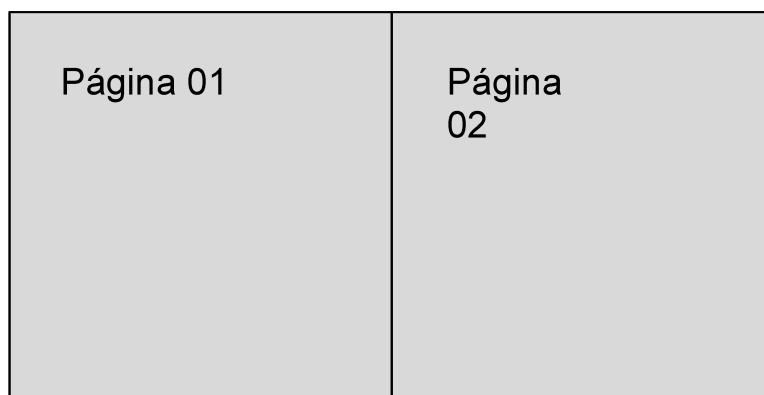
- Mapa nº _____
- Local de início: _____
- Local de término: _____
- Busca: () palavras ou textos na cidade / () texturas / () imagens / () objetos
- Duração total: _____

Página 02

Frotagem da textura do local onde escolheu

Capa

Criar uma imagem/composição para a abertura de seu mapa



d) Materiais:

- Carvão (lápis ou em pedaço), giz de cera ou lápis grafite; 3 a 4 folhas sulfite 75g/ A4 dobradas ao meio e montadas como se fosse um "livro".

Dica: quanto mais fino o papel, melhor para a frotagem; então, você pode usar um papel manteiga ou de seda e colar no "livro" depois.

e) Convocação:

- Plataformas digitais para convocação dos participantes do projeto Gruda! Arte Pública (@gruda.art.br).

f) Publicação dos resultados:

- Enviar fotos, vídeos, desenhos, colagens etc. aos canais das plataformas digitais para sistematização do projeto *Gruda! Arte Pública* (@gruda.art.br).

- Publicação dos materiais com os devidos créditos nos canais do projeto *Gruda! Arte Pública* (@gruda.art.br).
-

Cartografias do Chão (Figura 50)

Figura 50 - Arte gráfica da convocação ao *Programa Derivas - Cartografias do Chão*



Fonte: Instagram @gruda.art.br⁵⁶

Nesta oportunidade, vamos relatar experiências realizadas pela mestrandia Cássia Lopes, em parceria com a "Travessia pelas bordas do Rio Uberabinha"⁵⁷ em Uberlândia/MG e, dentro da sala de aula, pela curadora-cartógrafa, com crianças do 5º ano do ensino fundamental da EMEF "Dercy Célia Seixas Ferrari", em Ribeirão Preto/SP.

⁵⁶

https://www.instagram.com/p/ClwHouFLZgg/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 20 jun. 2024.

⁵⁷ <https://eventos.ufu.br/iarte/2022/12>. Acesso em: 20 jun. 2024.

4.4.1 Experiência 01 - Uberlândia/Minas Gerais

A discente do curso Mestrado Profissional em Artes PROF-ARTES/2022, Cassia Maria Lopes, uniu duas propostas em uma no seu percurso (Figuras 51 a 54):

- da *Travessia pelas bordas do Rio Uberabinha*, que seguiu caminhos anteriormente percorridos pelos grupos como o Coletivo Teatro Dodecafônico, de São Paulo, e o Substantivo Coletivo, de Uberlândia, a partir de práticas compartilhadas entre as professoras pesquisadoras performers Luciana Arslan e Paulina Caon. A travessia propôs um percurso sensorial, poético e reflexivo, em que as pessoas presentes poderiam experimentar uma imersão no próprio caminhar, na relação corpo a corpo com o ambiente da cidade e na relação com um coletivo caminhante. Ao atravessar a cidade a pé, são sugeridas outras formas de habitar e instaurar coreografias na cidade;
- do *Programa Deriva - Cartografias do Chão*, proposta pedagógica a partir do *Mapa Poético Pedagógico Margem* do Laboratório Labirinto (Recife/PE) elaborado pelo projeto *Gruda! Arte Pública*.

Figura 51 - Reunião de fotografias a partir da experiência de frotagem do chão do início do percurso da travessia, assim como a criação da capa do mapa



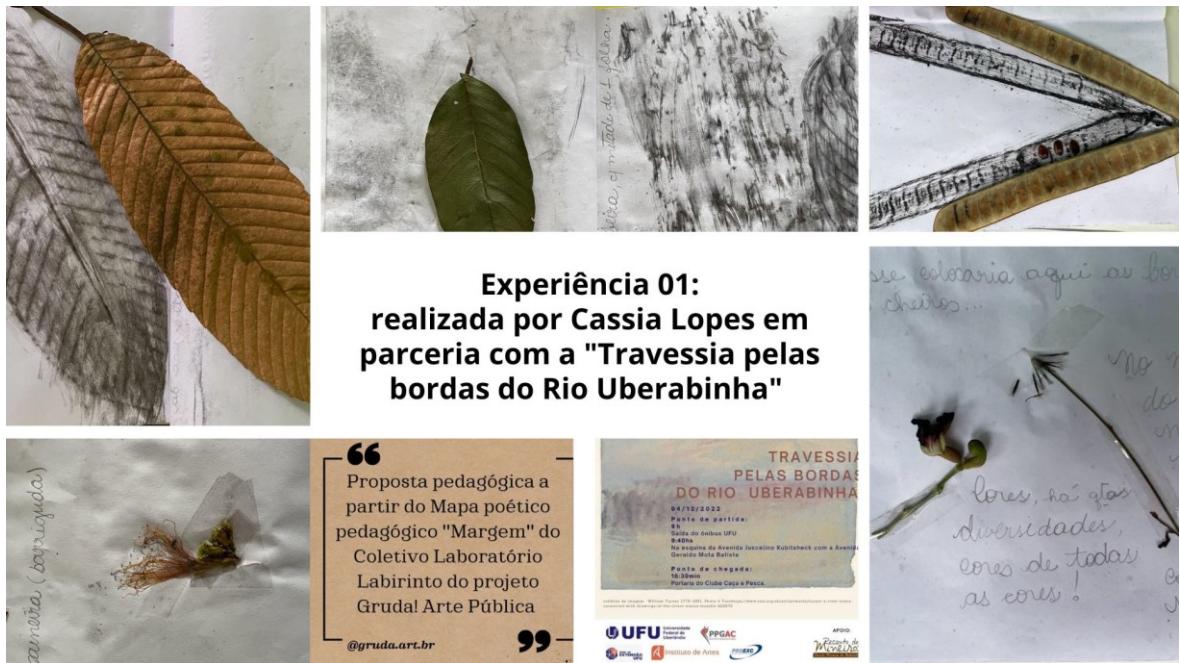
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 52 - Reunião de fotografias a partir de experiências com frotagem em alto relevo, colagem e registros autômatos do percurso



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 53 - Reunião de fotografias a partir de experiências com frotagem feita com carvão, colagem e registros autômatos do percurso



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 54 - Reunião de fotografias a partir de experiências com frotagem com carvão, paisagens e registros autômatos do percurso. Agradecimentos.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

4.4.2 Experiência 02 - Ribeirão Preto/São Paulo

Realizada pela pesquisadora durante sua prática didática, em 2022, com jovens do 5º ano do Ensino Fundamental da EMEF “Dercy Célia Seixas Ferrari” (Figuras 55 e 56).

Figura 55 - Reunião de fotografias a partir de experiências de frotagem com giz do percurso e criação do mapa do chão da escola



Fonte: Acervo pessoal da autora

Na prática educativa, foram dadas as instruções do programa em sala de aula, assim como os materiais (giz de cera em tonalidades de marrons, papel manteiga no tamanho A5 e uma folha sulfite dobrada ao meio). Antes de saírem pela escola, anotaram no mapa algumas informações e levaram consigo outros materiais para fazerem escritas automáticas.

Ao escolherem o local de início, anotaram onde estavam e fizeram a frotagem no chão com o giz no papel manteiga. Como este resultado não ficou muito nítido, devido à superfície ter uma textura padrão, solicitei que olhassem a imagem e desenhassem um percurso aleatório, ligando pontos e linhas mais expressivas, com o objetivo de criarem o mapa a ser seguido.

Voltaram ao local do início e começaram a ler o mapa e caminharativamente observando a cartografia que haviam desenhado. Aí, então, aconteceu a caminhada à deriva, a partir da cartografia do chão da escola⁵⁸! O "[...]" que está em jogo quando o assunto é deriva não é o espaço, nem a extensão percorrida, mas o emprego do tempo de modo não produtivo" (Veloso, 2021, p. 178).

Assim que encerraram os percursos, pedi que anotassem os locais de término e voltássemos à sala de aula para finalizarmos o mapa: fizemos um texto relatando a experiência ou também um desenho, assim como dialogamos sobre a atividade. Temos vídeos⁵⁹ dos mapas montados e os relatos foram permeados sobre como o: "[...]" resultado desse desorientar-se é o traçado de um itinerário não funcional, não habitual e, muito provavelmente, impossível de ser retomado. [...]" (Veloso, 2021, p. 183) (Figura 56).

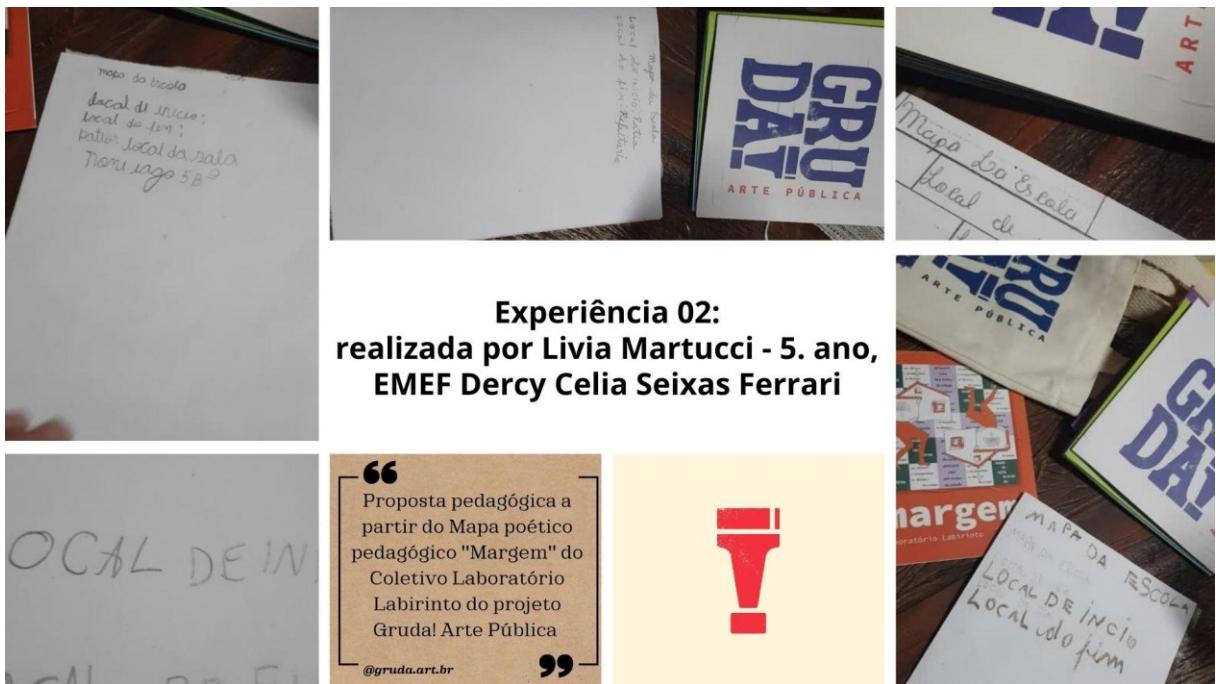
⁵⁸ Um pedaço da experiência pode ser vista aqui:

https://www.instagram.com/reel/Cl48ylypNf8/?utm_source=ig_web_copy_link.

⁵⁹ Mapas dos 5 alunos participantes:

https://www.instagram.com/p/Cl4986ENHK7/?utm_source=ig_web_copy_link.

Figura 56 - Reunião de fotografias a partir de experiências com registros do mapeamento



**Experiência 02:
realizada por Livia Martucci - 5. ano,
EMEF Dercy Celia Seixas Ferrari**

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Nos diálogos finais da atividade, gravei com as crianças algumas perguntas que seguem transcritas:

- Ana, como você se sentiu andando com o mapa?
- Eu me senti, ah, muita aventura, você vai para um lado que você não sabe onde você está indo. Ah, é legal, divertido.
- Iuri, como você se sentiu?
- Eu senti batendo nas coisas...
- Por que você acha que você bateu nas coisas?
- Porque eu andei com o mapa.
- Eu me senti também com medo, porque eu estava com uma sensação de que eu ia bater em alguma coisa, e eu senti com medo, mas também fiquei feliz
- Luana?
- Eu fiquei um pouco tonta, porque eu andei em zigue-zague.
- E você, José?
- O meu eu, andei em círculos.
- Em círculos?
- Sim.
- Vocês já tinham andado desse jeito alguma vez?
- Não, não.
- Como a gente geralmente anda?
- Reto.
- Ah, tipo voa, você vai reto, vira...
- Mas você sabe onde você está indo e aí quem não sabe, pega o mapa.
- Mas esse mapa você sabia onde você ia chegar?
- Não, porque eu fiz coisas aleatórias.
- Exatamente. Muito bom.

As experiências das crianças foram vividas, vivenciadas, refletidas e consolidam que "[...] o tempo da deriva é portanto um tempo qualitativo, um tempo outro, destacado da vida corrente [...]. O caminhar imprime um ritmo e uma temporalidade à visão" (Veloso, 2021, p. 179).

Assim, os processos educativos cartográficos em Artes Visuais transformam o viver, o caminhar, o olhar e a ação de diversas maneiras e "[...] a diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados" (Passos; Barros, 2020, p. 17).

As pistas guiam o trabalho da pesquisa para que os processos e as referências estejam sempre abertos e equilibrados com o caminhar do próprio percurso. Os *Mapas Poéticos Pedagógicos* podem e devem ser pistas cartográficas para a educação multicultural em Arte/Educação e muito ainda percorreremos com eles.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar até aqui é um desafio tanto profissional quanto pessoal. Considero que a realização de todo o percurso é incrivelmente satisfatória e fértil. Linhas, bordados, tecidos, costuras fizeram com que chegássemos a resultados, críticas e muitas reflexões.

Os contextos profissionais, como trabalhadora da cultura, perpassando de artista visual, arte/educadora, produtora e gestora cultural, curadora, conjuntamente aos contextos acadêmicos, como pesquisadora em Artes, trazem a análise de pertencimento ao que denominamos de curadora-cartógrafa.

O trabalho do curador/cartógrafo é, assim, uma espécie de diário de viagem em que ficam registradas as paisagens descobertas, as estradas percorridas. Dessa forma, em uma exposição – o objetivo final da expedição desse curador – encontram-se identificadas as práticas criadoras, os sistemas de percepção, os elementos que conquistaram um território para se exercer e as direções para a sua inteligibilidade. Essa exposição se oferece, ela mesma, como sua própria explicação. O que ela quer dizer em um dado momento será sempre a partir da obra de arte que reverbera no silêncio das galerias. Não existe aí um pensamento que se desdobre antes, previamente à amostra; ao contrário, só pode dar-se simultaneamente a ela, pontualmente em cada momento em que é percorrida e vista (Mesquita, 1993, p. 04).

O “diário de viagem” do *Gruda! Arte Pública* como proposta curatorial está, de certa forma, pontuado nesta pesquisa, com demonstrações de expedições em áreas de conhecimentos correlatas e afins, mas também contribuindo para que outros caminhos possam ser abertos, demonstrados, pesquisados, produzidos, enfim, contextualizados nas diversas realidades.

A criação dos *Mapas Poéticos Pedagógicos* oportunizou a amplitude da busca e da elaboração de processos educativos cartográficos em Artes Visuais, com a possibilidade de diversas leituras de mundo, com públicos diversificados, propondo uma educação multicultural ao trazer, com as poéticas dos artistas, a alfabetização cultural, envolvendo “[...] o desenvolvimento de competências em muitos sistemas culturais” (Richter, 2011, p. 88).

Faz-se necessário destacar, oportunamente, a modificação da paisagem urbana ao redor da unidade escolar que recebeu as intervenções artísticas em seus muros, pelas imagens que foram captadas, nas Figuras 57 a 60.

Figura 57 - Primeira visita ao entorno da escola - 2021



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 58 - Muro com as intervenções realizadas - 2022



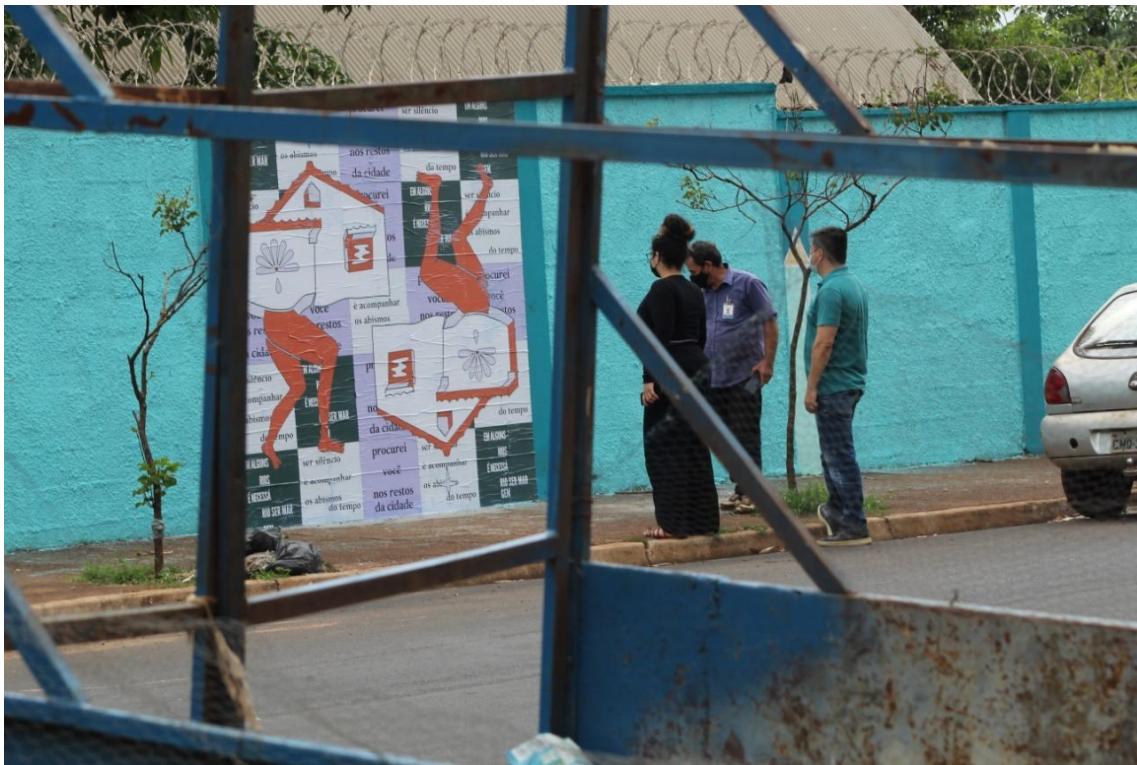
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 59 - Muro da entrada da escola com as intervenções realizadas - 2021



Fonte: Acervo pessoal da autora. Fotos de Vinicius Camargo e Silva.

Figura 60 - Equipe escolar apreciando as obras - 2021



Fonte: Acervo pessoal da autora. Foto de Vinicius Camargo e Silva.

E assim, tomamos emprestadas as palavras de Peixoto (2009, p. 15):

A função da arte é construir imagens na cidade que sejam novas, que passem a fazer parte da própria paisagem urbana. Quando parecíamos condenados às imagens uniformemente aceleradas e sem espessura, típicas da mídia atual, reinventar a localização e a permanência. Quando a fragmentação e o caos parecerem avassaladores, defrontar-se com o desmedido das metrópoles como uma nova experiência das escalas, da distância e do tempo. Através dessas paisagens, redescobrir a cidade. .

Concomitantemente, relacionando a arte, a cidade e a paisagem, o conceito de Arte Pública, movido pela ação educativa virtual *Arte Pública & Paisagem Cultural*, contextualizada no âmbito de uma pandemia mundial, oportunizou o início do contato com a pesquisa do prof. Dr. José Guilherme de Abreu, do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR) da Universidade Católica Portuguesa. Seu trabalho, além de trazer perspectivas históricas, chegando a um papel de colonialista, propõe a delimitação do conceito na História da Arte:

Sintetizando, no meu ponto de vista, o que confere a qualidade pública à Arte é o seu fundamento programático: a circunstância de a Arte se constituir, no fim, como um “serviço público” que lhe consigna a missão de contribuir para a melhoria qualitativa do ambiente natural e do nível cultural da sociedade, estimulando o desenvolvimento sociocultural, e possibilitando a experiência coletiva da convivialidade ética e da fruição estética (Abreu, 2016, p. 46).

Esta pesquisa congratula o processo inicial esboçado no primeiro mapa mental (Figura 65), até as ações de deriva na unidade escolar em Ribeirão Preto/SP e no Rio Uberabinha em Uberlândia/MG, perpassando as ações virtuais com artistas de níveis geográficos completamente diferentes: aula-espetáculo na rua com artista local octogenária; duas colagens nos muros da escola num intervalo de um ano; relações descobertas e outras ainda a serem encontradas, através da distribuição de um material didático a partir de intervenções em Artes Visuais urbanas e a formação dos arte/educadores da rede municipal de ensino de Ribeirão Preto.

As reverberações ainda podem abarcar a intersecção entre as políticas de incentivo à Cultura – neste caso, pela Lei Aldir Blanc/São Paulo/SP (Brasil, 2020) e à pesquisa em Arte/Educação nas escolas – pelo Mestrado Profissional em Artes/UFU/Uberlândia/MG, que percorreram juntas com a história de vida da pesquisadora. Os caminhos dessa história trouxeram movimento geográfico na cadeia produtiva criativa das Artes Visuais brasileiras em momentos específicos do isolamento social, seguidos do retorno gradual às atividades presenciais.

Mesmo que pontualmente, a disponibilização gratuita dos conteúdos gerados nessa união de diversos incentivos, além do uso de ferramentas digitais no planejamento e na produção da pesquisa, compactua com o conceito da multiculturalidade [apontada anteriormente], mas que: “[...] trabalhar com a multiculturalidade no ensino da Artes supõe ampliar o conceito de Arte, de um sentido mais restrito e excludente, para um sentido mais amplo, de experiência estética” (Richter, 2011, p. 91), justificando, assim, a amplificação do universo cultural da comunidade escolar, por meio do estudo da professora da Educação Básica (arte/educadora) e da criação de experiências estéticas diversas.

Acompanhamos o pensamento de Lampert:

[...] Arte e Arte Educação ancoram-se sobre conjuntos de práticas que envolvem o saber fazer, a autorreflexão, o contexto sociocultural e abordagens históricas, que envolvem a prática pedagógica e a prática artística, como procedimentos de um processo criativo evidenciado pela construção sistemática de experiências. Refletir (e produzir) sobre propostas de ensino/aprendizagem que relacionem teoria e prática é relevante para conectar a subjetividade da prática docente e o próprio processo de formação docente, usando o espaço do atelier híbrido, como eixo e cartografia como meio de metodologia ou caminho a ser percorrido como possibilidade de trabalho [...] (Lampert, 2016, p. 99).

A então professora de Educação Básica (PEB III - Arte) da rede municipal de ensino do município de Ribeirão Preto e a produtora artístico-cultural, criadora de

projeto emergencial com o propósito da multiculturalidade, descobre por meio do que Mattar (2016, p. 251) define, conforme já mencionado, como um "exercício cartográfico", ou seja,

[...] a possibilidade de exercitar a autoria do processo de planejamento de ensino, considerando tanto suas tendências poéticas quanto a realidade da escola em que atuam e as necessidades dos seus alunos. Tal perspectiva envolve, substancialmente, a reflexão crítica e a imaginação criadora, que tem no exercício cartográfico um grande aliado⁶⁰.

Essa descoberta mapeada na pesquisa traz, então, a revelação do conceito de curadora-cartógrafa, que possibilita novas significações sobre as Artes Visuais, a partir das análises dos diversos mapas propostos, isto é, em vez "[...]" de dispor os objetos em uma narrativa única, linear, cronológica, o imperativo atual é fazer com que as coisas interajam umas com as outras, posicionando-as com uma gama diversa de histórias, ficções e micro-histórias" (Hoffmann, 2017, p. 17). No campo da curadoria, são essas as questões que o autor nos apresenta em seu abecedário: "C > CURADOR", sobre o desenvolvimento da curadoria de Artes Visuais.

Ao final, a curadora-cartógrafa na pesquisa propõe-se fomentar interações pessoais no campo das histórias de vida, cartografando as influências conceituais e práticas para formulação e realização do projeto curatorial *Gruda! Arte Pública*, que se transforma em rizoma:

[...] não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. [...] o rizoma é aliança, unicamente aliança. [...] o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e...". Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser (Deleuze; Guattari, 2011).

Para se chegar a esse rizoma, muitos percalços foram desafios para a conclusão e um novo início: todo o processo da pandemia e das restrições sanitárias impostas que impactaram a organização geral de todas as etapas, das ações à pesquisa; a construção de uma equipe de trabalho virtual; a aliança de interesses entre artistas, curadoria e realidade; a conjunção das oportunidades com o cronograma e, também, as idiossincrasias e perplexidades dos encontros, mesmo que longínquos, extremamente intensos.

A volta da professora e produtora ao campo acadêmico, após a maternidade e outro mestrado inacabado, foram viagens mentais não computadas nos percursos,

⁶⁰ Nota nossa, com base em Mattar (2016, p. 251): A Cartografia reúne estudos e operações científicas, artísticas e técnicas baseadas em observações diretas ou a partir de documentos, objetivando a elaboração e preparação, entre outras coisas, de mapas.

mas que carregaram intensidade aos percalços invisíveis no trajeto ao qual chegamos até o momento. Acrescentamos ainda, neste contexto, as possibilidades que foram oportunas para cursar, de forma híbrida, o mestrado profissional em municípios e estados diferentes e longínquos, juntando-se ainda o fato de não ter sido possível a aquisição de bolsa de estudo. Ao final, tudo teve seu caminhar em paz.

Demonstramos, portanto, que os processos de curadoria e cartografia, quando unidos em si mesmos e entrelaçados aos campos da Arte/Educação e multiculturalidade, são possibilidades que podem ser desenvolvidas por arte/educadores dentro de espaços educativos e que, por meio deles, podemos pensar no espaço além de seus muros, focando sim o ensino/aprendizagem dentro da sala de aula, mas extrapolando as oportunidades para as diversidades que os espaços públicos e as artes urbanas podem trazer como conteúdos e como serviços públicos. Nesse sentido,

[...] o conceito de cartografia é útil como um método de trabalho que fundamenta um procedimento do olhar do curador na produção artística do presente, porque mantém um olho sensível aos confrontos internos que a arte representa para si mesma, no esforço para se constituir como uma visualidade contemporânea. Por essa razão, o curador/cartógrafo não segue nenhum tipo de protocolo normativo ou qualquer *a priori*: sua profissão nasce da observação das transformações que ele percebe no território que percorre. O que ele procura é situar-se nas proximidades dessas transformações, uma posição que lhe permite perceber o caráter dinâmico do processo de produção do conhecimento (Mesquita, 1993, p. 03).

As experiências evidenciadas pela pesquisa, tanto práticas quanto conceituais, trazem possibilidades de concepções de processos educativos cartográficos nas Artes Visuais, que poderão ser refletidos sob outros olhares, conceitos, territórios, produzindo novos conhecimentos e transformações.

Os mapas recortados aqui, de experiências vivenciadas por uma pequeníssima parte de possibilidades de leituras de mundo, poderão suscitar infinitos percursos trilhados pelos *Mapas Poéticos Pedagógicos*, os quais reúnem dez visões e expressões, por meio das linguagens das Artes Visuais, além de proporem palavras geradoras e percursos em Arte/Educação criados a partir das cartografias poéticas referenciadas por conceitos geográficos.

À deriva e mapeando foi o ritmo: ações diversas e altamente rizomáticas dentro do projeto *Gruda! Arte Pública* que poderiam surtir várias perguntas para diversas pesquisas e assim poder trilhar novos passos a partir de outros mapas e experiências na Arte/Educação.

Observaram-se muitas transformações em todo esse território percorrido até então e, considera-se que estas e muitas outras experiências poderão ser concebidas, a partir da leitura dos mapas criados. Ademais, a descoberta da pesquisadora e curadora-cartógrafa faz com que seus papéis como arte/educadora, produtora cultural, curadora e pesquisadora unam-se em uma única expressão: conceito e contexto.

REFERÊNCIAS

- ABREU, José Guilherme. A arte pública e as suas especificidades. In: CHAVES MARTÍN, Miguel Ángel (Ed.). **Ciudad y artes visuales**. Madrid: Grupo de Investigación Arte, Arquitectura y Comunicación en la Ciudad Contemporánea, Universidad Complutense de Madrid, 2016. Disponível em: https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/23191/1/A_Arte_Publica_e_as_suas_especificidades.pdf. Acesso em: 17 maio 2025.
- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Pista 7: Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020.
- ALVES, Cauê. A curadoria como historicidade viva. In: RAMOS, Alexandre Dias (Org.). **Sobre o ofício do curador**. Série Arte: ensaios e documentos 2. Porto Alegre: Zouk, 2010.
- BARBOSA, Ana Mae. Uma introdução à arte/educação contemporânea. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Arte/educação contemporânea**: consonâncias internacionais. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. 3. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2016. Disponível em: <https://natloyola.com/wp-content/uploads/2021/11/Livrosobrenada-manoel-de-barros.pdf>. Acesso em: 25 maio 2025.
- BRASIL. **Emenda Constitucional nº 71, de 29 de novembro de 2012**. Acrescenta o art. 216-A à Constituição Federal para instituir o Sistema Nacional de Cultura. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc71.htm. Acesso em: 19 ago. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991**. Restabelece princípios da Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8313cons.htm. Acesso em: 19 ago. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016**. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13278.htm. Acesso em: 10 ago. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020**. Dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L14017.htm. Acesso em: 25 jun. 2022.

BUZAN, Tony. **Mapas mentais**. Trad. Paulo Polzonoff Jr. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

CORO Colaboradores em Rede e Organizações. **Acervo Coro e Banco de Dados**. 2012. Disponível em:
<https://web.archive.org/web/20131226221407/http://corocoletivo.org/acervo-coro-e-banco-de-dados/>. Acesso em: 01 maio 2024.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 7, n. 2, mai./ago. 2014. Disponível em:
https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111/pdf_1. Acesso em: 01 jun. 2022.

COUTINHO, Rejane C. A formação de professores de arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino de arte**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. v. 1. 2. ed. Trad. Ana Lucia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto; Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

DIAMOND, Sara. Mapping the collective. 2002. Disponível em:
<http://www.eciad.ca/~rburnett/mappingcollective.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2005.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. Trad. Tiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HOFFMANN, Jens. **Curadoria de A a Z**. Trad. João Sette Camara. Rio de Janeiro: Cobogó, 2017.

LAGNADO, Lisette. As tarefas do curador / The curator's tasks. **Marcelina**: Revista do Mestrado em Artes Visuais da Faculdade Santa Marcelina, São Paulo, ano 1, v. 1, 2008. Disponível em: https://desarquivo.org/sites/default/files/marcelina_01.pdf. Acesso em: 03 jun. 2024.

LAMPERT, Jociele. [Entre paisagens] ou sobre 'ser' artista professor. **Cadernos de Pesquisa**: Pensamento Educacional (Curitiba. Online), Curitiba, v. 11, n. 29, 19 dez. 2016. Disponível em: <https://seer.utp.br/index.php/a/article/view/441/408>. Acesso em: 17 maio 2025.

MATTAR, Sumaya. **Cartografia e autoria docente**: a imaginação criadora nos processos de planejamento de ensino. São Paulo: ECA/USP, 2016. Disponível em:
<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002788423.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2025.

MESQUITA, André Luiz. **Insurgências poéticas**: arte ativista e ação coletiva (1990–2000). 2008. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-03122008-163436>. Acesso em: 31 mar. 2024.

MESQUITA, Ivo. **Cartographies**. Trad. Eduardo Rebelo. Winnipeg: Winnipeg Art Institute, 1993. Disponível em: <http://www.forumpermanente.org/revista/periodico-permanente-9/textos-em-html/cartographies>. Acesso em: 09 jun. 2024.

MILAN, Denise. Arte pública: um olhar brasileiro. In: MIRANDA, Danilo Santos (Coord.). **Arte pública**: seminários de arte pública. São Paulo: SESC, 1998.

MORETTI, Cheron Zanini. Paulo Freire e as palavras geradoras de mundos e de pronúncia de novas realidades. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 2, maio/ago., 2010.

MOTTA, Flávio L. A arte e a vida urbana no Brasil. In: VITAL, Márcia Maria de Paiva. **O espaço urbano como manifestação cultural de nossa cidade**. São Paulo: Instituto Roberto Simonsen, 1977.

PAIM, Claudia Teixeira. **Coletivos e iniciativas coletivas**: modos de fazer na América Latina contemporânea. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/17688>. Acesso em: 31 mar. 2024.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. Pista 1: A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. 4. ed. São Paulo: Editora Senac, 2009.

PORO Intervenções urbanas e ações efêmeras. **Exposição do Acervo “Coletivos em Rede e Organizações”**. 2010. Disponível em: <https://poro.redezero.org/novidades/exposicao-do-acervo-coletivos-em-rede-e-organizacoes/>. Acesso em: 04 maio 2024.

REINALDIM, Ivair. Tópicos sobre curadoria. **Poiesis**, n. 26, dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/22857/13435>. Acesso em: 29 maio 2024.

RIBEIRÃO PRETO – SP. **Resolução SME nº 27, de 19 de novembro de 2021**. Dispõe sobre o cumprimento do Trabalho Docente Coletivo (TDC) na Rede Municipal de Ensino de Ribeirão Preto/SP no ano de 2022. Disponível em:

RICHTER, Ivone Mendes. Multiculturalidade e interdisciplinaridade. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino de arte**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

REVERBERAÇÕES Festival de Arte e Cultura Colaborativa. **O que é?** (2010). Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20161205120911/http://blog.reverberacoes.com.br/>. Acesso em: 04 maio 2024.

ROLLIG, Stella. **Between agitation and animation**: activism and participation in twentieth century art. 2000. Disponível em: <http://eipcp.net/transversal/0601/rollig/en>. Acesso em: 10 set. 2006.

SÃO PAULO. **Lei nº 12.268, de 20 de fevereiro de 2006** (Atualizada até a Lei nº 16.381, de 31 de janeiro de 2017). Institui o Programa de Ação Cultural - PAC, e dá providências correlatas. São Paulo: Alesp, 2006. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2006/lei-12268-20.02.2006.html>. Acesso em: 10 ago. 2025.

SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar**. São Paulo: Martins Fontes, 2016. Cap. 14 – Caminhadas depois da meia-noite: mulheres, sexo e espaço público, p. 385–408.

TEJO, Cristiana. Não se nasce curador, torna-se curador. In: RAMOS, Alexandre Dias (Org.). **Sobre o ofício do curador**. Série Arte: ensaios e documentos 2. Porto Alegre: Zouk, 2010.

VELOSO, Verônica. **Percorrer a cidade a pé**. São Paulo: Appris Editora, 2021. Cap. 3. Derivas situacionistas e outras formas de perder-se.

VIVACQUA, Flávia. **A pérola do dragão**: uma jornada profunda pelas origens do método e filosofia Dragon Dreaming e outras contribuições em Educação Regenerativa e processos de coaprendizagem. São Paulo: Bambual Editora Ltda., 2021.

APÊNDICE A - MAPA GRUDA! ARTE PÚBLICA

Institucional

APÊNDICE B - MAPA POÉTICO PEDAGÓGICO

TRABALHO - Atalie Alves - Gruda! Arte Pública

X Cartografia Poética X

O universo do trabalho sempre esteve presente na obra de Atalie Alves, seja retratando operários em seu processo, seja levando arte até estes lugares "não convencionais". Para a artista, que trabalha com as técnicas de aquarela, guache, lápis de cor, pastel, xilogravura e óleo, a curiosidade sobre a elaboração de objetos industriais permite que tenhamos imagens realizadas com esmero, daquelas que sabem o quanto há de valor em todo o trabalho empreendido pelas mãos humanas.

Pesquisadora das técnicas de gravura e suas possibilidades de matrizes alternativas, nesta proposta ela parte da fotografia para construir suas linoleogravuras, trazendo o universo da indústria de calçados existente em sua região.

Mapa com direção e escala.

X Veredas X

Um passeio pelo trabalho de Atalie Alves é uma viagem ao mundo das artes plásticas. Através de suas linoleogravuras, a artista nos convida a explorar diferentes caminhos e rotas, cada uma com sua história e significado.

X Rotas Propostivas X

As rotas propostivas são caminhos criados por Atalie Alves para explorar o espaço de trabalho. Elas conectam locais de trabalho com a sociedade e a natureza, promovendo a reflexão sobre a relação entre o homem e o ambiente.

X Coordenadas abertas X

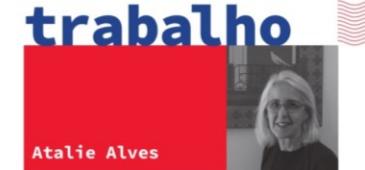
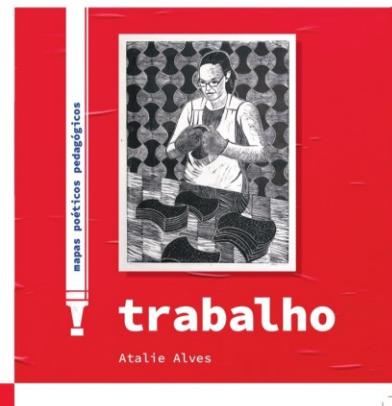
As coordenadas abertas são pontos de referência para explorar o espaço de trabalho. Elas são marcadas por sinalizações e indicam rotas e destinos para descobrir novas perspectivas.

X Percurso X

O percurso é uma jornada que leva o visitante a explorar diferentes ambientes de trabalho, desde oficinas artesanais até fábricas de grandes empresas. Ele é dividido em etapas e indica rotas para seguir.

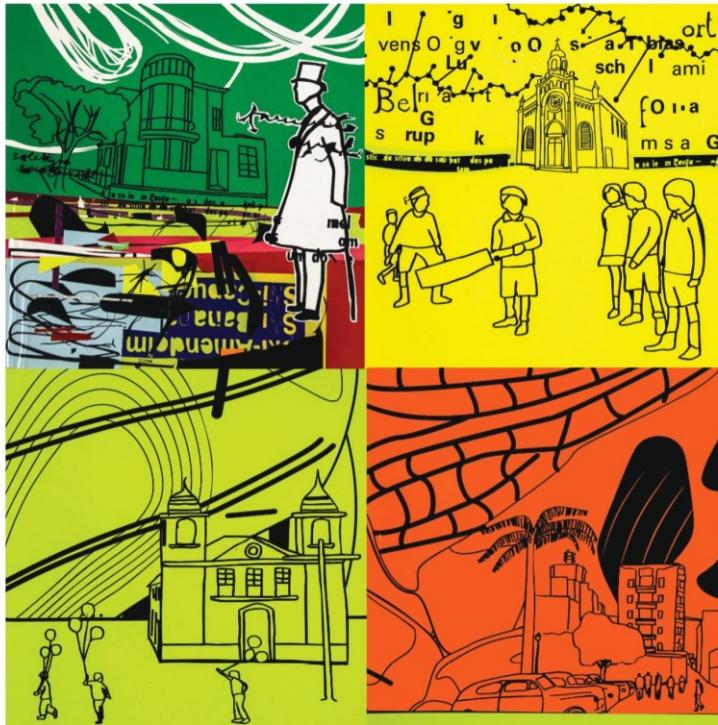
X Trilhas Reflexivas X

As trilhas reflexivas são percursos guiados que estimulam a reflexão sobre o trabalho e sua importância na sociedade. Elas são realizadas por guias qualificados e permitem uma experiência mais profunda do trabalho.



APÊNDICE D - MAPA POÉTICO PEDAGÓGICO – RESÍDUO

André Costa - *Gruda! Arte Pública*



André Costa é artista visual brasileiro, vive e trabalha na cidade de Ribeirão Preto, São Paulo. É graduado em Artes Visuais pelo UFSCar, Produtor Cultural, cênografo, mestre em ressignificação dos resíduos. Em sua produção poética reinterpreta os símbolos e signos da comunicação de massa e dos resíduos da indústria gráfica Brasileira.

Atualmente inclui em sua produção a madeira, metal, plástico transformando o descarte da sociedade em obra de arte.

Sua obra é transformadora de sentidos e abre caminho para diversas leituras. Possui cores vibrantes e formas fragmentadas e espontâneas, a partir dos resíduos da sacata e sobras de comunicação de massa. O resultado é dinâmico e cético, não linear.

- 1. Palacete Camilo de Mattos, inaugurado em 1922, tombado como patrimônio cultural em 2008
- 2. Igreja Evangélica Congregacional, ao lado do Lino Strambi, na Rua Barão de Amazonas

- 3. Primeira Igreja Matriz construída na cidade, na Praça Carlos Gomes, onde tivemos (também) o Teatro Carlos Gomes (ambos demolidos)
- 4. Edifício Diederichsen - o primeiro edifício vertical da cidade e um dos dois primeiros do interior do estado de São Paulo

Ribeirão Preto/ São Paulo

Título 1 - PRBR 36, 2. PRBR 39, 3. PRBR 46, 4. PRBR 22

Ano 2015

Técnica Matriz em confinamento estético de resíduos passageiros e descartáveis da indústria gráfica com impressão final digital

Dimensões 50x50cm



X Rotas Propostivas X

Cartografia Poética

O mapa mostra rotas propostivas de esculturas feitas com materiais reciclados, banners ou adesivos feito com lixo.

Veredas X

O mapa mostra rotas propostivas de esculturas feitas com materiais reciclados, banners ou adesivos feito com lixo.

X PercursoS X

Cada caminho segue uma rota de esculturas feitas com materiais reciclados.

X Coodenadas abertas X

Projetos que utilizam esculturas com rotinhas de papel para atração de pessoas.

X Esculturas com embalagens de produtos diversos X

Esculturas feitas com materiais reciclados, banners ou adesivos feito com lixo.

X Trilhas Reflexivas X

Quem é esse artista que usa lixo para esse desafio?

O que é que esse artista faz com lixo para transformá-lo?

Como esse artista faz com lixo para transformá-lo?

resíduo

André Costa

APÊNDICE E - MAPA POÉTICO PEDAGÓGICO – FÉ

João Agreli - *Gruda! Arte Pública*

X Rotas Propostivas X

João Agreli pesquisa e atua no cruzamento entre artes visuais, design gráfico, publicidade e tecnologia no cenário urbano. Outros rios, cartões, quadros, stickers, pintagens, e linguagens, compõem o seu repertório de produção. Temas do imaginário da infância, da cultura popular e elementos da natureza se mesclam a recursos tecnológicos como QR Codes e às técnicas publicitárias, as vezes obsoletas, criando uma interface de comunicação das obras com os espectadores que são estimulados pelas novas tecnologias a descobrirem as mensagens codificadas.

Na série Totem, o artista mescla símbolos de diferentes tempos e culturas animais da fauna do cerrado brasileiro caracterizados como símbolos indígenas de proteção, coroas como símbolos do poder e QR codes como símbolos da tecnologia. O nome Totem pode representar tanto as esculturas de animais, como remeter às estruturas da comunicação visual contemporânea, o totêmico publicitário. Suas obras refletem o cenário urbano e os poderes mágicos da publicidade e da propaganda.



João Agreli é um artista plástico que trabalha com a interseção entre design gráfico, publicidade e tecnologia. Seus trabalhos exploram temas como o imaginário infantil, a cultura popular e a natureza, combinados com recursos tecnológicos como QR codes. Sua obra "Totem" é uma ótima demonstração disso, onde animais do cerrado brasileiro são transformados em esculturas Totemicas com QR codes integrados.

X Rovas Poéticas X

Angela Leite é uma artista que trabalha com a cultura popular e a natureza. Sua produção é multilingüagem, abrangendo murais, pinturas, desenhos, gravuras e vídeos. Ela também trabalha com esculturas e objetos.

Leila Monségur é uma artista multidisciplinar que trabalha com arte e tecnologia, juntando arte e ciência. Ela cria fotos hibridas de animais, combinando diferentes espécies de animais para criar criaturas novas e estranhas.

Véio é um artista que trabalha com madeira para representar o seu olhar inusitado sobre o homem e a vida no sertão nordestino.

Arne Olav Gurvin Fredriksen é um engenheiro eletrônico norueguês que cria fotos hibridas de animais, combinando diferentes espécies de animais para criar criaturas novas e estranhas.

X Cordinadas Abertas X

As rotas propostivas de João Agreli são inspiradas nas rotas de migração animal. Ele usa rotas de animais que migram de maneira similar ao que os humanos fazem, criando rotas que levam ao turismo e à exploração. As rotas de animais são rotas que levam ao turismo e à exploração. As rotas de animais são rotas que levam ao turismo e à exploração.

X Percurtos X

As rotas percorridas por João Agreli são rotas que levam ao turismo e à exploração. As rotas percorridas por João Agreli são rotas que levam ao turismo e à exploração.

X Triângulos Reflexivos X

As rotas reflexivas de João Agreli são rotas que levam ao turismo e à exploração. As rotas reflexivas de João Agreli são rotas que levam ao turismo e à exploração.

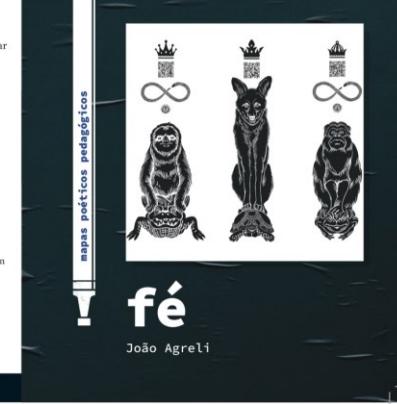
X Veredas X

As veredas de João Agreli são rotas que levam ao turismo e à exploração. As veredas de João Agreli são rotas que levam ao turismo e à exploração.



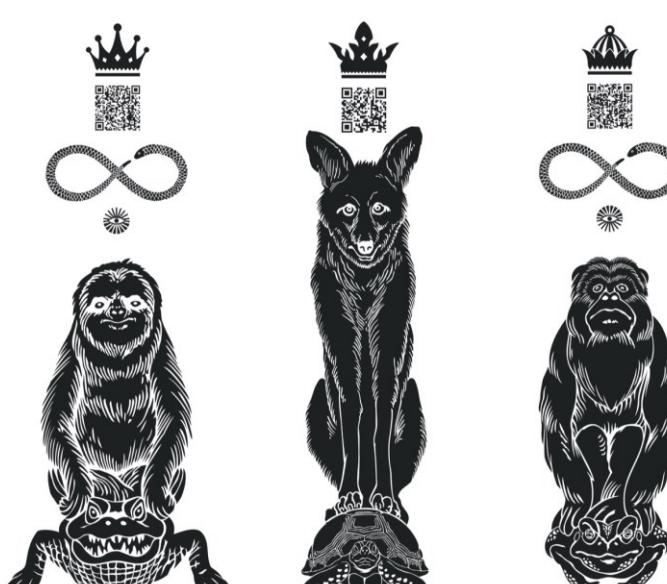
Totem
João Agreli

Este projeto é uma homenagem ao sertão nordestino, explorando a relação entre a cultura popular e a natureza. As esculturas Totemicas representam animais do cerrado brasileiro com QR codes integrados, permitindo que os visitantes interactuem com as obras de maneira digital.



fē
João Agreli

O livro 'fē' é uma coleção de desenhos e pinturas de João Agreli, explorando temas como a cultura popular, a natureza e a tecnologia. As páginas contêm ilustrações detalhadas de animais e paisagens, muitas vezes com QR codes integrados.



Totem
João Agreli

Este projeto é uma homenagem ao sertão nordestino, explorando a relação entre a cultura popular e a natureza. As esculturas Totemicas representam animais do cerrado brasileiro com QR codes integrados, permitindo que os visitantes interactuem com as obras de maneira digital.

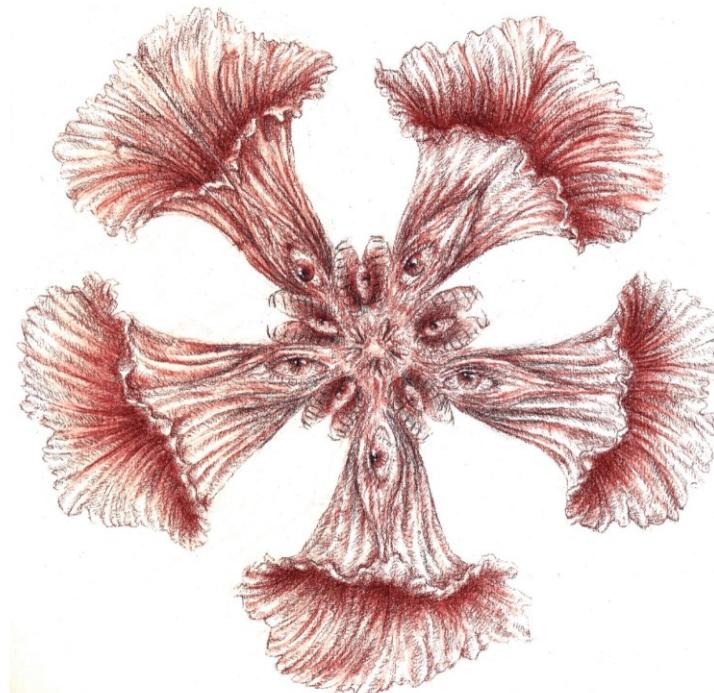


fē
João Agreli

O livro 'fē' é uma coleção de desenhos e pinturas de João Agreli, explorando temas como a cultura popular, a natureza e a tecnologia. As páginas contêm ilustrações detalhadas de animais e paisagens, muitas vezes com QR codes integrados.

APÊNDICE F - MAPA POÉTICO PEDAGÓGICO – CULTIVO

Liz Under - *Gruda! Arte Pública*



@liz.under



APÊNDICE G - MAPA POÉTICO PEDAGÓGICO – CORPO

Fernanda Magalhães - *Gruda! Arte Pública*

X Rotas Propositivas X

O trabalho da artista Fernanda Magalhães nos convida a refletir sobre o corpo, mas antes de tudo é uma afirmação da existência. Na obra apresentada pela artista no projeto, vemos o corpo em diálogo com a natureza, essa natureza que clama também pela sua existência. Sobre o direito do corpo de estar no mundo e ser respeitado da forma que ele é, livre de julgamentos, padrões e preconceitos.

A artista tem na fotografia sua principal linguagem artística, onde manipula, recorta, cola e transforma o corpo, produzindo novas imagens, nos fazendo refletir sobre a ditadura da beleza que nos impõe uma série de agressões, com seus corpos impossíveis: desde os regimes mirabolantes às cirurgias em busca deste padrão irreal. Fernanda constrói e nos educa mostrando a beleza do corpo que não segue padrões, uma obra potente que impacta e transforma.



Londrina, Paraná

X Cartografia Poética X

O trabalho da artista Fernanda Magalhães é uma afirmação da existência. Na obra apresentada pela artista no projeto, vemos o corpo em diálogo com a natureza, essa natureza que clama também pela sua existência. Sobre o direito do corpo de estar no mundo e ser respeitado da forma que ele é, livre de julgamentos, padrões e preconceitos.

A artista tem na fotografia sua principal linguagem artística, onde manipula, recorta, cola e transforma o corpo, produzindo novas imagens, nos fazendo refletir sobre a ditadura da beleza que nos impõe uma série de agressões, com seus corpos impossíveis: desde os regimes mirabolantes às cirurgias em busca deste padrão irreal. Fernanda constrói e nos educa mostrando a beleza do corpo que não segue padrões, uma obra potente que impacta e transforma.

X Cordenadas abertas X

O trabalho da artista Fernanda Magalhães é uma afirmação da existência. Na obra apresentada pela artista no projeto, vemos o corpo em diálogo com a natureza, essa natureza que clama também pela sua existência. Sobre o direito do corpo de estar no mundo e ser respeitado da forma que ele é, livre de julgamentos, padrões e preconceitos.

A artista tem na fotografia sua principal linguagem artística, onde manipula, recorta, cola e transforma o corpo, produzindo novas imagens, nos fazendo refletir sobre a ditadura da beleza que nos impõe uma série de agressões, com seus corpos impossíveis: desde os regimes mirabolantes às cirurgias em busca deste padrão irreal. Fernanda constrói e nos educa mostrando a beleza do corpo que não segue padrões, uma obra potente que impacta e transforma.

X Percurso(s) X

O trabalho da artista Fernanda Magalhães é uma afirmação da existência. Na obra apresentada pela artista no projeto, vemos o corpo em diálogo com a natureza, essa natureza que clama também pela sua existência. Sobre o direito do corpo de estar no mundo e ser respeitado da forma que ele é, livre de julgamentos, padrões e preconceitos.

A artista tem na fotografia sua principal linguagem artística, onde manipula, recorta, cola e transforma o corpo, produzindo novas imagens, nos fazendo refletir sobre a ditadura da beleza que nos impõe uma série de agressões, com seus corpos impossíveis: desde os regimes mirabolantes às cirurgias em busca deste padrão irreal. Fernanda constrói e nos educa mostrando a beleza do corpo que não segue padrões, uma obra potente que impacta e transforma.

X Trilhas Reflexivas X

O trabalho da artista Fernanda Magalhães é uma afirmação da existência. Na obra apresentada pela artista no projeto, vemos o corpo em diálogo com a natureza, essa natureza que clama também pela sua existência. Sobre o direito do corpo de estar no mundo e ser respeitado da forma que ele é, livre de julgamentos, padrões e preconceitos.

A artista tem na fotografia sua principal linguagem artística, onde manipula, recorta, cola e transforma o corpo, produzindo novas imagens, nos fazendo refletir sobre a ditadura da beleza que nos impõe uma série de agressões, com seus corpos impossíveis: desde os regimes mirabolantes às cirurgias em busca deste padrão irreal. Fernanda constrói e nos educa mostrando a beleza do corpo que não segue padrões, uma obra potente que impacta e transforma.

corpo
Fernanda Magalhães



GRUDA!
ARTE PÚBLICA

@fermagaga62



APÊNDICE K - MAPA POÉTICO PEDAGÓGICO – MARGEM

Laboratório Labirinto - Gruda! Arte Pública



X Percursos X

Deambular-ações: Como pensar a poética do artista no cotidiano?

Que tal experimentar essa "metodologia de deriva" com os estudantes?

Caminhar pelo bairro, ao redor da escola ou mesmo dentro do próprio ambiente escolar, reconhecendo, investigando e coletando o que dizem as paredes com suas marcas, desenhos, cartazes?

O que dizem as paredes da sua escola? E as casas, muros, calçadas, paredes e portões do seu bairro ou do bairro ao redor da sua escola?

X Trilhas Reflexivas X

Caminhar observando o mesmo local de sempre, mas com atenção, pode mudar a perspectiva de percepção?

O quanto o cotidiano pode nos tirar a sensibilidade para perceber as coisas ao nosso redor?

Como rever, transver os espaços que habitamos cotidianamente?

X Coordenadas abertas X

Que tal propor a criação de trabalhos artísticos baseados na observação e coleta de informações em "caminhadas ativas" dentro da própria escola? Vocês podem:

- Coletar palavras presentes no espaço escolar e com elas criar poemas;
- Criar trabalhos visuais a partir da coleta de texturas com a técnica de frottage;
- Criar trabalhos que mesclam a linguagem visual e verbal

X Rotas Propositivas X

Dialogando com a palavra geradora Margem, que tal realizar um exercício de desenho de contorno de objetos ou pessoas?

Os estudantes podem se revezar deitando sobre um papel e realizando o desenho do contorno do corpo de cada um. Outra possibilidade é o uso da luz para produzir sombras, que podem ser realizadas em um dia ensolarado ou produzidas a partir da projeção de uma lanterna ou luminária. Essas são estratégias que possibilitam aos estudantes sair da figuração tradicional experimentando formas inusitadas de representação, a partir da distorção destas sombras. Um desmembramento da atividade

também pode ser realizado recortando estes contornos de figuras para trabalhar com o conceito de figura e fundo. Uma sugestão é a utilização de papéis de cores diferentes, a fim de que consigam identificar a diferença entre ambos.

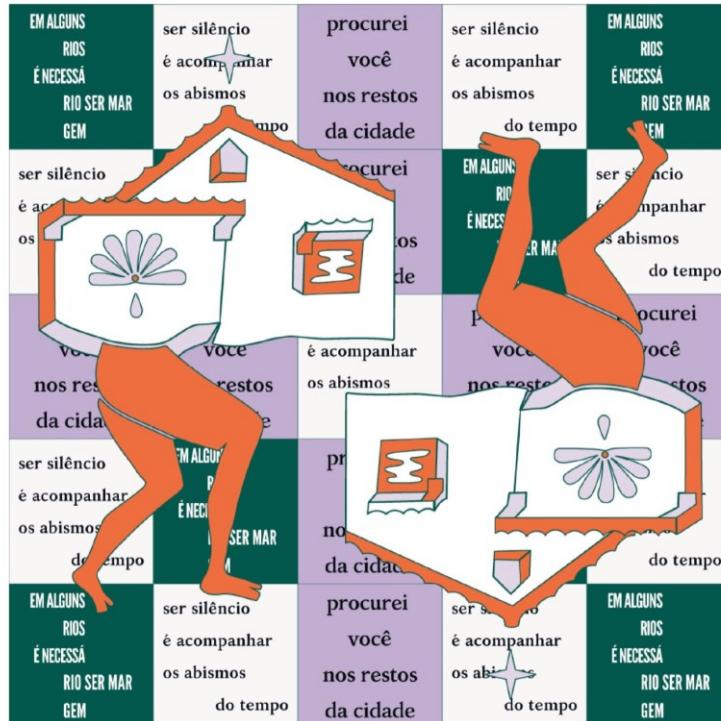
Os estudantes podem experimentar escritas de diversas palavras com linhas "desenhadas". Assim como fazem os artistas do graffiti, criando letras que se transformam em imagens que não conseguimos mais decifrar, como no estilo Wildstyle. Também podem criar poemas imagens como os artistas de poesia.

Criando poemas com palavras coletadas no espaço escolar

Coleta de palavras: os estudantes podem caminhar pela escola analisando as palavras que encontram escritas em cartazes, nas paredes etc. Anotam aquelas que lhes chamam mais atenção.

Em um segundo momento, recortam as palavras e fazem um sorteio, montando uma sequência, construindo um poema aleatório.

Em uma variação da proposta, os estudantes podem construir poemas trocando as palavras com seus pares.



margem

laboratório
labirinto

O Laboratório Labirinto surge pela necessidade dos artistas Milla Serejo e Tacio Russo de desenvolverem suas pesquisas que conversam entre arte, educação e o espaço urbano.

O Laboratório Labirinto se propõe a ser um canal aberto de troca de conhecimentos e realizações coletivas de ações artísticas que tenham a cidade como motriz principal. Atuando através de práticas artísticas que possam se desdobrar em micro e macro ações que interfiram no cotidiano urbano.

► Composição gráfica digital colaborativa entre os artistas Milla Serejo e Tacio Russo

Recife / Pernambuco

Título Necessário ser margem

Ano 2021

Técnica Impressão digital sobre papel

Dimensões 250x250cm

GRUDA!
ARTE PÚBLICA

@lab.labirinto

